

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TREINADOR DA SELEÇÃO
BRASILEIRA MASCULINA DE VOLEIBOL: PROCESSO DE
EVOLUÇÃO TÁTICA E TÉCNICA NA CATEGORIA INFANTO-
JUVENIL**

Por

Milton Aparecido Anfilo

**Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em
Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para Obtenção do Título de Mestre**

Florianópolis

Dezembro de 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA MASCULINA DE VOLEIBOL: PROCESSO DE EVOLUÇÃO TÁTICA E TÉCNICA NA CATEGORIA INFANTO-JUVENIL

Elaborada por **Milton Aparecido Anfilo**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo colegiado do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de:

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Florianópolis/SC, 12 de dezembro de 2003

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Viktor Shigunov
- Orientador -

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

Prof. Dr. Ricardo Weigard Coelho

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Alexandre, Flávia e Milena, pela compreensão, paciência e amor que sempre me demonstraram. Quero que saibam, que jamais esquecerei o apoio incondicional que recebi nos momentos mais difíceis que passamos juntos e que serviu para nos unir ainda mais

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela proteção e libertação;

Ao Professor Viktor Shigunov, pela orientação clara e segura, demonstrando sempre paciência, competência, atenção, disponibilidade, compreensão e amizade nas horas em que mais necessitei;

Ao Colégio Sagrada Família, através da Irmã Edites Bet, pela ajuda financeira recebida para a realização do curso, bem como pelo apoio, compreensão e confiança;

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, através do Centro de Desportos e Recreação, pela liberação de minhas atribuições profissionais, para a realização do curso;

À direção do Colégio Estadual Agrícola Augusto Ribas, pela liberação constante de minhas atribuições profissionais, bem como, pela compreensão e amizade de todos professores e funcionários;

Ao amigo Percy Oncken, pela oportunidade de realizar este relevante estudo na Seleção Brasileira, além de sua compreensão, amizade, paciência e boa vontade;

Aos profissionais da comissão técnica da Seleção Brasileira, e que se tornaram amigos: Hércio, Mançan, Antônio Cláudio, Flávio, Serenine, Cléssius, Eduardo, e Sérgio, pela atenção, compreensão e confiança;

Ao Professor Juarez Vieira do Nascimento, que acreditou em meu potencial desde o início, indicando-me cada caminho a ser percorrido, com atenção constante, amizade, consideração e principalmente, paciência;

Aos professores Ricardo W. Coelho, Giovani De Lorenzi Pires e Christi Noriko Sonoo, pela confiança em aceitar fazer parte da banca de avaliação, além das sugestões esclarecedoras e significativas, que muito contribuíram para o enriquecimento deste trabalho;

À minha irmã Tânia, pela luta incansável por minha felicidade;

Aos colegas de turma de mestrado, pelos momentos de incerteza, dificuldades e alegria que compartilhamos, além da companhia nas horas de estudo e diversão;

À Confederação Brasileira de Voleibol, pela permissão para a realização desta pesquisa com a Seleção Brasileira masculina Infanto-juvenil.

RESUMO

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA MASCULINA DE VOLEIBOL: PROCESSO DE EVOLUÇÃO TÁTICA E TÉCNICA NA CATEGORIA INFANTO-JUVENIL

Autor: Prof. Milton Aparecido Anfilo
Orientador: Prof. Dr. Viktor Shigunov

Este estudo de caso foi realizado com o objetivo de analisar a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil (15 a 17 anos) de voleibol, tendo em vista o novo paradigma técnico-tático da modalidade. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com o treinador e os integrantes da comissão técnica (7 pessoas), bem como filmagens de 45 sessões de treinamento técnico-tático realizadas no período preparatório, com a participação de vinte e dois atletas. Enquanto que os dados das entrevistas foram submetidos a análise de conteúdo, a análise das filmagens dos treinamentos foi realizada a partir de 143 diferentes tipos de atividades, divididas em nove categorias e utilizando-se dos recursos de estatística descritiva. Os resultados indicam que o atual treinador teve uma formação profissional influenciada pela experiência de atleta e treinador de voleibol e pela formação inicial. A sua prática pedagógica está fundamentada em concepções metodológicas tradicionais, desenvolvimentistas, sistêmicas e estruturalistas. No processo pedagógico, verificou-se que a principal metodologia utilizada foi a analítica (70%), onde as tarefas mais solicitadas foram as individuais (52%), iniciadas ou centralizadas no treinador (61%) e com o objetivo de melhorar a eficiência (49%) e a eficácia técnica (45%) dos atletas. A maior parte das atividades (83%) foi realizada na quadra de voleibol e o modo de participação dos atletas se deu preferencialmente de forma massificada (77%), além de evidenciarem o comportamento congruente (61%). A relação da comissão técnica com os atletas foi harmoniosa (61%) e respeitosa (31%). A concepção tática coletiva adotada acompanhou o processo de especialização de funções existente na modalidade. Ofensivamente, verificou-se que o único sistema de jogo utilizado foi o 5 x 1, utilizando jogadores especialistas em todas as funções táticas estabelecidas. O sistema de ataque implantado primou pela simplicidade e eficiência, apresentando características bastante ofensivas. No sistema de recepção de saque, a equipe utilizou dois ou três jogadores passadores prioritários. O sistema defensivo adotado sempre utilizava o jogador da posição seis recuado. Finalmente, o sistema de proteção ao ataque era realizado a partir de uma cobertura individual imediata e as demais possíveis. A pesquisa apontou que o processo de preparação da seleção brasileira foi realizado com muita competência, através de uma periodização correta dos treinamentos e uma seleção criteriosa dos atletas, que seguiu padrões internacionais como a altura, força física e recursos técnicos individuais.

Palavras-chave: voleibol, prática pedagógica, metodologias de treinamento, táticas individuais e coletivas.

ABSTRACT

THE PEDAGOGIC PRACTICE OF THE COACH OF THE MASCULINE BRAZILIAN NATIONAL TEAM OF VOLLEYBALL: PROCESS OF TACTICAL AND TECHNICAL EVOLUTION IN THE INFANTO-JUVENILE CATEGORY

Author: Prof. Milton Aparecido Anfilo

Advisor: Prof. Dr. Viktor Shigunov

This case study was accomplished with the objective of analyzing the coach of the juvenile masculine Brazilian National team pedagogic practice (15 to 17 years), trends in view the new technician-tactical paradigm of the modality (Volleyball). As instrument of collection of data, interviews semi-structured with the coach and the members of the technical commission were accomplished (7 people), as well as filmings of 45 sessions of technician-tactical training accomplished in the preparatory period, with the twenty-two athletes' participation. While the data of the interviews were submitted to the content analysis, the analysis of the filmings of the trainings was accomplished starting from 143 different types of activities, divided in nine categories and being used of the resources of descriptive statistics. The results indicate that the current coach had a professional formation influenced by his own athlete's experience, volleyball coach and for his initial formation. His pedagogic practice is based in traditional methodological conceptions such as, development, systemic and structure conceptions. In the pedagogic process, was verified that the main used methodology was analytic (70%), where the requested tasks were the individual ones (52%), initiate or centralized in the coach (61%) and with the objective of improving the efficiency (49%) and the technical effectiveness (45%) of the athletes. Most of the activities (83%) was accomplished in the volleyball arena and the way of the athletes' participation were basically of mass form (77%), besides they evidence the appropriate behavior (61%). The relationship of the technical commission with the athletes was harmonious (61%) and respectful (31%). The adopted collective tactical conception accompanied the process of existent specialization of functions in the modality. Offensively, was verified that the only system used in the game was 5 x 1, using specialist players in all the established tactical functions. The system of implanted attack excelled for the simplicity and efficiency, presenting offensive characteristics. In the system of draft reception, the team used two or three passers players. The defensive system adopted always used the player of the retreated position six. Finally, the protection system to the attack was accomplished starting from an immediate individual covering and the others possible. The research aimed that the process of preparation of the Brazilian national team was accomplished with a lot of competence, through a correct preparation of the training and a specific selection of the athletes, that followed international patterns as the height, forces physics and individual technical resources.

Key-Word: volleyball, pedagogic practice, training methodologies, individual and collective tactics.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii	
AGRADECIMENTOS	iii	
RESUMO	iv	
ABSTRACT	v	
LISTA DE ANEXOS	viii	
LISTA DE QUADROS	ix	
LISTA DE FIGURAS	x	
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO		
1.1	Formulação da situação problema	01
1.2	Objetivo do estudo	06
1.3	Justificativa	07
1.4	Questões norteadoras	10
1.5	Definição de termos	11
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA		
2.1	A trajetória do voleibol	13
2.2	O voleibol no Brasil	18
2.3	A evolução técnica e tática do voleibol	21
2.4	As metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento	32
2.5	Direção de equipe no voleibol	47
CAPITULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		
3.1	Caracterização do estudo	55
3.2	Sujeitos da pesquisa	56
3.3	Instrumentos e coleta de dados	57
3.4	Análise dos dados	59
3.5	Estudo piloto	60
3.6	Limitações do método	60

SUMÁRIO

CAPITULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1	A biografia do treinador	61
4.1.1	Fontes de conhecimento	64
4.2	O processo de preparação da equipe	66
4.2.1	A seleção dos atletas	71
4.2.2	A periodização dos treinamentos	76
4.3	A concepção metodológica	83
4.3.1	A prática pedagógica	89
4.3.2	A estrutura dos treinamentos	100
4.3.3	A relação treinador x atletas	108
4.4	A concepção tática coletiva	115
4.4.1	O sistema de jogo	117
4.4.2	O sistema de ataque	121
4.4.3	O sistema de recepção de saque	124
4.4.4	O sistema de defesa	127
4.4.5	O sistema de proteção ao ataque	131

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES	134
-------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
----------------------------	-----

ANEXOS	145
--------	-----

Listas de Anexos

Anexo 1	Posicionamento da equipe nas seis passagens	146
Anexo 2	Recepção de saque com 3 jogadores	147
Anexo 3	Recepção de saque com 2 jogadores	148
Anexo 4	Sistema de defesa nas posições 2 e 4	149
Anexo 5	Sistema de defesa na posição 3	150
Anexo 6	Posicionamento da equipe na proteção ao ataque	151
Anexo 7	Foto da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil	152
Anexo 8	Entrevista com Eduardo vidotti	153
Anexo 9	Entrevista com Flávio Márcio Marinho	154
Anexo 10	Entrevista com Cléssius Ferreira Santos	155
Anexo 11	Entrevista com Sérgio A. Camporani de Azevedo	156
Anexo 12	Entrevista com Percy Oncken	157
Anexo 13	Entrevista com Sérgio Mançan	162
Anexo 14	Entrevista com Antônio Luiz Prado Serenine	163
Anexo 15	Entrevista com Hélcio Nunam Macedo	164
Anexo 16	Entrevista com Antônio Cláudio de Rezende	165
Anexo 17	Termo de consentimento atletas	166
Anexo 18	Termo de consentimento pais	167
Anexo 19	Termo de consentimento Percy Oncken	168
Anexo 20	Autorização do supervisor da CBV	169
Anexo 21	Autorização superintendente da CBV	170
Anexo 22	Parecer do Comitê de Ética da UFSC	171

Listas de Quadros

Quadro 01	Categorias de treinadores dos esportes coletivos	51
Quadro 02	Constituição da comissão técnica	56
Quadro 03	Categorias de análise da pesquisa observacional	58
Quadro 04	Categorias de análise das entrevistas	59
Quadro 05	Composição da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil	75
Quadro 06	Resultados do Brasil no campeonato mundial	82
Quadro 07	Trabalhos técnico-táticos mais utilizados	93
Quadro 08	Trabalhos de correção técnica mais utilizados	106

Lista de Figuras

Figura 01	Função da tarefa	84
Figura 02	Classificação da tarefa	92
Figura 03	Identificação das atividades técnico-táticas	94
Figura 04	Conduta do treinador	96
Figura 05	Perfil do critério de êxito exigido dos atletas	97
Figura 06	Delimitação espacial das atividades	102
Figura 07	Modo de participação dos atletas	103
Figura 08	Número de participantes	104
Figura 09	Relação técnico-atletas	109
Figura 10	Conduta dos atletas	112
Figura 11	Posicionamento inicial da equipe	120
Figura 12	Jogadas combinadas mais utilizadas	123

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 – Formulação da situação problema

Na atualidade, o esporte tem sido considerado uma das manifestações culturais que, marcadamente, mais tem apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade.

De acordo com Canfield & Reis (1998), o esporte também se apresenta como uma manifestação social, além de se constituir em um fenômeno universal, pois “contém uma necessidade humana chamada jogo” (p.9).

Segundo Marchi (2001), a principal característica que identifica o desenvolvimento de um esporte é a sua capacidade de manter na prática, um equilíbrio entre as tensões, as emoções, os limites da violência, ou os possíveis danos a seus participantes sem, contudo, perder a sensação prazerosa da disputa. Esse é considerado um nível de maturidade esportiva refletido pela condição do processo de civilização de determinada sociedade.

Enquanto esporte coletivo, o voleibol representa uma manifestação cultural relevante na sociedade brasileira, apresentando algumas características específicas que o diferem dos demais jogos coletivos desportivos. Dentre essas características específicas, pode-se citar algumas relevantes: a impossibilidade de contato físico com o adversário; a composição das equipes com seis jogadores que se alternam entre ataque e defesa; a existência de uma rede dividindo as equipes; a proibição em se reter ou conduzir a bola; um número específico de

substituições por *set* e a participação de vários atletas da equipe nas ações do jogo em cada *rally*.

Essas características específicas o transformaram em um esporte altamente competitivo, possibilitando também que passasse a se constituir em uma excelente opção de lazer. Além disso, Odeneal & Kellam (1971) também o classificam como um esporte altamente educativo, podendo ser jogado por toda a vida, por ambos os sexos e idades diferentes, proporcionando amizades e companheirismo.

Neste mesmo pensamento, Suvorov & Grishin (1990a) afirmam que o voleibol desenvolve características educativas nos atletas, como a vontade de vencer, a busca de uma meta, a coragem e a perseverança. Ao desenvolver as capacidades volitivas dos atletas, sua prática proporciona a formação do caráter, personalidade, companheirismo, autopercepção, flexibilidade de raciocínio e independência, pois

o processo de preparação volitiva deve garantir a criação no desportista de uma relação positiva e estável diante das dificuldades que surgirem, tendendo sempre à superação da mesma, não só no esporte, mas também nos demais campos de sua atividade (p.30).

Além disso, o voleibol pode ser jogado em locais improvisados, com pouco material e por pessoas de qualquer faixa etária, inclusive de sexos diferentes no mesmo jogo, sendo que “uma das vantagens do voleibol é a variedade das formas lúdicas de jogo, podendo ser adaptado a diversos locais e sofrer alterações de regras, tamanho de quadra ou materiais utilizados normalmente” (Bizzocchi, 2000, p.53).

Para Carneiro (s/d), o voleibol se constituiu em um esporte completo, sendo que sua prática possibilita o desenvolvimento do espírito de grupo, de iniciativa e de decisão. Segundo este autor, a ausência do “contato com o adversário, de violência e suas regras específicas obrigam o jogador à observância natural de uma conduta de educar” (p.9).

Em se tratando de esporte de competição, o voleibol também se apresenta com características muito técnicas, com complexas variações táticas, exigindo de seus praticantes excelentes atributos físicos, motores e cognitivos. A destreza, a agilidade, o domínio de fundamentos básicos e gestos técnicos, além de concentração permanente, também são atributos necessários aos seus adeptos.

Segundo Bizzocchi (2000) tal complexidade dificulta seu entendimento e a sua prática eficiente por boa parte dos entusiastas e praticantes da modalidade, pois sua maior dificuldade reside no fato de “envolver habilidades não naturais ou construídas” (p.51).

O voleibol possui ainda um conjunto de regras complexas, o que impõe em jogos oficiais, a presença de árbitros. Na mecânica de jogo, o principal objetivo das equipes se constitui em sobrepujar a equipe contrária, colocando a bola no chão, dentro do espaço de jogo do adversário, ou evitar que o mesmo devolva a bola, forçando-o ao erro.

No voleibol, as equipes são constituídas por seis jogadores titulares, que se alternam nas posições da quadra, através de um rodízio, o que se constitui um pequeno jogo em cada troca de posição ocorrida, pois cada passagem prenuncia uma situação diferente. Somando-se a isso e condicionadas pelas características específicas do regulamento, como a existência de posições de ataque e defesa, as equipes passaram a desenvolver diferentes estratégias táticas visando sobrepujar o adversário da maneira mais eficiente possível.

Neste sentido, foi criada uma variedade de sistemas táticos ao longo dos anos, o que modificou completamente a forma de jogar das equipes, tornando o voleibol um esporte atual, competitivo e dinâmico. Para acompanhar essa evolução permanente, e, buscando manter o interesse da mídia pelo voleibol, fez-se necessário que houvesse uma adaptação permanente nos regulamentos da modalidade, a fim de preservar o equilíbrio entre as equipes e a sua qualidade técnica, tática e motivacional, enquanto espetáculo esportivo na qual foi transformado.

Assim, verificou-se ao longo dos anos, importantes modificações no regulamento do voleibol como: a alteração na forma de pontuação do jogo, que passou do sistema de vantagem para pontos corridos; a liberação da defesa com qualquer parte do corpo; o aumento da zona de saque e a introdução do líbero. Outras modificações importantes também alteraram o cenário competitivo deste esporte coletivo, tais como a proibição do bloqueio de saque, a possibilidade de defesas com toque por cima, o aumento do tempo para execução do saque e a alteração na forma de penalização dos atletas.

Neste contexto, tais alterações promoveram uma revolução técnica e tática no esporte, pois as equipes passaram a desenvolver estratégias de jogo, que

viessem de encontro à nova regulamentação implantada. Essas estratégias acarretaram em um processo de especialização técnica dos atletas,

através do melhor aproveitamento de suas potencialidades individuais, e o aperfeiçoamento constante dos principais fundamentos do voleibol, com o objetivo de melhorar o desempenho e a eficiência da equipe [...], ou seja, com a utilização consciente de técnica individual, coordenada e adaptada às regras do jogo [...] otimizando a própria atuação (Bizzocchi, 2000, p. 117).

Neste novo paradigma, os jogadores de voleibol passaram a se especializar em funções técnicas específicas, de acordo com suas características e também, pelas necessidades táticas das equipes. Dessa forma, surgiram os jogadores especialistas em ataques¹, bloqueios², recepção de saque³, defesas, levantamentos e saque.

O principal fator que motivou esse processo, é que no jogo de voleibol, cada posição da quadra prenuncia uma situação diferente, pois em cada rotação, o atleta se obriga a executar uma nova função. Assim, é necessário que os mesmos apresentem uma grande variedade de recursos técnicos para desempenhar com eficiência as funções técnicas e táticas que cada situação exige.

Como é muito difícil conseguir essa eficiência uniforme de um jogador, em todas as posições e situações de jogo, os treinadores passaram a se utilizar da especialização técnica de seus atletas, como variações e estratégias táticas, promovendo trocas de posições entre os mesmos. Tais trocas têm como principais objetivos, colocar cada atleta na posição na qual apresente maior habilidade, se sinta mais a vontade e desempenhe com mais eficiência suas funções.

Essa revolução técnica e tática modificou completamente a prática pedagógica e os métodos de treinamento dos treinadores da modalidade, que passaram a adotar estratégias metodológicas mais especializadas, privilegiando o trabalho coletivo, o aprimoramento das habilidades e das potencialidades de seus atletas. Estas novas metodologias de treinamento promoveram também a

¹ Ataques de bolas de entrada, meio, saída e do fundo da quadra.

² Bloqueios de entrada, meio e saída.

³ Líbero e atacantes que também exercem a função de passadores.

evolução tática das equipes, que passaram a utilizar melhor as características individuais de seus atletas para melhorar a eficiência de seus sistemas táticos e a sua competitividade.

Este processo de especialização dos atletas, de evolução da prática pedagógica e das concepções de treinamento, ocorreu também nas categorias menores, principalmente aquelas que se encontram na fase de aperfeiçoamento, ou seja, na categoria infanto-juvenil, que segundo a Confederação Brasileira de Voleibol, vai dos 14 aos 17 anos.

Nesta categoria, que Canfield & Reis (1998) definem como uma idade de transição, pode-se afirmar que as funções técnicas dos atletas devem ser aperfeiçoadas num esquema de utilização mais completa e eficaz nas ações coletivas de toda a equipe. Neste mesmo pensamento, Suvorov & Grishin (1990b) afirmam que os treinamentos técnicos da categoria infanto-juvenil devem envolver todos os fundamentos relacionados entre si, sempre acompanhados de constantes orientações táticas.

Confirmando esse pensamento, verificou-se que a maior parte dos jogadores que participam das principais competições promovidas pela Confederação Brasileira de Voleibol nesta categoria, já estão adaptados aos complexos sistemas táticos utilizados pelas equipes juvenis e adultas. Assim, a maioria das equipes infanto-juvenis já adotou o sistema de jogo 5 x 1, a recepção de saque com três atletas, o bloqueio triplo, o líbero, as fintas e jogadas combinadas, além do sistema de defesa com centro recuado e dos ataques do fundo da quadra.

A partir dessa nova realidade, tornou-se importante analisar de que maneira os treinadores que trabalham nesta categoria estão desenvolvendo sua prática pedagógica e quais concepções metodológicas estão influenciando essa prática. É necessário que os treinadores que estão atuando neste novo modelo, saibam operar de maneira racional e eficiente seu processo de treinamento, a fim de não prejudicar a formação motora, afetiva, cognitiva e emocional de seus atletas.

Diante do exposto, a presente investigação foi realizada para responder ao seguinte problema: como pode ser caracterizada a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol, na categoria infanto-juvenil, no que se refere às novas técnicas e táticas da modalidade?

1.2 - Objetivos:

1.2.1 - Objetivo geral

- Analisar a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, a partir das alterações nas regras oficiais e da evolução tática e técnica do esporte.

1.2.2 - Objetivos específicos

- Investigar quais são as principais metodologias de treinamento técnico-tático utilizadas nos treinamentos da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil;
- Identificar como é desenvolvida a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil no que diz respeito às estratégias metodológicas adotadas;
- Verificar quais os sistemas táticos ofensivos e defensivos estão sendo empregados pela Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil;
- Indicar o nível de adaptação do treinador e sua comissão técnica, com relação às principais alterações promovidas nas regras do voleibol e a especialização de funções ocorrida na modalidade;
- Determinar as estratégias táticas e os sistemas de avaliação utilizados pela comissão técnica da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil;
- Verificar como se desenvolve a relação da comissão técnica com os atletas durante o processo de preparação.

1.3 – Justificativa

Além de constituir-se em excelente atividade recreativa, o voleibol sofreu um processo de evolução técnica e tática permanente, transformando-se em um esporte coletivo altamente competitivo, com complexas variações técnicas e táticas.

Essa evolução técnica e tática foi impulsionada pela modernização das regras oficiais da modalidade, pelo desenvolvimento dos sistemas táticos e das metodologias de treinamento dos treinadores, que promoveram um processo de especialização técnica dos jogadores da modalidade. Esse processo de evolução, que dinamizou a mecânica do jogo de voleibol, foi implantado com o objetivo de diminuir a diferença técnico-tática entre as equipes, aumentar o número de praticantes e atrair a indústria cultural esportiva para investir na modalidade.

Para se adaptar a esse novo paradigma, os treinadores da modalidade modificaram seus planos de treinamento, metodologias de ensino e estratégias de jogo. Neste sentido, verificou-se que os atletas da modalidade passaram a ser submetidos a um processo de especialização técnica, que teve como principal objetivo, maximizar suas características individuais e suas potencialidades técnicas, em benefício da eficiência tática da equipe.

Este processo de especialização técnica ocorreu também nas categorias menores, modificando a prática pedagógica dos treinadores e a formação técnica dos jogadores mais jovens. Tais atletas ainda em formação motora, afetiva, social e cognitiva, também passaram a ser submetidos a um processo de especialização técnica, nos mesmos moldes dos jogadores juvenis e adultos.

Assim, verificou-se que os treinadores que trabalham com a categoria infanto-juvenil foram obrigados a adaptar-se ao novo paradigma metodológico e tático da modalidade, a fim de acompanhar a evolução ocorrida na modalidade.

Neste sentido, sabe-se que a referência técnica e tática que serve de parâmetro para a evolução de uma modalidade esportiva, constitui-se em sua seleção nacional, de acordo com cada categoria e gênero. Isso se justifica pelo fato de, nas seleções nacionais, encontrarem-se os melhores profissionais, a melhor estrutura e a comissão técnica mais habilitada para desenvolver o trabalho

específico, principalmente nos esportes que tradicionalmente apresentam os melhores resultados internacionais, como o voleibol.

Assim, deve-se considerar como relevante à divulgação para toda a comunidade científica e profissional que trabalha na área da Educação Física, e principalmente com os treinadores de voleibol, como é desenvolvida a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira e sua comissão técnica.

Essa relevância justifica-se, pela constante participação de Seleções Brasileiras em competições internacionais, acompanhando continuamente as inovações implementadas pelas demais seleções. Neste sentido, as equipes nacionais se obrigam a utilizar modernas metodologias de treinamento e estratégias de jogo, para terem condições de acompanhar essa evolução técnica e tática permanente do esporte.

No Brasil, o voleibol transformou-se na segunda modalidade esportiva mais praticada pela população, além de ter conquistado, ao lado do futebol, os mais expressivos resultados internacionais. Especialmente no voleibol masculino, as equipes brasileiras conquistaram respeito e admiração ao longo dos anos, além de importantes títulos mundiais, como as Olimpíadas de 1992, o mundial adulto de 2002, o tri-campeonato da liga mundial de seleções em 2003, além de outras importantes conquistas internacionais.

Esse retrospecto transformou o voleibol masculino brasileiro em uma das principais escolas do voleibol mundial, passando a servir de modelo para os demais países, pois uniu de forma inédita a criatividade dos brasileiros, a velocidade dos asiáticos, a força dos europeus, a disciplina e cientificidade americana, além da garra latina.

O sucesso, o respeito e a admiração que o voleibol brasileiro adquiriu mundialmente, só foi possível devido à qualidade técnica dos atletas, o profissionalismo e a competência dos que trabalham na modalidade. Esse profissionalismo possibilitou uma formação contínua de jogadores talentosos, revelados nas divisões inferiores e que, pouco a pouco, foram se integrando à equipe adulta, mantendo-a renovada e competitiva.

A categoria infanto-juvenil masculina tem contribuído com esse sucesso, através da formação e da revelação de novos jogadores, bem como, pelas conquistas internacionais obtidas ao longo dos últimos quinze anos, onde obteve seis títulos mundiais. Conforme informações oficiais da Confederação Brasileira

de Voleibol (CBV), 90% dos atletas pertencentes à equipe brasileira adulta, campeã mundial em 2002, foram revelados nas seleções menores, infante e juvenil.

Neste sentido, o trabalho de formação e de revelação de novos atletas que o treinador vem realizando ao longo dos anos na Seleção Brasileira masculina infante-juvenil, deve ser reconhecido como uma grande contribuição ao voleibol nacional, devido aos valores descobertos e a revolucionária e vitoriosa metodologia de treinamento adotada, que já contempla reconhecimento internacional.

Assim, o presente estudo justifica-se pela relevância em identificar-se as concepções metodológicas que fundamentam essa revolucionária metodologia de treinamento atualmente desenvolvida pelo treinador da Seleção Brasileira e sua comissão técnica. Além disso, tornou-se importante também verificar como este treinador desenvolve sua prática pedagógica e a influência desta no processo de especialização técnica dos atletas e formação tática da equipe.

O atual treinador Prof. Percy Onken, foi treinador auxiliar da Seleção Brasileira masculina Infante-juvenil no período de 1991 e 1992, sendo que a partir de 1993, assumiu o comando da equipe, onde permanece até o presente momento. Neste período, conquistou uma infinidade de títulos internacionais para o Brasil, perfazendo a impressionante marca de setenta e quatro vitórias e apenas três derrotas.

Além de desempenhar as funções de treinador de voleibol desde 1984, é também professor da disciplina de voleibol, dos cursos de licenciatura em Educação Física e de bacharelado em Ciências do Esporte, da Universidade Estadual de Londrina-Pr. Na formação continuada, destaca-se o curso nível III da Federação Internacional de Voleibol e credenciamento da Confederação Brasileira de Voleibol para ministrar cursos de voleibol em eventos científicos no Brasil e no exterior.

Desta maneira, acredita-se que a realização deste estudo de caso com o treinador nacional e respectiva comissão técnica poderá contribuir com a evolução e o aperfeiçoamento da prática pedagógica dos treinadores que trabalham com a modalidade. Desta mesma forma, essa investigação possibilitará também o acesso às metodológicas de treinamento existentes, o que vem de encontro às metas da CBV e da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), que

é a universalização e a democratização de um referencial teórico consistente do voleibol.

Finalmente, esta pesquisa também justifica-se pela pequena quantidade de estudos existentes relacionados à prática pedagógica de treinadores e as metodologias de ensino do voleibol na categoria infanto-juvenil. Assim, espera-se que o trabalho desenvolvido pelo treinador selecionado, certamente se constituirá em um referencial teórico pertinente com relação ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol, especificamente na categoria infanto-juvenil masculina.

1.4 – Questões norteadoras

Esta investigação pretendeu responder as seguintes indagações:

- Quais são as principais metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem-treinamento na Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil?
- Como se desenvolve e se fundamenta a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil?
- Quais são os sistemas táticos ofensivos e defensivos implantados na Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil?
- Qual é o nível de adaptação da prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, com relação às principais alterações nas regras oficiais da modalidade ocorridas na última década?
- Quais foram os critérios de seleção utilizados pela comissão técnica da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil na convocação dos atletas?
- Quais foram as estratégias táticas e os sistemas de avaliação utilizados pela Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil?

1.5 – Definição de termos

Abordagens pedagógicas: podem ser definidas como movimentos engajados na renovação teórico-prática com o objetivo de estruturação do campo de conhecimentos específicos da Educação Física. (Azevedo & Shigunov, 2001).

Categoria Infanto-juvenil: de acordo com a Confederação Brasileira de Voleibol é disputada por atletas com idade entre 14 e 17 anos.

Especialização esportiva: refere-se à escolha de uma modalidade em que a criança pretende se especializar, concentrando todos seus esforços. (Tani, 2002).

Finta: é a ação de ludibriar o bloqueio e a defesa adversária. (Daiuto, 1967 e Borsari & Facca, 1974).

Metodologia de ensino: segundo Daiuto (1974), caracteriza-se pelo conjunto de meios dispostos convenientemente para dirigir a aprendizagem. (Daiuto, 1974).

Prática Pedagógica: caracteriza-se pelo cotidiano do professor na preparação e execução do ensino. (Cunha, 1995 in Farias, Shigunov & Nascimento, 2001).

Preparação tática: é a arte de dispor de todos os recursos disponíveis para explorar ao máximo os pontos fracos do adversário e minimizar as próprias deficiências [...] conjunto de procedimentos que irá assegurar ao atleta ou à equipe a utilização dos princípios técnicos mais adequados a cada situação da competição ou do adversário. (Dantas, 1998).

Preparação técnica: caracteriza-se pelo conjunto de procedimentos e conhecimentos capazes de propiciar a execução de uma atividade específica, de complexidade variável, com o mínimo de desgaste e o máximo de sucesso. (Dantas, 1998).

Sistemas de Avaliação: caracterizam-se pela identificação e compreensão dos princípios estruturais do jogo, dos critérios de eficácia de rendimento individual e coletivo, além dos modelos de preparação. (Moutinho, 1991).

Sistemas de Defesa: as formações defensivas constituem a maneira de uma equipe organizar-se para neutralizar as ações ofensivas adversárias. (Bizzocchi, 2000).

Sistemas de Jogo: é a forma como a equipe distribui funções e o número de atacantes e levantadores entre os seis jogadores em quadra. (Bizzocchi, 2000).

Sistemas de recepção: é representada pela distribuição dos jogadores de uma equipe em quadra, para receber o saque adversário. (Bizzocchi, 2000).

Tática coletiva: é a maneira como a equipe se organiza nos seus sistemas táticos ofensivos e defensivos, bem como faz a transição de um para o outro. (Araújo, 1994).

Tática individual: trata-se da capacidade que o jogador tem de discernir e conduzir-se no desempenho das suas atribuições, diante das diversas situações de jogo. (Araújo, 1994).

Treinador: é o elemento que possui a capacidade para melhorar o desempenho técnico individual dos jogadores. (Guilherme, 1979).

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo teve a pretensão de apresentar a trajetória do voleibol e conhecer diferentes abordagens sobre este esporte, na tentativa de melhor compreender como se deu sua evolução e a produção do conhecimento na área. A revisão bibliográfica permitiu contextualizar, a priori, a temática da presente pesquisa, facilitando a categorização dos resultados, tendo em vista que o eixo do estudo referiu-se à evolução técnica e tática do voleibol, as principais metodologias de ensino e a prática pedagógica do treinador.

Nesse contexto, a presente revisão de literatura fundamentou-se especificamente nos seguintes tópicos: a trajetória do voleibol; o voleibol no Brasil; a evolução técnica e tática do voleibol; as metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol e a direção de equipe no voleibol.

2.1 - A trajetória do voleibol

O voleibol teve origem nos Estados Unidos da América em 1895, na cidade de Holyoke, Massachusetts, com o nome inicial de *Minonette*⁴. Seu idealizador foi o diretor do Departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) local, William George Morgan⁵.

⁴ Segundo Borsari (1989) e Bizzocchi (2000), esse nome foi alterado para volleyball, que significava “toque de voleio”, inspirado no tênis.

⁵ Segundo Daiuto (1967), Macgregor (1977), Guilherme (1979), Carneloço (s/d) e Frascino (s/d).

Bizzocchi (2000) apresenta ainda a versão de Harold Caith, para quem o voleibol é uma adaptação americana do Faust Ball, um jogo alemão de voleio, que se utiliza de rede separando as equipes e é jogado por até nove jogadores em cada lado.

O surgimento do voleibol ocorreu, segundo Bizzocchi (2000), diante da necessidade de motivação dos associados da ACM, que era constituída em sua maioria, por homens de negócios na faixa etária entre quarenta e cinqüenta anos, que não se adaptavam ao esforço e o contato físico do basquetebol, bem como aos exercícios calistênicos, que não eram satisfatórios para aquela faixa etária, principalmente no inverno.

Neste sentido, conforme Borsari e Facca (1974), Morgan considerou a improvisação de uma atividade mais suave, que fosse desenvolvida de maneira recreativa, na forma de um jogo de quadra, porém sem o contato físico do Basquetebol, estabelecendo “que a bola deveria ser mantida no ar, por meio de toques, procurando-se enviá-la ao campo adversário sobre uma rede” (p.53).

De acordo com Marchi (2001), Morgan apontou o voleibol como um processo poderoso de aproximação entre as pessoas, que primando pelas características dos esportes coletivos, incentiva o espírito de corporação imprescindível à consistência de toda a organização social.

Para Daiuto (1967), Morgan criou o voleibol com um sentido eminentemente educativo, para servir de recreação, sendo que Frascino (s/d) classificou o jogo de voleibol como “um esporte competitivo de altíssimo gabarito e [...] recreação das melhores” (p.15).

O voleibol foi idealizado, segundo Borsari (1989) com características de precisão e movimentação, dentro dos princípios de simplicidade, praticidade, separação entre equipes e participação equivalente de todos os participantes. Segundo ele, os fatores educativos e recreativos constituem-se nos principais objetivos de sua criação, porém, verificou-se que o mesmo rapidamente se “transformou em um esporte atlético, obrigando os jogadores a executar movimentos rápidos e violentos com muita habilidade e raciocínio” (Borsari, 1989, p.9).

Em sua proposta inicial, o voleibol era disputado em 9 pontos, em uma quadra que era dividida por uma rede semelhante à do tênis, com uma altura aproximada de 1,90 metros, sobre a qual rebatia-se uma câmara de bola de

basquetebol. A primeira bola utilizada no jogo foi de basquetebol, a qual foi considerada muito pesada, sendo substituída por uma câmara de bola, que com o tempo, tornou-se muito leve.

Entre as primeiras especificações do voleibol, Marchi (2001) destaca que o número de participantes não era limitado, mas deveria haver a mesma quantidade dos dois lados. Os jogadores executariam um rodízio, de forma a garantir passagem de todos pela zona do saque, que deveria ser executado com um dos pés sobre a linha de fundo da quadra, sempre que uma equipe cometesse uma falta.

Esta característica específica do voleibol, que obriga todos os jogadores a passarem por todas posições da quadra, aliada a ausência de contato direto com o adversário, e de violência, transformou-o em um esporte eminentemente educativo, pois, segundo Carneleço (s/d) “são fatores que obrigam o jogador à observância natural de uma conduta de educar” (p.9).

Pelos registros históricos da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), a primeira quadra de voleibol media 15,24 metros de comprimento e 7,62 metros de largura, com a rede medindo 0,61 metro de largura por 8,235 metros de comprimento, tendo uma altura do solo até a borda superior de 1,98 metros. A bola era confeccionada de uma câmara de borracha coberta de couro ou lona clara, portando uma circunferência de 63,7 centímetros e um peso variando entre 252 a 336 gramas.

Para Carneleço (s/d), a partir de 1900 o regulamento do voleibol foi se aperfeiçoando, com o objetivo de tornar o esporte mais dinâmico, agradável e técnico, bem como, para conquistar novos adeptos. Assim, houve uma padronização da bola, o set passou a ser disputado em 21 pontos, a rede passou a ter a medida de 2,28 x 0,91 metros e a altura de 2,13 metros e a quadra passou a medir 18,18 x 10,16 metros.

Fraschino (s/d) relata que a difusão do voleibol na América e na Ásia deveu-se aos núcleos da ACM, tendo o esporte chegado ao Canadá em 1900, a Cuba em 1905, ao Japão e China⁶ em 1908, a Porto Rico em 1909 e ao Uruguai, Filipinas e Peru em 1910. Em 1916, o voleibol chegou à Europa, Rússia, Tchecoslováquia e Países Bálticos.

⁶ Segundo Bizzocchi (2000), o voleibol chegou na China somente em 1920.

Neste processo de evolução do voleibol, a partir de 1917 ficou estabelecida que a altura da rede para o sexo masculino e o feminino passaria para 2,44 metros e 2,24 metros, respectivamente, e os sets passaram a ser jogados em 15 pontos⁷. No ano seguinte, determinou-se o número máximo de seis jogadores em cada equipe.

Em 1921, as dimensões da quadra foram estipuladas em 18 x 9 metros; em 1922 os três toques por equipe foram regulamentados e, em 1928, segundo Borsari & Facca (1974), foram regulamentados o bloqueio, a posição dos jogadores e a manchete. A Confederação Sul-americana de voleibol foi criada em 12/02/1946.

Em 1947 é criada⁸ a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), através da união de 14 países⁹, com a proposta inicial de difundir o voleibol pelo mundo, bem como, para defender os interesses das federações nacionais filiadas.

A partir da criação da FIVB, o voleibol foi se organizando, sendo que os primeiros Campeonatos Mundiais, masculino e feminino foram realizados, respectivamente, em 1949 na Tchecoslováquia e em 1952 na extinta União Soviética. A primeira participação do voleibol em uma Olimpíada¹⁰ aconteceu em 1964, em Tóquio, com a presença de dez equipes masculinas e seis femininas, sendo que os primeiros campeões olímpicos foram a União Soviética¹¹ no masculino e o Japão¹² no feminino.

Superado o período de criação, expansão e afirmação do voleibol, pode-se destacar as décadas de 60 e 70, como as mais relevantes para a sua evolução, período este, que alavancou a sua universalização e espetacularização. A partir do início da década de oitenta, a FIVB se fortaleceu, passando a ter mais de

⁷ Segundo Borsari & Facca (1974) o set de 15 pontos, jogado no sistema de vantagem foi regulamentado em 1925.

⁸ Segundo Marchi (2001) os primeiros passos para a criação da FIVB foram dados entre 1928, 1930 e 1936, sendo que sua criação se deu em 1946, tendo o primeiro nome de comitê organizador. Segundo Carneleço (s/d) e Daiuto (1967), a criação da FIVB ocorreu em 20/04/47, em Paris.

⁹ Bélgica, Brasil, Tcheco-Eslováquia, Egito, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Itália, Iugoslávia, Polônia, Portugal, Romênia e Uruguai.

¹⁰ Segundo Borsari (1989) em 1957 o voleibol foi aceito como esporte Olímpico facultativo e segundo Bizzocchi (2000), foi aceito como esporte Olímpico, no congresso de Sofia (Bulgária).

¹¹ União Soviética – Tchecoslováquia – Japão – Romênia – Bulgária – Hungria – Brasil – Holanda.

¹² Japão – União soviética – Polônia – Romênia – Estados Unidos – Coreia.

cento e cinquenta nações filiadas, criando inúmeras competições internacionais, transformando o voleibol em um dos esportes mais praticado em todo o mundo.

Em 1984, Rúben Acosta assumiu a presidência da FIVB, vendendo vários eventos internacionais para a televisão, com patrocinadores fortes e prêmios milionários. Em 1986, a FIVB anunciou a criação de novos campeonatos de voleibol de praia, oficializando novo recorde de países filiados, num total de 163 associações de voleibol.

Em 1988, com a filiação de 14 novos membros, a FIVB passa a ser constituída por 177 federações nacionais. Naquele ano, Ruben Acosta reelege-se presidente e novas competições mundiais são criadas, como a Copa do Mundo Juvenil, o Torneio do Grand Prix, a Copa do Mundo para Clubes e a Copa FIVB para países pequenos.

A partir de 1990 a FIVB passou a promover a Liga Mundial de Voleibol, com o objetivo de profissionalizar definitivamente o esporte, aumentar o intercâmbio entre as nações e valorizar o calendário de competições da entidade. Assim, a partir de 1993, a entidade passou a oferecer a premiação de um milhão de dólares para os vencedores da competição.

De acordo com Bizzocchi (2000), em 1998 a FIVB contava com o número recorde de duzentos e dez países filiados e uma média de quinhentos milhões de praticantes em todo o planeta. Para Marchi (2001), essa transformação do voleibol em esporte universal, possibilitou a FIVB, visando sua consolidação em todo o mundo, traçar as seguintes metas:

- a) Servir e satisfazer as necessidades das Federações Nacionais;
- b) Obter uma participação efetiva e eficiente das Federações Nacionais;
- c) Estabelecer de maneira clara e prática, condições financeiras, organizacionais e técnicas para as competições da FIVB;
- d) Unificar anualmente um planejamento de competições, dando prioridade para competições de interesse financeiro e/ou promocional;
- e) Promover o voleibol como uma atividade de massa;
- f) Promover o voleibol como um esporte-show.

A FIVB também passou a se preocupar em fortalecer a prática do voleibol por todas as camadas da população, inserindo-o nos sistemas educacionais, o

que se pode denominar de “escolarização da prática”. Além disso, também é interesse da FIVB promover a divulgação do esporte nas diversas esferas da sociedade, o que pode ser entendida como um “processo de massificação”.

A partir do ponto de vista comercial e profissional, a FIVB tem a intenção de envolver o voleibol com as diferentes fontes de recursos financeiros e promocionais. Esse objetivo tem buscado sua inserção junto à indústria midiática, o que pode ser denominado como um processo de “espetacularização do esporte”.

2.2 – O voleibol no Brasil

Segundo Marchi (2001) e Carneço (s/d), o voleibol chegou ao Brasil¹³ em 1917, através da ACM de São Paulo. Gradativamente foi se firmando no cenário esportivo nacional como o esporte mais jogado no país depois do futebol, além de se firmar como conteúdo obrigatório da disciplina de Educação Física do ensino fundamental e médio.

Inicialmente esse novo esporte não encontrou grande difusão no país, existindo registros¹⁴ que confirmam que o Fluminense F.C foi uma das poucas associações esportivas que buscaram ofertar aos seus associados, oportunidades de vivenciarem a modalidade, através de torneios dirigidos para os clubes filiados à então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.

No Rio de Janeiro, em 1924, ocorreram os primeiros torneios oficiais da modalidade, promovidos pelo Departamento de Voleibol da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. Somente em 1944 foram realizados os primeiros Campeonatos Brasileiros Adulto¹⁵ e em 1954 foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), com o objetivo de difundir e desenvolver o esporte no país.

¹³ Para Borsari e Facca (1974), Frascino (s/d) e Borsari (1989) o voleibol chegou ao Brasil em 1916. Nos registros da CBV, o voleibol já era praticado em Pernambuco a partir de 1915.

¹⁴ Segundo Daiuto (1967), Macgregor (1977) e Marchi (2001).

¹⁵ Segundo Borsari e Facca (1974), Borsari (1989) e Bizzocchi (2000), com a participação de seis equipes femininas e 10 masculinas.

A partir da década de sessenta, com a criação da CBV, o voleibol brasileiro começa a se consolidar, passando a ser um dos esportes mais praticados no país, sendo que, neste período, as equipes brasileiras passaram a conquistar vários títulos internacionais importantes¹⁶.

Em 1975, Carlos Arthur Nuzman é eleito presidente da CBV, apostando na idéia de que o marketing e o esporte poderiam caminhar juntos. Assim, implantou um novo modelo administrativo, com a inclusão de empresas no processo de contratação de jogadores, os quais eram registrados como funcionários.

Em 1978, devido à falta de patrocínios, começa a haver uma fuga de atletas brasileiros para a Itália. Para tentar diminuir essa migração, é aprovada a utilização de publicidade nas camisetas das equipes, sendo que a Pirelli, de Santo André, logo acredita na idéia, e traz de volta os principais atletas brasileiros que estavam atuando na Europa.

Aproveitando esse momento, as empresas começam a apostar no retorno econômico do voleibol através da mídia, comprando espaços de divulgação nas transmissões de televisão. Com a contribuição da Rede Bandeirante de Televisão, através de seu diretor esportivo, Luciano do Valle, os jogos de voleibol passam a ser transmitidos diariamente pela televisão, encontrando grande aceitação popular.

A partir de 1982, o voleibol vivenciou a uma explosão de popularidade¹⁷ no Brasil, principalmente na categoria adulta masculina, com o surgimento de vários “astros” do esporte, devido ao apoio da mídia esportiva. Neste período, as equipes brasileiras conquistaram uma série de títulos importantes¹⁸, além da medalha de Prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, perdendo apenas para a equipe da casa, que dominou o cenário do voleibol masculino mundial, durante toda a década de oitenta.

Nesta década, o Brasil surpreendeu as demais equipes ao implementar o ataque do fundo da quadra realizado com velocidade, além do saque em suspensão. Este saque, denominado de “viagem ao fundo do mar”, se

¹⁶ Vice-Campeão Pan-americano masculino (1958, 1967, 1975, 1979); campeão Pan-americano masculino (1963); Campeão Pan-americano feminino (1959), dentre outros títulos não citados.

¹⁷ Segundo Bizzocchi (2000), em 1993 31% dos homens e 42% das mulheres preferiam o voleibol aos demais esportes.

¹⁸ 1982 – Vice-campeonato mundial da Argentina e o Mundialito do Rio de Janeiro; 1983 – Pan-americano de Caracas; 1984 – Mundialito de São Paulo.

transformou no primeiro ataque das equipes, passando a ser muito mais valorizado enquanto fundamento ofensivo até o presente momento.

Com relação ao ataque do fundo da quadra, o Brasil inovou na forma de sua execução, pois o mesmo já vinha sendo adotado por várias equipes desde a Olimpíada de Montreal, quando a Polônia popularizou esta estratégia ofensiva. O Brasil passou a utilizar essa jogada com vários jogadores ao mesmo tempo, e em velocidade, como parte integrante das jogadas combinadas da equipe, dificultando ainda mais o trabalho de bloqueio adversário.

Em 1993 a Seleção Brasileira masculina quebra a hegemonia italiana na Liga Mundial ao vencer a Rússia na final, em São Paulo. Novamente o voleibol se transforma em novo fenômeno de popularidade no Brasil, tornando seus jogadores “garotos-propaganda” de uma infinidade de produtos.

A partir desse momento, o Brasil se firmou ainda mais como uma potência do voleibol internacional. No sexo masculino, passou a disputar os principais títulos internacionais, em todas as categorias, conquistando somente na categoria adulta, inúmeros torneios sul-americanos, pan-americanos, um título olímpico, um campeonato mundial e três títulos da liga mundial.

No feminino, o voleibol também se afirmou como esporte de massas em nosso país, sendo que internacionalmente a equipe brasileira adulta já domina o continente sul-americano, disputando a hegemonia pan-americana com cubanas e americanas. As principais conquistas internacionais da seleção brasileira adulta feminina foram os três títulos do *grand prix*, conquistados a partir de 1994.

O grande sucesso obtido pelo voleibol no Brasil é resultado da organização e profissionalismo dos dirigentes responsáveis pela administração da CBV. Segundo a FIVB, a CBV é hoje a federação nacional mais bem sucedida do mundo, possuindo vinte e sete federações estaduais filiadas, 85.125 atletas de voleibol de quadra e 2.856 atletas de vôlei de praia federados. (Marchi, 2000).

Cada federação nacional filiada a FIVB tem a autoridade de firmar contratos, realizar eventos e adquirir direitos dentro dos limites definidos pela legislação nacional, embora respeitando e reconhecendo as regras dos estatutos e suas obrigações para com a FIVB. Neste sentido, foi através do dinamismo administrativo que a CBV transformou o voleibol em segundo esporte mais praticado no Brasil, atrás apenas do futebol.

2.3 - A evolução técnica e tática do voleibol

O voleibol se constitui em um dos esportes coletivos que mais evoluiu técnica e taticamente desde a sua criação. Tal evolução é resultado de adaptações constantes no seu regulamento, no aperfeiçoamento dos fundamentos básicos e na forma das equipes apresentarem-se taticamente.

Segundo Frohner, Radde & Doring (1983), o voleibol enquanto jogo desportivo difere de outras modalidades coletivas, sobretudo pela multiplicidade e pela constante alteração das situações de jogo, onde os atletas são muito exigidos.

Em outros jogos desportivos coletivos, os jogadores podem driblar, jogar a bola entre si tanto tempo quanto o adversário permitir, reter a bola, retornar. Ao contrário disso, no voleibol a bola não pode ser presa, retida ou lançada e após dois toques executados por jogadores diferentes, a mesma deve ser jogada para a quadra adversária.

Para Mesquita (1991), o voleibol apresenta quatro aspectos fundamentais, como a ausência de contato direto entre os adversários, a impossibilidade de se agarrar ou derrubar a bola e a obrigatoriedade de execução correta dos fundamentos básicos. Além disso, apresenta também dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem, como “a dificuldade de sustentar a bola no espaço aéreo, devido fundamentalmente a grande extensão de espaço do jogo [...]” (p.157).

A partir da criação da FIVB, com a unificação das regras do voleibol e a realização das primeiras competições internacionais, as equipes universalizaram a forma de execução dos principais fundamentos técnicos. Além disso, a cada nova alteração nas regras, havia uma conseqüente modernização nos sistemas táticos, na forma de jogar das equipes e nas metodologias de treinamento.

De acordo com Bizzocchi (2000), a primeira uniformização implementada pela comissão de leis do jogo da FIVB no regulamento do voleibol, constituiu-se na permissão da infiltração do levantador, no bloqueio triplo, nos toques simultâneos e nos dois tempos por set.

Neste contexto, em 1947 foi realizada a primeira competição a nível mundial para jovens e estudantes, em Praga, na Tchecoslováquia, onde as

equipes masculinas e femininas da União Soviética demonstraram novas técnicas e táticas de jogo, dando início ao período conhecido como domínio do voleibol-força.

Segundo Bizzocchi (2000), a força da escola soviética se iniciou a partir do final da década de quarenta, introduzindo sistemas táticos utilizados até hoje, como a infiltração do levantador, o bloqueio duplo e as trocas de posições entre os jogadores. Esse estilo de jogo foi superado a partir da década de oitenta, por consistir numa estratégia lenta e previsível.

A partir dos primeiros campeonatos mundiais de seleções, passou a ocorrer um processo de aperfeiçoamento das técnicas de jogo, métodos de treinamento, estilos e táticas individuais e coletivas. Segundo Bizzocchi (2000), com o aumento do intercâmbio entre os principais países praticantes da modalidade, pode-se verificar que as “individualidades dos povos de cada país, as culturas diferenciadas, as políticas educacionais, os inconscientes coletivos, a característica física dos cidadãos e até as condições geográficas e climáticas peculiares ditam as tendências a serem seguidas” (p.34).

Nesta evolução, verificou-se que o toque por cima ficou mais técnico, com os jogadores dominando melhor suas variações¹⁹, sendo que o mesmo se transformou rapidamente, no fundamento mais utilizado pelos levantadores, devido a sua especificidade técnica de precisão. Bizzocchi (2000) define o levantador como “o jogador em quadra que mais participa das ações do jogo, sendo responsável pela armação das jogadas ofensivas” (p.144).

A manchete passou a ser mais valorizada na recepção do saque, devido à facilidade de amortecimento da bola e pela forma de sua realização ocorrer próxima ao solo, o que facilitava o gesto técnico nas ações. Além disso, a manchete também passou a ser o principal fundamento de defesa dos ataques do adversário, juntamente com os mergulhos e rolamentos.

O saque passou a ser mais ofensivo²⁰ e eficiente, pois as equipes descobriram que, quanto maior sua eficácia, mais fácil ficava para neutralizar os ataques adversários. Para que isso ocorresse, os atletas desenvolveram novas

¹⁹ Variações do toque por cima: de frente, lateral, de costas e em suspensão.

²⁰ Embora houvesse o risco do saque ser bloqueado, pois o bloqueio do saque só foi proibido a partir de 1984.

variações e estratégias de saque, como o saque tênis, japonês, o tipo flutuante²¹ e o saque tático, que

não se resume ao saque curto. É aquele que objetivamente busca diminuir as chances adversárias de construir seu ataque. Conseqüentemente aumentará as próprias possibilidades de ganhar o ponto. Logo, todo saque consciente acaba sendo um saque tático (Bizzocchi, 2000, p.148).

A partir de 1961 foi permitido aos bloqueadores invadir o espaço adversário, o que melhorou a eficiência do bloqueio. Estes se tornaram mais altos, sendo que as equipes passaram a desenvolver estratégias coletivas de bloqueio, de acordo com cada tipo de ataque, facilitando o trabalho da defesa, que passou a se posicionar de acordo com a tática de bloqueio da equipe.

O ataque que inicialmente se limitava apenas a bolas altas e nas extremidades da rede, passou a ser realizado em maior velocidade, com variações individuais e coletivas em toda a extensão da rede. Os atacantes passaram a ser especialistas, se aproveitando da estatura elevada e da força física, o que promoveu um desequilíbrio entre o potencial de ataque e a capacidade de defesa das equipes.

Esse desequilíbrio fez com que as equipes com maior poder ofensivo passassem a dominar rapidamente o cenário do voleibol internacional, pois o ataque era decisivo na definição do resultado de uma partida, o que forçou a FIVB a promover alterações que viessem a equilibrar novamente os jogos.

Taticamente, as principais equipes sempre se mantiveram em constante evolução, procurando utilizar os sistemas que melhor se adaptassem à realidade de cada país. A partir de 1962 as principais equipes do mundo já utilizavam as trocas entre jogadores e a infiltração do levantador.

Segundo Bizzocchi (2000), rapidamente surgiram inúmeras variações de sistemas de jogo, como o 6 x 0, 3 x 3, 4 x 2, 6 x 2 e o 5 x 1. O sistema 5 x 1 rapidamente ganhou a simpatia da maioria das equipes, “pela vantagem de tudo girar em torno de um único levantador; os acertos são feitos com ele; [...] e a organização e o ritmo do jogo ficam a cargo de uma só pessoa” (p.132).

Os sistemas de recepção do saque foram se aperfeiçoando de acordo com a evolução técnica dos atletas, sendo que a maioria das equipes que inicialmente

²¹ Saque flutuante se caracteriza pela ausência de rotação na bola, promovendo uma trajetória indefinida.

recebia com cinco jogadores, passou a recepcionar com quatro, a partir de 1979. Com o processo de especialização de funções e a maior eficiência do saque das equipes, o número de passadores foi aos poucos se reduzindo, ficando restrito a dois ou três jogadores especialistas, de acordo com cada sistema tático.

Nas formações defensivas, que envolvem o bloqueio e a defesa de forma combinada, o processo de evolução também ocorreu como nos demais sistemas táticos, ou seja, as modificações ocorridas levaram em conta o processo de especialização técnica dos atletas.

Todo esse processo de evolução do voleibol teve início ainda na década de sessenta, com a inclusão do esporte na Olimpíada de Tóquio, em 1964. Isso aconteceu devido às modificações implantadas pela FIVB nas regras da modalidade, o que alterou a forma das equipes se apresentarem.

Naquele momento, equipes como o Japão e a Polônia no sexo masculino e a União Soviética, o Japão e a China no feminino passaram a se destacar através de estratégias de jogos ousadas e inovadoras. Em 1966, por ocasião do Campeonato Mundial Masculino, realizado em Praga, os japoneses e os chineses apresentaram um modelo de jogo inovador, com ataques em velocidade e com fintas, trocas constantes entre os jogadores e grande capacidade técnica de defesa.

Esse novo modelo de jogar voleibol surpreendeu as demais equipes participantes, chamando a atenção para as novas possibilidades que poderiam advir destes novos recursos técnicos e táticos utilizados. O principal responsável pela implantação dessa nova forma de jogar voleibol foi o Japão, através de uma revolucionária metodologia de treinamento introduzida pelo seu treinador, Matsudaira e sua comissão técnica²², que assumiram o comando da equipe masculina daquele país a partir de 1961.

Segundo Marchi (2001), Matsudaira e sua equipe promoveram um processo de avaliação acerca das diferenças existentes entre o voleibol europeu e o asiático. Nesta avaliação, comprovaram que seria muito difícil vencer as equipes européias utilizando apenas métodos comuns de treinamento, devido à desvantagem da baixa estatura e força física limitada dos atletas, além da

²² Ikeda como preparador físico e Saito como treinador.

diferença existente entre o regulamento da modalidade que era disputado no Japão²³ e no restante do mundo.

Assim, após a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio²⁴, o Japão organizou um plano de trabalho para oito anos, com o objetivo de conquistar a medalha de ouro nas Olimpíadas de Munique.²⁵ Os primeiros resultados da nova metodologia de treinamento e de jogo proposta, já apareceram quatro anos após, com a conquista da segunda colocação da equipe masculina, nas Olimpíadas do México, em 1968, garantindo assim a continuidade do projeto.

De acordo com Marchi (2001), Matsudaira acreditava que para obter os resultados desejados, sua equipe deveria concentrar esforços em torno do desenvolvimento da força física²⁶, da técnica e tática²⁷, da experiência²⁸, do aprimoramento do poder mental²⁹, do trabalho de grupo³⁰ e da habilidade e capacidade profissional dos técnicos.

Neste período, o Japão passou a treinar diariamente uma média de seis horas e em todos os dias da semana. Matsudaira implementou na equipe japonesa, as combinações de ataque, a bola dois tempos, os levantamentos rápidos, o sistema 5 x 1, as defesas acrobáticas, o saque de lado flutuante e uma preparação física especial.

A proposta tática de Matsudaira se fundamentava em um revolucionário sistema de ataque combinado com velocidade, que não permitia um posicionamento imediato e correto do bloqueio e da defesa adversária. Paralelamente ao novo sistema de jogo adotado pelo Japão, houve um trabalho técnico específico nos fundamentos de recepção e defesa, o que possibilitou ao Japão executar com perfeição técnica e tática todos os objetivos propostos.

²³ Os campeonatos japoneses eram realizados com equipes de nove jogadores, quadra maior e rede mais baixa.

²⁴ 1964.

²⁵ Previsto para 1972.

²⁶ Habilidade física e atlética.

²⁷ Habilidade individual e estratégia.

²⁸ Competições nacionais e internacionais.

²⁹ Perseverança sólida tanto imediata quanto a longo prazo.

³⁰ Partilhar uma meta em comum.

Essa perfeição técnica e tática da equipe japonesa culminou com a conquista do almejado ouro olímpico em Munique, diante da equipe da Alemanha Oriental. Esse modelo de jogo e de treinamento Japonês iniciou o processo de especialização de funções do voleibol, pois os jogadores passaram a se preocupar em desenvolver novas habilidades e também a se adaptar aos novos sistemas táticos, que exigiam grandes capacidades físicas e técnicas dos jogadores.

De acordo com Bizzocchi (2000), foi a partir da Olimpíada de 1972, com a contribuição do Japão, que o voleibol começou a se moldar de forma definitiva, tática e tecnicamente, com padrões ofensivos e defensivos estabelecidos. Vários países se firmaram no cenário mundial, copiando ou adaptando-se às principais escolas como Bulgária, Polônia³¹, Alemanha Oriental, China, Romênia, Coréia do Sul, Peru, Argentina, Itália e Holanda.

A equipe de Cuba se inseriu no contexto internacional do voleibol a partir de 1976, mostrando equipes fortes fisicamente e com um grande potencial de ataque. Naquele momento, por ocasião da Olimpíada de Montreal, a FIVB definiu que o toque do bloqueio não seria mais contado nos três subseqüentes e a defesa tornou-se um fundamento de extrema importância no jogo.

Neste período, o bloco socialista passou a dominar as principais competições internacionais de voleibol, somando a forma de jogar japonesa, à força física e a elevada estatura. Na Olimpíada de 1976, a Polônia acelerou a revolução técnica e tática na modalidade, implementando o ataque com jogador³² posicionado no fundo da quadra, utilizado como uma nova opção para os passes defeituosos da equipe, que limitavam o poder ofensivo da equipe.

Essa nova variação técnica e tática ofensiva, que passou a se utilizar dos jogadores da defesa como atacantes “de fundo”, modificou novamente o modelo de jogo das equipes mais competitivas. Tal estratégia aumentou consideravelmente o potencial de ataque, tendo em vista as limitações existentes quanto ao número possível de bloqueadores.

Neste novo contexto, foi eliminado novamente o frágil equilíbrio técnico e tático que existia entre o ataque e a defesa. Essa novidade tática proporcionou

³¹ Segundo Bizzocchi (2000) foi o primeiro país a mesclar o estilo Japonês ao voleibol força.

³² O jogador Tomasz Wojtowicz foi pioneiro em realizar ataques posicionado no fundo da quadra, alterando completamente as opções táticas de ataque das equipes a partir daquela data.

uma vantagem maior àquelas equipes com maior potencial ofensivo, fortalecendo ainda mais o processo de especialização de funções da modalidade, que já havia se iniciado com a revolução técnico-tática japonesa.

No início dos anos oitenta, começou o declínio das escolas soviética e Japonesa, além do desaparecimento do modelo de jogo Tchecoslováquio. Por ocasião da Copa do Mundo do Japão, em 1981, verificou-se o aparecimento da China, Brasil, Itália, Iugoslávia como novas forças do voleibol, além dos Estados Unidos, que “revolucionaram a forma de treinar e jogar introduzindo a escola americana” (Bizzocchi, 2000, p.34).

Em 1981, a FIVB realizou um simpósio especificamente para difundir a utilização das análises de desempenho das ações de jogo, inserindo o voleibol no mundo da informática. Segundo Moutinho (1991) “é através da análise do jogo que tentamos identificar e compreender os princípios estruturais do jogo, os critérios de eficácia de rendimento individual e colectivo, a adequação dos modelos de preparação” (p.266).

O primeiro país a se utilizar desses recursos estatísticos para análise de desempenho e elaboração de planos táticos foi os Estados Unidos, a partir de 1984, sendo que a Itália aperfeiçoou a sua utilização. Nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, a FIVB se utilizou pela primeira vez de um sistema estatístico de jogo oficial de voleibol, possibilitando à mídia e as equipes, maiores informações acerca da performance das equipes e dos jogadores.

O controle estatístico possibilitou às equipes analisarem o desempenho de seus atletas e a eficácia de seus sistemas táticos, fazendo com que os técnicos passassem a identificar melhor as características individuais dos jogadores. Esse processo estimulou o aperfeiçoamento das metodologias de treinamento, pois permite aos treinadores “determinar o peso específico dos diferentes procedimentos técnicos, a quantidade dos erros em sua execução, assim como os resultados dos procedimentos aplicados” (Suvorov & Grishin, 1990a, p.44).

Além disso, a análise estatística viabilizou também, o monitoramento de todas as ações de jogo dos adversários, possibilitando aos treinadores a adaptação dos seus sistemas táticos às suas qualidades e defeitos. Para Bizzocchi (2000), a possibilidade de se analisar o desempenho dos adversários, contribui significativamente para o sucesso de uma equipe, pois a mesma oferece

possibilidades de se “formar um banco de dados das equipes e jogadores adversários, que pode determinar caminhos significativos para vitórias” (p.174).

A partir da década de oitenta, os Estados Unidos promoveram uma nova revolução técnica e tática no voleibol, modificando completamente as metodologias de treinamento e os sistemas táticos de jogo, através do técnico Doug Beal. Segundo o autor, os recursos estatísticos davam suporte “substancial ao técnico, informando-o sobre o rendimento do próprio time e dos adversários” (Bizzocchi, 2000, p.45).

Segundo este autor, a equipe americana inovou na tática de bloqueio, na velocidade de ataque e no sistema de recepção de saque, que passou a ser efetuado com apenas dois ou três jogadores especialistas. Nas demais posições, a equipe tinha posições de jogadores definidas, pois Doug Beal optou pela alta especialização de seus jogadores, “treinando cada um deles somente para aquilo que iriam desenvolver nos jogos. Ao racionalizar, não perdia tempo com situações que eles não encontrariam na quadra” (p.45).

Em 1986, a FIVB promoveu dois simpósios mundiais para discutir novas possibilidades de resolução dos problemas existentes na modalidade com relação à duração dos jogos, que estavam inviabilizando o investimento televisivo. Neste mesmo ano, em Paris, mais de 150 participantes pesquisam métodos para melhorar a defesa, principalmente no voleibol masculino, onde existia grande vantagem do ataque sobre os demais fundamentos de jogo, com o objetivo de tornar o jogo mais equilibrado.

Em 1988, aconteceu o 21.º Congresso da FIVB, na cidade de Seul, paralelamente à realização dos Jogos Olímpicos. Neste evento foram definidas novas alterações nas regras da modalidade, como a inclusão do sistema de *tie-brake*, que passou a valer apenas para o quinto set do jogo.

O novo sistema de pontuação adotado no set decisivo tornou a decisão dos jogos mais equilibrada, emocionante e rápida, atendendo a uma exigência da mídia esportiva. As equipes passaram a valorizar cada *rally* disputado, tendo em vista a necessidade premente de somar todos os pontos possíveis para se vencer a partida.

Entretanto, naquele momento, a inclusão do sistema *tie-brake* apenas no 5º set causou um desequilíbrio no resultado final dos jogos, que logo foi utilizado como estratégia de jogo pelas equipes. Considerando que este set acabava no

15º ou 17º ponto e tendo em vista que a força ofensiva invariavelmente era superior à defensiva, naturalmente que as equipes que começassem o set atacando, tinham maior probabilidade de fechar o jogo.

A FIVB corrigiu essa distorção a partir de 2000, quando passaram a valer as novas regras aprovadas pela entidade, como a utilização do jogador líbero, a permissão do toque da bola na rede no momento do saque, o fim da segunda tentativa de saque válido³³ e o set de 25 pontos, no sistema *tie-brake*. O quinto set continuou a ser disputado em 15 pontos, porém, para vence-lo, passou a ser necessário uma diferença de dois pontos sobre o adversário, promovendo um novo equilíbrio competitivo entre as equipes.

O novo sistema de pontuação por ponto corrido promoveu uma verdadeira modificação tática e técnica no voleibol, alterando completamente a mecânica de jogo, a estratégia das equipes e a forma dos atletas atuarem. Com o *tie-brake*, as equipes se obrigaram a priorizar todas as ações do jogo de maneira igual, pois toda ação que resultasse em erro, reverteria em ponto ao adversário.

Além disso, os técnicos passaram a valorizar o aprimoramento de outros fundamentos até então considerados menos importantes como a recepção de saque, a defesa e o bloqueio. Isso modificou completamente os sistemas táticos das equipes e as metodologias de treinamento, pois os treinadores passaram a aliar a eficiência técnica dos atletas em funções táticas específicas na equipe.

Assim, os atletas passaram a desempenhar funções táticas específicas, de acordo com suas características técnicas. Isso melhorou o nível técnico das equipes, transformando a maioria dos atletas em especialistas nas mais diversas funções táticas existentes no jogo de voleibol, como atacantes do fundo da quadra, passadores, bloqueadores de meio e levantadores.

Quando se fala que existe no voleibol atual um evidente processo de especialização de função dos atletas, que se iniciou com os Estados Unidos, deve-se esclarecer que tal especialização pode ocorrer tanto no plano tático quanto técnico. A especialização de funções técnicas se atribui a atletas que passem a desempenhar alguma função específica na equipe, quer como atacante, bloqueador, levantador ou líbero.

³³ Com a nova regra, se o sacador abortar a tentativa de saque, estando a bola no ar, passa a ser considerado como tentativa nula, com a penalidade de perda do saque pela equipe.

Já taticamente, a especialização de funções se dá quando a equipe aproveita o potencial técnico de um determinado atleta para adapta-lo a um sistema de jogo, de recepção ou de defesa pré-determinado. Assim, este atleta passa a executar apenas alguma função tática específica, como passador, defensor, bloqueador, adaptando-se ao sistema utilizado por sua equipe.

Entretanto, Bizzocchi (2000) afirma que não existe uma especialização absoluta no voleibol, pois todos os atletas necessitam passar por todas as posições da quadra. Além disso, verifica-se que a individualidade é limitada pelo número reduzido de toques da equipe, bem como, a impossibilidade de se interferir nas jogadas do adversário.

Tal processo de especialização dos atletas também foi promovido pelas alterações promovidas pela FIVB a partir de 2000, no regulamento da modalidade. Estas alterações foram implementadas com o objetivo de limitar o tempo de jogo e promover um maior equilíbrio entre o ataque e a defesa.

Além disso, tais modificações também viabilizaram a aproximação da televisão junto ao voleibol, fortalecendo o processo de espetacularização e massificação da modalidade. Foi nesse sentido que se verificou a adoção do sistema de pontuação por pontos corridos, a criação de tempos técnicos para a televisão, a possibilidade de defesa com qualquer parte do corpo e a limitação do tempo para a execução do saque.

Segundo Bizzocchi (2000), historicamente as principais equipes de voleibol pertenciam a três principais escolas: a soviética, a tcheca e a asiática. Os soviéticos apresentaram um modelo de voleibol vigoroso, os tchecos, aprimoramento técnico e perfeição de movimentos e os asiáticos, técnica, criatividade e velocidade.

Neste sentido, verificou-se o aparecimento de propostas inovadoras de jogo implantadas a partir destas escolas, como a Polônia, União Soviética, Estados Unidos, Itália e Brasil. O modelo de jogo brasileiro surpreendeu o mundo na Olimpíada de Barcelona em 1992 e no Campeonato Mundial de 2002, com ataques rápidos, consistência defensiva, bloqueio eficiente e perfeição no passe a nas jogadas combinadas de ataques.

A escola brasileira foi inicialmente influenciada pelos tchecos, apresentando versatilidade técnica dos jogadores e grande força ofensiva de ataque. Para Marchi (2001), os brasileiros combinaram a criatividade ofensiva, a

versatilidade e o envolvimento emocional dos países latino-americanos, a velocidade dos asiáticos e a força dos europeus.

O voleibol feminino também acompanhou a evolução do masculino, adaptando as inovações técnicas e táticas ocorridas. Neste sentido, verificou-se um grande predomínio do voleibol força, onde as equipes de Cuba, Rússia e da China mantiveram a hegemonia do esporte até a presente data.

Com a efetivação do intercâmbio internacional entre as equipes, através de novas competições, essas escolas passaram a ser mais estudadas e seus métodos de treinamentos disseminados por países de características físicas e filosofias de trabalhos distintas. Assim sendo, verificou-se que cada equipe procurou assimilar as características positivas que cada modelo de jogo oferece, seja asiático, europeu ou latino-americano.

Outra característica importante dessa evolução ocorrida com o voleibol, diz respeito à simplificação nos sistemas táticos. Notou-se que a adoção *do tie-brake* forçou as equipes a simplificarem suas estratégias de jogo, a fim de evitar erros desnecessários e aumentar a eficiência de seu jogo.

O principal fator que promoveu a evolução técnico-tática do voleibol diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento do esporte. As permanentes alterações promovidas no regulamento da modalidade possibilitaram o aprimoramento e a modernização das metodologias de ensino, que se adaptaram rapidamente ao novo paradigma técnico-tático do esporte.

2.4 – As metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento

Nos esportes coletivos, a prática pedagógica do treinador é decisiva para a evolução e o aperfeiçoamento técnico-tático dos atletas, influenciando decisivamente no desempenho tático e nas estratégias das equipes. Em cada modalidade esportiva, existem diferentes metodologias de ensino que os treinadores podem utilizar em sua prática pedagógica, sempre de acordo com os objetivos a serem atingidos e o perfil técnico-tático da equipe.

Segundo Saad (2002), as metodologias de ensino dos jogos esportivos coletivos, pertencem a duas grandes correntes pedagógicas: a tradicional e a ativa. Entretanto, em todas as metodologias de ensino, existem dois processos fundamentais “que participam a toda aquisição: a memorização e a repetição, que permitem aplicar sobre a criança o rigor do adulto” (p.28).

Saad (2002) enumera uma variedade de metodologias pertencentes às duas principais correntes pedagógicas, como global, a parcial, a série de exercícios, a série de jogos, a crítico-emancipadora e a estruturalista. Tais metodologias foram sendo desenvolvidas através dos anos e cada uma se relaciona com o jogo de uma forma diferente, principalmente com relação à maneira com que apresentam ao aprendiz as ações técnicas e táticas do desporto a ser aprendido.

A metodologia tradicional, que segundo Matta & Greco, citado por Saad (2002), já está superada, fragmenta o conteúdo do jogo utilizando exercícios divididos por níveis de dificuldade, apresentados sempre em seqüência pedagógica. Geralmente é aplicada através de exercícios executados de forma global, ou mista, divididos em três momentos, no primeiro, ensina-se a ação técnica³⁴, no segundo ensina-se a ação tática³⁵ e no terceiro, procura-se juntar os fundamentos técnicos e táticos no jogo propriamente dito³⁶.

Para Daólio (2002), a concepção tradicional apresenta o desenvolvimento da técnica como principal objetivo a ser atingido no processo de ensino-

³⁴ Método parcial.

³⁵ Método misto.

³⁶ Método global.

aprendizagem. Neste processo educativo, a utilização dos métodos parcial, global e misto são os principais instrumentos utilizados.

Mesquita (2000) e Greco (2001) definem o método parcial, como aquele que oferece aos alunos elementos técnicos variados, executados de forma rudimentar e fracionada. Já, segundo esses autores, o método global privilegia as ações técnicas e táticas numa situação de jogo, o que certamente contribui para a elevação do nível de motivação dos atletas.

Por outro lado, segundo Rochefort (1998), o método misto é aquele que também trabalha a técnica de forma isolada, porém inserindo o processo de ensino-aprendizagem no contexto tático do jogo. Todos os métodos utilizados através da concepção metodológica tradicional apresentam vantagens e desvantagens, porém, a principal desvantagem, constitui-se na dificuldade que o educando encontra para transferir a aprendizagem da técnica para uma situação futura de jogo.

No Brasil, a produção acadêmica específica sobre as metodologias de ensino do voleibol começou a se desenvolver a partir da década de setenta, através de autores como Daiuto (1967), Gladman (1974), Borsari e Facca (1974), Borsari e Silva (1974 e 1975), Guilherme (1979), Barros (1979) e Borsari (1989). Além disso, diversos autores estrangeiros como, Odeneal & Kellam (1971), Eras (1973), Durrwachter (1974) e Macgreggor (1977) também contribuíram com a produção do conhecimento da modalidade na época.

Tais autores se preocuparam em conceituar o esporte, descrever seu histórico e sua evolução, divulgando suas principais regras, os equipamentos necessários para sua prática e as principais características do jogo. Além disso, ajudaram a difundir também os sistemas táticos ofensivos e defensivos, além de variadas teorias acerca do processo de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento das técnicas fundamentais do esporte.

Naquele momento histórico, o processo de treinamento e aperfeiçoamento das técnicas de jogo de voleibol era todo centrado em metodologias pedagógicas tecnicistas, fundamentadas na performance motora, na evolução física, na repetição dos gestos técnicos específicos e na competição propriamente dita. Os principais fundamentos apresentados eram o saque, o ataque, o bloqueio, as

defesas acrobáticas³⁷, o levantamento, a manchete e o toque, que consolidaram como principais fundamentos do esporte.

Entretanto, mesmo considerando que as teorias apresentadas na década de setenta estejam superadas, deve-se enfatizar a importante colaboração desses autores para a universalização da cultura do voleibol. Foi através deles, que muitos tiveram a oportunidade de conhecer os primeiros sistemas de jogo, de defesa e de recepção.

A tendência educativa na época se constituía em primeiramente familiarizar o aluno com o esporte, através de pequenos jogos como o mini-voleibol. A aprendizagem dos fundamentos deveria se dar de maneira gradual, principalmente através do método global onde existia maior motivação e variação dos elementos que condicionam o processo de aprendizagem.

Segundo Dietrich et al (1984), a metodologia denominada “série de exercícios” se constituía na única alternativa existente na década de setenta, com relação à metodologia tradicional, para o processo de ensino-aprendizagem do voleibol. Nesta concepção, o ensino dos gestos técnicos específicos do voleibol deveria ser realizado através de técnicas analíticas, sempre realizadas por partes e do simples para o mais complexo.

Para esse autor, o principal objetivo desta metodologia era fazer com que a criança aprendesse os gestos técnicos de maneira eficiente, através de técnicas simplificadas, executadas fora do contexto do jogo. Entretanto, tal metodologia também apresentava desvantagens, como a dificuldade por parte do aprendiz em relacionar o gesto técnico aprendido com o jogo propriamente dito, visto que os mesmos eram aprendidos de forma fracionada, e fora do contexto do esporte.

Eras (1973) já se preocupava naquele momento, com a especialização precoce de jogadores jovens, tendo em vista o objetivo dos treinadores em atingir um nível cada vez mais rápido no esporte, já nas categorias de base. Segundo ele, os mesmos estavam se preocupando unicamente em formar atletas cada vez mais novos, o que poderia acarretar em prejuízos irreparáveis à saúde dessas crianças, devido à intensidade e a sobrecarga dos treinamentos, somada a um curto período de descanso.

³⁷ Rolamentos e mergulhos.

De acordo com esse autor, a principal dificuldade que os treinadores encontravam para o desenvolvimento harmonioso do processo de ensino do voleibol, consistia-se na valorização demasiada do conteúdo competitivo em detrimento do esportivo. Eras (1973) entendia que os treinadores deveriam encontrar métodos adequados de treinamento, de acordo com a faixa etária, evitando-se exercícios de sobrecarga e também atividades técnicas muito especializadas.

A partir do final da década de setenta, surgiram outras metodologias para o ensino do voleibol, através de autores como Guilherme (1979), que sugeriu a utilização de jogos adaptados. Segundo este autor, somente após a aprendizagem eficiente dos fundamentos básicos é que os técnicos deveriam se preocupar com o aperfeiçoamento técnico e a especialização tática neste esporte.

A preocupação de Guilherme (1979) com relação à especialização técnico-tática do voleibol já era tida como questionada por Gladman (1974), que também tinha uma preocupação específica com relação à adaptação irracional dos jogadores aos sistemas táticos e à estratégia de jogo das equipes. Segundo ele, o trabalho tático deveria ser introduzido de maneira racional, sempre de acordo com as limitações técnicas e físicas dos atletas.

Essa preocupação manteve-se até os presentes dias, pois o problema tático está estritamente ligado à técnica, à especialização e às características físicas dos jogadores. Bizzocchi (2000) também acredita que existe uma inter-relação entre os componentes técnico e físico dos atletas e as concepções táticas das equipes, pois a técnica e a tática começam na aprendizagem e se completam com a estratégia,

não se resumindo apenas aos sistemas bem elaborados desenvolvidos no jogo de alto nível. Começará no processo de aprendizagem, antes do vôlei ser jogado de acordo com as regras internacionais. O raciocínio tático desenvolve-se com a prática permanente e ensino de qualidade. Noções simples devem ser estimuladas no início para desenhar, em nível cognitivo, uma linha de raciocínio (p.117).

Assim, verificou-se poucas variações nas metodologias de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento apresentadas pelos autores da década de setenta. Naquele momento, as propostas pedagógicas eram pouco diferenciadas, resumindo-se aos métodos analíticos e sintéticos, que ainda não tinham o

enfoque pedagógico desenvolvido por Dietrich et al (1984) a partir da década de oitenta.

Na concepção pedagógica de Dietrich et al (1984), o método analítico se aplica quando uma metodologia de ensino se utiliza de métodos parciais e métodos de desdobramentos, trabalhando os fundamentos de forma fracionada, fora do contexto do jogo. Já, o método global se caracteriza como uma metodologia de ensino que permite uma visão global do jogo desportivo, partindo de experiências simplificadas conforme a idade, com objetivo final do jogo propriamente dito.

A partir dessa década, a produção acadêmico-metodológica para o ensino do voleibol se manteve bastante técnica e instrumental, continuando influenciada pelo fenômeno esportivo de competição. Assim, verificou-se que os autores da época continuaram preocupados em ensinar os fundamentos a partir de receitas prontas, baseadas em metodologias tecnicistas de descrição e repetição dos gestos técnicos específicos da modalidade.

Naquele período, foram publicados vários livros e manuais técnicos da modalidade, como o manual de Carneiro (s/d), o manual do treinador³⁸ e o caderno técnico didático de voleibol do MEC/SEFD³⁹. Todos esses manuais descreveram a técnica de execução dos principais fundamentos básicos, os diferentes sistemas táticos primários, as metodologias de ensino, treinamento físico, além do histórico, evolução e regras do voleibol, acompanhando a tendência iniciada na década de setenta.

A publicação do manual do treinador da CBV teve o objetivo específico de qualificar os técnicos do país, justificando assim sua linha pedagógica eminentemente técnica e instrumental. A tendência tecnicista era confirmada através das propostas de exercícios educativos para os fundamentos básicos do voleibol, que vinham prontos, com o formato caracterizado como uma seqüência pedagógica, tanto para aprendizagem como para o aperfeiçoamento dos gestos técnicos do esporte.

Havia também autores como Frascino (s/d) que continuavam limitados a descrever apenas o histórico do voleibol, as principais técnicas individuais e

³⁸ Manual do treinador, CBV, FIVB. Rio de Janeiro: Palestra (s/d).

³⁹ Carvalho (1980).

táticas coletivas, procurando separar o voleibol recreativo⁴⁰ do voleibol competição⁴¹.

Nesta década, as principais propostas metodológicas para o processo de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento do voleibol, partiram de autores como Frohner, Radde & Doring (1983), Durrwachter (1984) e Dietrich et al (1984). A proposta de Durrwachter (1984) fundamentava-se a partir de oito situações básicas de jogo que sempre se repetem, assim definidos: saque, recepção, levantamento, ataque, cobertura de ataque, bloqueio, cobertura de bloqueio e defesa de quadra.

Segundo Durrwachter (1984), o jogo de voleibol apresenta volumosas exigências táticas e técnicas, através de rápidas trocas de situação de jogo, defendendo que o iniciante só conseguirá aprender se colocado em situações de jogo simplificadas. Neste sentido, o processo de aprendizagem dos fundamentos do voleibol, deve ser relacionado aos sistemas táticos da modalidade.

Para Canfield & Reis (1998), que realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre as metodologias de ensino do voleibol, a técnica de movimento⁴² destacou-se como elemento principal de quase toda a produção acadêmica existente até o início dos anos noventa. Assim, tais autores verificaram que o processo de ensino-aprendizagem dos fundamentos básicos da modalidade invariavelmente era apresentado em seqüências parecidas,

como suspeitávamos, a quase totalidade dos livros a que tiveram acesso os professores de ensino superior e os treinadores de voleibol, orientam a uma abordagem de ensino (prescritiva) sem considerar o processo de aprendizagem que, no nosso entender, é pré-requisito para a prescrição (p.16).

Neste contexto, deve-se frisar que os fundamentos básicos e os sistemas de ataque e defesa eram caracterizados da mesma forma pela maioria dos autores da época. Assim, verificou-se que passou a existir no voleibol uma uniformização de termos e definição de funções técnico-táticas, havendo poucas interpretações diferentes.

⁴⁰ Segundo Frascino (s/d), o voleibol recreativo apresenta regras simples, é alegre, divertido, desintoxicante e pode ser jogado ao ar livre, adaptando-se ao ambiente.

⁴¹ Segundo Frascino (s/d) o voleibol competição deve ser jogado em recinto específico, com lances de alta velocidade, recursos técnico/táticos e preparo físico altamente desenvolvido.

⁴² Abrange todos os fundamentos do voleibol.

Para Dietrich et al (1984), as diferentes possibilidades metodológicas para o ensino do voleibol devem partir do entendimento de que essa modalidade coletiva apresenta situações técnicas e táticas muito complexas. Assim, os atletas somente seriam submetidos a essas situações complexas de forma progressiva, a partir de experiências que se iniciem através de formas simples de jogo e progredam pouco a pouco para mais complexas.

Dietrich et al (1984) afirmam que a aprendizagem anterior deve facilitar a assimilação de condutas posteriores mais complexas, de acordo com os princípios comprovados do mais simples para o mais complexo. Neste sentido, partindo do princípio de que o voleibol deve ser ensinado a partir de métodos parciais ou de confrontação, que se fixam na premissa do aprender jogando, sugeriram uma nova metodologia denominada “série de jogos”.

De acordo com Saad (2002), a metodologia série de jogos apresentou um novo conceito recreativo para o ensino dos jogos esportivos coletivos. Segundo o autor, tal metodologia apresenta como principal característica, o ensino das técnicas de jogo de forma analítica, ou seja, “as técnicas básicas eram decompostas em partes. Por meio de seqüência de exercícios, do simples para o complexo, procurava-se chegar ao gesto ideal” (p.36).

Segundo Dietrich et al (1984), a metodologia série de jogos possibilita ao praticante a vivência do jogo, aproveitando a seqüência pedagógica dos exercícios analíticos diretamente no confronto direto. Tal metodologia é fundamentada nos princípios analítico-sintético e global-funcional, que permitem respectivamente a utilização de métodos parciais e de desdobramentos, através de uma visão global do jogo desportivo, possibilitando formar no grupo um espírito de jogo basicamente aceitável.

Esta metodologia coloca o aprendiz frente a uma seqüência de jogos, partindo de experiências simplificadas conforme a idade, com objetivo final do jogo propriamente dito. A mesma apresenta como principal objetivo, a simplificação do espírito competitivo do jogo, facilitando sua assimilação, através de um conceito recreativo.

Segundo Greco (2001) a metodologia série de jogos preconiza o conceito recreativo do jogo esportivo, através de metodologias mistas que contemplam diferentes experiências motoras. Segundo esse autor, tal metodologia privilegia o

ensino dos elementos técnicos articulado com os elementos táticos da modalidade em questão.

Dietrich et al (1984) justificam sua proposta defendendo que uma metodologia de ensino que tenha como meta explicitar um conceito recreativo do jogo esportivo deve fundamentar-se sobre os princípios analítico-sintético e global-funcional de forma combinada. Segundo eles, a finalidade da mesma é fazer o jogador perceber em quais situações deve utilizar os elementos técnicos do esporte, sendo que tais experiências somente são possíveis apenas no próprio jogo.

Tais autores acreditavam que o caminho para o domínio da prática do jogo deve ser percorrido gradativamente. Os mesmos defendem que antes da utilização de qualquer método de ensino, os professores deveriam introduzir no ensino do voleibol um “conceito recreativo de aprendizagem”, pois as crianças aprendem o jogo, jogando livremente.

O conceito recreativo de jogo esportivo deve fundamentar-se a partir de pequenos jogos, evitando expor o principiante à vivência de fracassos. A expectativa de jogar é uma grande colaboradora na aprendizagem do aluno, pois quando o mesmo percebe que está prestes a jogar, mostra-se muito motivado, o que facilitará sua aprendizagem, melhorando seu desempenho.

Acompanhando o mesmo pensamento de Dietrich et al (1984), Durrwachter (1984) considerava importante que a criança aprendesse a jogar voleibol a partir de condições de jogos simplificados, como pequenos jogos e jogos preparatórios adaptados. Segundo ele, o efeito de treinar jogando, antecipa o aperfeiçoamento da técnica, facilitando o desenvolvimento da preparação física e tática, pois os pequenos jogos apresentam maiores possibilidades de contato com a bola e de movimentação, desenvolvendo assim, a capacidade de antecipação dos atletas.

Borsari (1989) também considerava importante que a criança aprendesse a jogar voleibol através de jogos adaptados, principalmente com relação à altura da rede, que deve estar ao nível das possibilidades dos jogadores, em função da idade, estatura e impulsão. Dessa forma, os mesmos “podem aprender a executar todos os fundamentos do jogo, sem encontrar uma barreira excessiva [...] que os leve a contrair defeitos incorrigíveis e a perder a motivação por falta de sucesso” (p.7).

De acordo com esse autor, para se tornar um jogador de voleibol, a criança deveria desenvolver algumas características como: execução de movimentos rápidos, habilidade, raciocínio, coordenação, força, agilidade, personalidade, equilíbrio e espírito de equipe. Assim o processo de aprendizagem do voleibol deveria ser desenvolvido a partir de três fases: fase da aprendizagem, da iniciação esportiva e de aperfeiçoamento.

Na fase de aprendizagem⁴³, o processo de ensino ocorreria através da prática de jogos adaptados, com ênfase na movimentação e execução natural dos fundamentos, sem maior preocupação técnica ou tática. Na fase da iniciação esportiva⁴⁴, seria realizada a introdução de técnicas simples na prática dos fundamentos e fases do jogo, devendo “facilitar a seqüência para o domínio do jogo e sua movimentação” (Borsari, 1989, p.49).

E por último, a fase de aperfeiçoamento que se inicia aos treze anos e se desenvolve até os quinze anos. Nesta fase específica, deve existir um forte processo de aperfeiçoamento técnico dos fundamentos do jogo, combinado com concepções táticas individuais e coletivas.

A partir da década de noventa, o contexto de ensino aprendizagem e de aperfeiçoamento do voleibol no Brasil começa a se alterar, influenciado por novas teorias educativas e metodologias de ensino. O processo de ensino-aprendizagem do voleibol, apesar de suas características peculiares de jogo e de execução dos gestos técnicos específicos, passou a ser realizado também através de novos métodos e conceitos desenvolvidos a partir de outras modalidades esportivas.

Nesta década, Suvorov & Grishin (1990 a e b) divulgaram no Brasil as principais estratégias de treinamento e aperfeiçoamento das técnicas do voleibol mais utilizadas na Rússia. Tais estratégias de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento eram fundamentadas a partir de jogos pré-desportivos, competições de preparação física, fundamentação técnica e tática, pois os autores acreditavam que “qualquer ação tática pode ser bem sucedida desde que dispunha de bom domínio dos fundamentos técnicos” (p.120).

⁴³ Fase da aprendizagem: segundo Borsari (1989), iria dos 9 aos 10 anos.

⁴⁴ Fase da iniciação esportiva: segundo Borsari (1989), iria dos 11 aos 13 anos.

Assim, Suvorov & Grishin (1990a) classificaram o processo de ensino aprendizagem do voleibol a partir de dois grupos de exercícios: fundamentais e auxiliares. Os exercícios fundamentais são os que tratam da técnica e da tática do voleibol, ou seja, o que for específico ao esporte com relação às outras modalidades esportivas.

Segundo eles, nos exercícios fundamentais todos os procedimentos técnicos e as atividades táticas se realizam da mesma forma em que ocorrem no jogo. Assim os mesmos devem ter como principal finalidade, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos procedimentos técnicos, tanto individuais como coletivos, possibilitando também a aquisição de novos conhecimentos táticos, pois “os alunos devem dominar as ações táticas individuais e coletivas, além dos fundamentos” (Suvorov & Grishin, 1990a, p.15).

Já os exercícios auxiliares são definidos por Suvorov & Grishin (1990a), como aqueles que contribuem para o domínio dos exercícios fundamentais, servindo também para a preparação polivalente dos atletas. Os mesmos podem ser divididos com exercícios destinados ao desenvolvimento da preparação física geral, a aceleração e facilitação do aprendizado, dos procedimentos técnicos e táticos do voleibol.

Suvorov & Grishin (1990a) consideram que o planejamento prospectivo se constitui em um dos principais aspectos no trabalho de iniciação de crianças no voleibol. Para eles, o voleibol se constitui em um esporte que pode “auxiliar na formação bio-psico-social das crianças [...] auxiliando no desenvolvimento de importantes características dos alunos, como a sociabilidade, senso crítico, auto controle” (P.13).

Além disso, a prática do voleibol também possibilita o desenvolvimento de importantes qualidades motrizes das crianças, como a força, velocidade, flexibilidade e resistência. Essas capacidades motrizes, “progridem no processo de preparação física geral, à medida que dominam os hábitos especiais, ou seja, na prática direta do voleibol onde quanto maior o nível de preparação especial, maior será o grau alcançado” (Suvorov & Grishin, 1990a, p.14).

Assim, Suvorov & Grishin (1990a) também apresentaram dois métodos de ensino para a aprendizagem do voleibol, na mesma linha de Dietrich et all (1984) e Durrwachter (1984). O método global, onde os participantes executam os fundamentos técnicos, sem desmembrá-los na parte em que fazem sua

composição, fornecendo assim “uma base lógica para a formação do hábito motor, devendo ser utilizado no ensino dos fundamentos técnicos simples” (p.23).

Além do método global, Suvorov & Grishin (1990a) apresentaram também o método parcial, que se caracteriza pela execução do fundamento de forma fracionada, separando-se as partes fundamentais ou as mais difíceis. Segundo os autores, tais métodos “devem ser combinados com inteligência [...] no início, o fundamento técnico é estudado em conjunto, depois por partes e, novamente, em sua totalidade” (p.23).

Araújo (1994) também sugeriu a utilização do método global para o desenvolvimento das capacidades técnicas e táticas dos atletas, através da combinação dos fundamentos, executados a partir de exercícios em situação de jogo. Sua proposta tinha como principal característica o desenvolvimento das qualidades físicas necessárias para o desenvolvimento dos fundamentos básicos e aprimoramento das técnicas e táticas individuais e coletivas.

Para Suvorov & Grishin (1990a), paralelamente aos métodos global e fragmentado ou parcial, haveria o modelo explicativo de ensino, onde o treinador se utiliza da explicação e posterior demonstração de gestos técnicos por parte de atletas especializados ou com recursos audiovisuais. Entretanto, segundo esses autores, dos três métodos existentes, o método global é o que “proporciona uma representação melhor da ação estudada e fornece uma boa base para a formação do hábito motor” (p.23).

Nesta mesma linha de pensamento, Canfield & Reis (1998) também indicaram os métodos analítico-sintético-analítico e sintético-analítico-sintético para o ensino do voleibol. Segundo eles, o método analítico se caracteriza pela preocupação com o aperfeiçoamento dos fundamentos e o sintético procura fazer com que o aluno primeiramente compreenda a forma de jogar.

Assim, os mesmos sugeriram que a ordem do processo de ensino-aprendizagem seja invertida, defendem uma adaptação do método global, através da simplificação do meio, sem, entretanto, descaracterizar o jogo. Tal adaptação seria no sentido de diminuir a altura da rede, o tamanho da quadra, o peso da bola, deixando o aperfeiçoamento dos fundamentos para depois.

Bizzocchi (2000) também defendeu que o processo de ensino-aprendizagem do voleibol deve partir do sintético para o analítico. Segundo ele, deve existir uma divisão do plano de ação por partes, dando funções para cada

jogador, pois “os processos táticos devem ser aprendidos a partir de um desenvolvimento dinâmico lento, evoluindo para a velocidade real de jogo. O oponente deve ser incluído somente quando o processo estiver assimilado” (p.118).

A partir desse pensamento, Bizzocchi (2000) apresentou dois métodos para o processo de ensino aprendizagem no voleibol: dinâmico paralelo, e o progressivo associativo. O método dinâmico paralelo ordena os fundamentos de acordo com a seqüência normal de um jogo de voleibol, ou seja, saque, passe, recepção, levantamento, ataque, bloqueio, defesa.

Já o método progressivo associativo, constitui uma associação de vários elementos, com o objetivo de “seguir a dinâmica dos movimentos específicos a serem realizados, aproveitando a semelhança de postura e segmentos entre eles e provocando transferência mais suave do fundamento aprendido para o seguinte” (Bizzocchi, 2000, p.59).

Para Greco & Benda (2001), o processo de ensino-aprendizagem dos esportes coletivos deve se realizar a partir da corrente tecnicista, que valoriza a repetição dos gestos e automatização das ações táticas e a humanista, onde o esporte não é trabalhado como competição. Segundo eles,

o processo de ensino-aprendizagem-treinamento desses esportes deve estar relacionado para a formação de um corpo de conhecimentos teóricos que capacitem o indivíduo a melhorar seu rendimento. Isso ocorrerá através da compreensão e da vivência de atividades que apresentem situações de jogo que o levem ao domínio dos elementos coordenativos gerais básicos [...] psicológicos, cognitivos e sociais envolvidas nas atividades que se ofereçam (p.19).

Saad (2002) também afirma que o processo de ensino aprendizagem dos jogos desportivos coletivos, onde o voleibol se inclui, deve ser realizado a partir do método global ou parcial, onde as técnicas são pré-requisitos para se desenvolver a tática do jogo. O mesmo defende que o jogo se aprende jogando, como princípio de transferência de informações, apresentando outras duas concepções metodológicas que podem ser aplicadas no processo de ensino-aprendizagem do voleibol, sendo a metodologia crítico-emancipatória e a estruturalista.

Segundo Saad (2002), a metodologia crítico-emancipatória surgiu na década de noventa e se caracteriza como uma alternativa de ensino dos jogos coletivos através de uma ampla reflexão crítica e emancipada por parte dos praticantes, em detrimento ao ensino analítico instrumental. Nesse caso, a emancipação pode ser entendida “como um processo contínuo de libertação do aluno, tanto das condições limitantes de suas capacidades racionais críticas quanto do seu agir no contexto sociocultural e esportivo” (p.38).

Para Azevedo & Shigunov (2001), a metodologia crítico-emancipatória está centrada na competência crítica e na emancipação, com vistas à formação da cidadania do jovem. Neste caso, sua orientação educacional se dá através de um processo de desconstrução de imagens negativas que esporte autoritário impõe, onde a emancipação deve ser entendida como um “processo contínuo de libertação do aluno das condições limitantes de suas capacidades racionais críticas e até mesmo o seu agir no contexto sociocultural e esportivo” (p.83).

Por outro lado, Kunz (2001), o idealizador da metodologia crítico-emancipatória, afirma que sua proposta metodológica fundamenta-se em numa interação social do aluno com o processo coletivo de ensinar e aprender, através de sua capacitação para um agir solidário. Essa interação entre alunos e professores deve acontecer através da linguagem, onde “o conhecimento técnico, cultural e social do esporte é compreendido sem ser imposto de fora” (p.37).

Segundo Kunz (2001), a metodologia crítico-emancipatória objetiva ainda, promover uma maior reflexão acerca do processo de ensino aprendizagem dos esportes coletivos. A mesma procura formar no educando, uma competência crítica, buscando “uma educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que a mera instrumentalização técnica” (p.144).

Já a metodologia estruturalista, que também surgiu nos anos noventa, apresenta como principais características à possibilidade de modificações estruturais na forma de jogo, de acordo com cada modalidade esportiva, através de simplificações nas regras e jogos adaptados. Segundo Saad (2002), esta metodologia apresenta uma série de vantagens aos praticantes, como a possibilidade de compreensão mais rápida da mecânica do jogo e uma maior participação em situações próximas à realidade do jogo, porém menos complexas.

Para Garganta (1998), o principal objetivo da metodologia estruturalista, consiste em desenvolver no praticante uma disponibilidade motora que venha a ultrapassar a simples idéia da automatização dos gestos técnicos. A grande vantagem desta metodologia, é que a mesma possibilita uma rápida compreensão das ações técnicas e táticas por parte do educando.

A metodologia estruturalista ganhou muita força no ensino do voleibol, através de propostas de diversos autores como Guilherme (1979), Durrwachter (1984), Frascino (s/d), Borsari (1989), Canfield & Reis (1998) e Bizzocchi (2000). Seguindo a mesma linha teórica que fundamenta a proposta estruturalista, tais autores sugerem a utilização de jogos adaptados, com quadras menores, menos jogadores, com a rede mais baixa e a bola menor, sempre praticado de forma alegre e divertida, evitando assim expor o praticante à vivência de fracassos, conforme já visto anteriormente.

Independentemente do método a ser adotado, Canfield & Reis (1998) defendem a necessidade da utilização constante de estratégias auxiliares de ensino, como a instrução verbal, a descoberta dirigida e a solução de problemas. A instrução verbal tem como principal característica, instruções diretas e permanentes do treinador para o aluno, “alertando-o sobre sua execução em certos pontos, como: sua posição em relação à trajetória da bola, dando-lhe dicas sobre as fases do padrão motor estabelecido [...]” (p.56).

A descoberta dirigida tem como principal característica o auxílio de forma indireta por parte do treinador com relação ao aprendiz, através da seleção de estímulos em que o mesmo deve dar maior atenção. Já na solução de problemas, o treinador induz o aluno a descobrir por si só, quais os estímulos deverá dar maior prioridade, estabelecendo o problema, sendo que “a partir daí, o aprendiz terá que, sozinho, descobrir/identificar as condições regulatórias para poder executar seu plano motor” (p.57).

De acordo com Canfield & Reis (1998), tais estratégias de ensino contribuem para uma melhor assimilação das informações por parte dos atletas, desenvolvendo sua atenção e o seu plano motor. Para que isso ocorra, é necessário que exista o desenvolvimento de quatro tipos de atenção por parte dos atletas, sendo: ampla-interna, ampla-externa, estreita-interna e estreita-externa.

Já, para o desenvolvimento do plano motor dos atletas, é necessário que ocorra a definição do padrão de movimento a ser utilizado, o que pode ser

formulado tanto pelo aluno quanto pelo professor. Neste sentido, para Canfield & Reis (1998), tal desenvolvimento passaria a se constituir em “uma série pré-estruturada de comandos de movimentos que definem e dão forma ao movimento” (p.59).

Segundo Suvorov & Grishin (1990a), para evitar prejuízos irreparáveis no desenvolvimento desses atletas, os treinadores devem se preocupar em escolher a melhor estratégia de ensino, a fim de possibilitar o desenvolvimento harmonioso de suas capacidades físicas, técnicas e táticas. Assim, essas estratégias de ensino devem procurar desenvolver de forma gradativa, a idéia de conhecimentos táticos flexíveis, proporcionando aos jogadores, uma melhor orientação quanto à especialização das diferentes funções do jogo.

Neste sentido, defendem que os atletas iniciantes devem ser submetidos a um período médio de dois e quatro anos de preparação especial, para que exista uma maior assimilação dos fundamentos técnicos e táticos, além da melhoria da preparação física geral de base. O ensino do voleibol para as categorias menores, de acordo com Suvorov e Grishin (1990a), deve ter ainda como prioridade “o fortalecimento dos participantes e o ensino de conhecimentos e hábitos motores de importância vital” (p.109).

Como uma nova opção para o ensino do voleibol, Canfield & Reis (1998) sugerem o modelo de Gentile, que se constitui em uma matriz teórica que serve de base para a aprendizagem do movimento e aquisição de destrezas motoras. Esse modelo visa reduzir os excessos na prescrição de exercícios educativos, através da obtenção da idéia do movimento por parte do atleta.

Nesta proposta, Canfield & Reis (1998) sugerem a mudança do paradigma ensino-aprendizagem para aprendizagem-ensino, através de uma abordagem cognitiva baseada no processo e não somente no produto. O modelo de Gentile tem como pressupostos a “manutenção do ambiente de jogo, como estratégia fundamental para um clima propício à aprendizagem” (p.11).

Neste modelo de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento, a tarefa do professor seria o de especificar qual a natureza do problema, adaptando o nível de motivação dos atletas. Assim, neste processo, os técnicos deveriam dispensar atenção especial às capacidades motoras, as habilidades motoras, aos padrões motores e principalmente as destrezas motoras.

Segundo Canfield & Reis (1998), o nível de destreza motora do indivíduo é igual ao seu nível de coordenação espacial ou temporal. Tais destrezas podem se apresentar de forma aberta ou fechada, sendo que uma destreza motora deve ser aprendida em um ambiente, o mais próximo possível do real.

Quando se inicia o processo de ensino de uma destreza motora, deve-se buscar transferi-la para uma situação futura, que é o jogo, obrigando o executante a adaptar-se a este novo meio. Nas destrezas fechadas, o papel do professor é relevante na formulação do plano motor do aluno e nas abertas, este plano motor deve ser formulado pelo próprio aluno.

Neste sentido, verificou-se que nos jogos esportivos coletivos que tenham o predomínio de técnicas realizadas através de destrezas abertas, como o voleibol⁴⁵, o professor não deve ensinar como se fossem destrezas fechadas. Se isso ocorrer, estará descaracterizando o meio e afastando-se da realidade do jogo.

Finalmente, pode-se concluir que os treinadores podem utilizar diferentes metodologias de ensino, no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Tal prática, que faz parte do processo de direção de equipe, é influenciada por diferentes fatores, tais como: sua formação inicial e continuada, sua trajetória profissional e sua relação com os atletas.

2.5 - Direção de equipe no voleibol

A profissão de treinador esportivo está muito valorizada nos presentes dias, devido à importância em que o esporte assumiu junto à sociedade. Neste contexto, segundo Shigunov (1998), para exercê-la com competência, o profissional deve apresentar inúmeros pré-requisitos e aptidões que são inerentes à referida profissão, como o conhecimento da modalidade, a motivação e a empatia em sua relação afetiva com os atletas.

Segundo Bizzocchi (2000) e Meinberg (2002), dentre esses pré-requisitos necessários ao treinador, a ética e principalmente, a responsabilidade

⁴⁵ Segundo Canfield & Reis (1998) no jogo de voleibol apenas o saque se caracteriza como uma destreza fechada.

profissional, se constituem nos fatores fundamentais para o profissional alcançar destaque profissional e ser um vencedor. Meinberg (2002), classifica responsabilidade profissional como primária e secundária, ou seja:

o cerne da responsabilidade consiste na responsabilidade para a prática de treinamento, o assunto ensinado aos atletas com o qual o treinador tem que se preocupar. Gostaria de chamar isto de responsabilidade primária, enquanto a responsabilidade para com os espectadores e a mídia significa algo como uma responsabilidade secundária (p.83).

Pela ótica de Meinberg (2002), no exercício de sua profissão, o treinador deve primeiramente apresentar uma postura digna e vitoriosa, comportando-se como um exemplo e exigindo de todos os seus atletas o máximo rendimento. Além disso, deve agir de maneira imparcial, vestir-se bem, ser bem humorado, dominar ao máximo todo o plano tático da equipe, além de apresentar, uma responsabilidade ecológica, pois

só aquele que tem a chance de escolher livremente e tem diferentes opções de escolha será capaz de agir de modo responsável, embora, na realidade do treinamento, estes diferentes tipos de responsabilidade sejam geralmente emaranhados (p.83).

Para Meinberg (2002), planejar e desenvolver o treinamento significa preparar a equipe para as competições, avaliar seu processo, cuidar dos atletas e mostrar uma boa imagem. O treinador deve ter também conhecimentos médicos, fisiológicos e biológicos, além de demonstrar competência pedagógica, habilidades didáticas e metodológicas.

Considerando que o treinamento de uma equipe coletiva, se configura em uma prática pedagógica, deve-se exigir que o treinador apresente o domínio de várias competências para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, segundo Bizzocchi (2000), o mesmo deve fundamentar-se em uma base moral, sempre com responsabilidade pedagógica e com princípios de justiça, pois “a direção de uma equipe não se limita à maneira de conduzi-la numa partida. Ela ocupa todos os momentos, desde o início da temporada” (p.175).

De acordo com Bizzocchi (2000), também é necessário que o treinador tenha consciência do quanto seu comportamento interfere nas atitudes de seus jogadores, mostrando coragem de implantar métodos que promovam uma melhor aprendizagem. O mesmo tem que se apresentar de maneira organizada e

metódica, ser minucioso e sempre dividir suas responsabilidades com uma equipe técnica competente.

Para ser bem sucedido nesta profissão, também é necessário, que haja vocação por parte do treinador, que é definida por Bota & Colibaba-Evulet (2001), como uma capacidade de incentivo, feitio de carácter, aptidões de educador, de psicólogo, de dirigente e organizador, além de habilidades intelectuais.

A capacidade de incentivo significa o domínio de importantes aspectos de solução de problemas, juntamente com o feitio de carácter, que significa a presença de um alto nível de conduta moral, perseverança e determinação. As aptidões de educador referem-se ao processo didático do treinamento, além de envolvimento com outros aspectos educacionais da personalidade, como a moral e o estético.

Bota & Colibaba-Evulet (2001) incluíram também as habilidades intelectuais e as aptidões de psicólogo e dirigente como características necessárias ao treinador vencedor. Respectivamente, tais aptidões possibilitam ao mesmo uma melhor capacidade de persuasão, exortação, convencimento e de espírito de equipe, assim como o espírito de observação, rapidez no pensamento, imaginação, memória, espírito pragmático e lógico, pois,

uma óptima direcção pressupõe, em primeiro lugar, uma preparação de especialidade rigorosa (conhecimentos teóricos, experiência prática, informação permanente, conhecimentos didáticos, psicológicos, biomecânicos, bioquímicos, sociológicos, etc), e, em segundo lugar, uma preparação estritamente necessária no domínio da ciência da direcção (management) com aplicações na actividade desportiva específica (p.26).

Para Bota & Colibaba-Evulet (2001) a profissão de treinador requer ainda fidelidade, paixão, entusiasmo e sacrifício, por se tratar de uma profissão injusta e de incerteza, sendo que, para exercer-la, o técnico deve ter absoluta convicção de sua escolha. Acima de tudo, o treinador deve se preocupar constantemente com seu aperfeiçoamento e a sua qualificação profissional, através do cultivo de uma nova mentalidade de vida, com competência científica, pedagógica e pessoal.

Tavares (1997) entende que neste novo contexto histórico educacional, tais competências devem caminhar juntas, para possibilitar ao mesmo, uma quarta competência, que é a competência política. Essa competência política é a que possibilita ao treinador agir como transformador de consciências, “sabendo

colocar a questão científica no contexto histórico-social e interessar-se pelo seu potencial emancipatório” (Demo, 1993, p.166).

Os treinadores vitoriosos se diferenciam dos demais por apresentarem outras aptidões e capacidades inerentes ao cargo, como a intuição, a criação, a direção autoritária, a capacidade de decisão rápida e o espírito de sacrifício. Além disso, para manter-se competente, o treinador deve estudar e aprender permanentemente, principalmente neste momento de virada de milênio, com a evolução tecnológica, onde as informações são mais rápidas que nossa capacidade de atualização.

Segundo Rodrigues (1997), o desenvolvimento tecnológico promoveu profundas alterações na sociedade, modificando o padrão de vida das pessoas, hábitos, costumes e tendências, provocando uma maior interdependência entre os diferentes grupos sociais. Neste sentido, é necessário que o treinador utilize os avanços tecnológicos como uma extensão de seu braço e não somente com objetivos instrumentais, pois o domínio tecnológico é o caminho para o sucesso esportivo.

Para manter-se atualizado o treinador precisa melhorar continuamente várias capacidades profissionais, como a de saber demonstrar, saber ensinar, informar e formar. Além disso, deve ter conhecimentos de psicologia, fisiologia, bioquímica, matemática, sociologia, agindo diariamente como pesquisador e alterando sua mentalidade, sua conduta didática e sua filosofia que “representa a maneira própria de compreender, interpretar e pensar toda a actividade que desenvolve” (Bota & Colibaba-Evulet, 2001, p.32).

Pode-se considerar que a filosofia de cada treinador se forma a partir de idéias assimiladas a priori e a posteriori. As idéias a priori, são aquelas adquiridas a partir da prática permanente da profissão e em cursos técnicos, sendo que as idéias a posteriori, o técnico adquire com sua experiência prática.

Segundo Bota & Colibaba-Evulet (2001), a partir destas idéias assimiladas, cada treinador passa a ser defensor de algumas convicções, preconceitos, crenças e superstições, resultantes da associação de uma idéia de força. Segundo os autores, a crença é uma convicção forte bem superior à razão, pois de modo concreto “é constituída por opiniões e opções firmes, em que as demonstrações racionais são inúteis” (p.33).

Assim, neste contexto faz-se necessário que o mesmo adquira uma nova mentalidade profissional, alterando sua filosofia, seus preconceitos, crenças e superstições, a fim de se adaptar ao novo paradigma profissional. Neste sentido, Bota & Colibaba-Evulet, afirmam que “a nova mentalidade didáctica introduz no perfil da profissão de treinador toda uma série de exigências, entre as quais convém mencionar a de ser o pesquisador da própria atividade” (p.35).

Ainda, segundo Bota & Colibaba-Evulet (2001), os treinadores podem ser classificados a partir de diversos modelos pedagógicos, de acordo com a filosofia e conduta didática. Assim, estabeleceram as seguintes categorias de treinadores, descritas no quadro 1:

Quadro 1 – Categorias de treinadores dos esportes coletivos

Modelo de Treinador	Definição
Empiristas	são os treinadores adeptos da antiga mentalidade e da conduta didáctica assentada no princípio “vendo e fazendo”
Rotineiros	se baseiam apenas nos conhecimentos com que deixaram os bancos de estudo da escola de treinadores
Inocentes	não sabem o que se passa à sua volta, aceitando tudo
Adeptos da quantidade	seguem o princípio fundamental do “corra ou morra”
Desportistas	são praticantes que, chegando ao fim da sua carreira desportiva, trocam o equipamento de jogador pelo de treinador.

Fonte: Bota & Colibaba-Evulet (2001),

Segundo Rodrigues (1997), a diversidade de modelos de treinamento varia de acordo com a categoria do treinador, sendo que sempre se deve levar em consideração seu conhecimento, sua experiência vivida e sua relação com os atletas. Tais fatores influenciam diretamente os resultados do trabalho pedagógico.

Além disso, no processo de treinamento existem outras variáveis a serem interpretadas que também interferem diretamente no produto final deste processo pedagógico. O treinador interfere no processo pedagógico, ao definir o conteúdo de seu plano de treinamento, sendo importante que haja por parte do mesmo, uma melhor avaliação acerca do processo de treinamento e de sua prática pedagógica.

Tal avaliação deve ter objetivo principal, explicar a organização e a seleção de conteúdos a serem ministrados. Assim, além do conteúdo ministrado, o mesmo deve se preocupar com todas as variáveis do processo educativo, revendo sua conduta com relação a todos os jogadores do grupo, aos pais, torcedores e adversários.

Além disso, para chegar ao sucesso, é necessário que o treinador utilize boa parte de seu tempo com instruções, na forma de pressões, elogios, recompensas, feedback positivo e negativo. Pesquisa de Tharp & Gallimore (1976), citado por Rodrigues (1997), afirma que os treinadores de sucesso dispensam mais de 50% de seu tempo com esse tipo de instrução para seus atletas.

Para Shigunov & Pereira (1993), o elogio por parte do professor, constitui-se em uma das manifestações positivas que mais influenciam na modificação de comportamentos dos educandos. Segundo os autores, o elogio não tem apenas a finalidade de “enaltecer a fixação da aprendizagem, mais igualmente de incentivar manifestações de comportamentos que o professor considera apropriados” (p.41).

Por outro lado, o feedback deve ser utilizado pelo professor como instrumento de conscientização e motivação do aluno, no processo de assimilação da informação. Segundo Shigunov & Pereira (1993), na prática pedagógica do treinador, “o feedback deve assumir a função de informar, analisar ou reforçar” (p63).

Outro estudo realizado por Rodrigues & Pieron (1991), citado por Rodrigues (1997), comparando a prática pedagógica de professores e

treinadores, verificou que os treinadores se distinguem significativamente dos outros docentes, por utilizarem com maior frequência o feed-back negativo, por dirigirem mais feed-back ao grupo e, ainda, por intervirem concomitantemente com a execução da tarefa” (p.43).

Para se transformar em um treinador de sucesso no voleibol, o treinador deve apresentar um perfeito domínio do conteúdo da modalidade, conhecimentos sobre formação de equipe, táticas de jogo, preparação física e sistemas de avaliação de desempenho. Tais recursos são necessários para a condução de uma equipe, seja de qual nível for, com competência e equilíbrio.

Segundo Baacke (s/d) o treinador de voleibol deve se preocupar com vários aspectos no processo de preparação de seus atletas, como a condição física, a boa fundamentação técnica, a preparação tática, o repouso e a confiança. Para esse autor, os treinamentos devem ser realizados nas mesmas condições em que ocorrerá a competição e sempre respeitando a individualidade dos atletas.

Para esse autor, durante a competição o treinador tem que ser otimista, orientando seus jogadores de maneira calma e coerente, sempre confiando e incentivando em suas atitudes. Nos pedidos de tempo, intervalo entre os sets e em substituições, deve passar informações técnicas e táticas que venham a ajudar seus atletas a superar os obstáculos apresentados.

A relação do treinador com os atletas deve se dar de acordo com a ética esportiva, respeitando sempre o bem estar físico, emocional e psicológico dos mesmos. Neste sentido, o treinador enquanto educador tem que tratar os jogadores com firmeza e com justiça se pretende efetivamente conquistar o seu respeito e sua lealdade.

O treinador deve se utilizar principalmente de estímulos positivos⁴⁶ junto aos atletas, evitando os negativos, que devem ser utilizados somente para provocar a inibição de determinados tipos de comportamentos. Através destes estímulos positivos, o treinador pode desenvolver uma metodologia específica para suas intervenções junto a seus atletas, pois os mesmos favorecem e reforçam a motivação dos jogadores, dando como resultado uma identificação e uma aceleração do aperfeiçoamento e da eficiência de cada jogador.

⁴⁶ Estímulos positivos: são os elogios, intervenções e correções do treinador.

A principal preocupação que deve existir por parte do treinador em sua relação com os atletas, reside no fato de que cada jogador tem uma personalidade e temperamento diferentes. Assim, em sua prática pedagógica, o mesmo deve observar sistemática e objetivamente a atuação de seus jogadores, pois a motivação dos atletas tem raízes na satisfação das necessidades de afirmação, de prestígio pessoal e de realização das aspirações que possam ter reflexos imediatos na aquisição e reconhecimento de um estado grupal e social.

Neste sentido, deve haver na fase de preparação, uma adaptação dos atletas às condições psico-emocionais que rodeiam a competição e suas exigências técnico-táticas. Assim, o treinador deve introduzir no treino situações de tensão, de agressividade e de competitividade que criem por vezes o clima psico-emocional semelhante às situações reais que se prevêem para os jogos.

Isso deve ocorrer constantemente, porque alguns atletas sentem mais ansiedade que outros, o que obriga o treinador a conhecer profundamente as características de cada um. Assim, é importante que o mesmo oriente todos os atletas diariamente, pois cada um, inconscientemente necessita desta atenção.

CAPITULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 - Caracterização do estudo

Os métodos se diferenciam não só pela sistemática pertinente a cada um deles, mas sobretudo, pela forma de abordagem do problema. Com isso faz-se necessário enfatizar que o método precisa estar apropriado ao tipo de estudo que se deseja realizar.

Neste sentido, a presente pesquisa, em função dos objetivos estabelecidos, pode ser classificada como um estudo de caso de natureza exploratória. Segundo Dencker & Da Viá (2001), o estudo de caso tem como finalidade “refinar conceitos, enunciar questões e hipóteses para investigações subseqüentes, e como procedimento pode utilizar tanto métodos quantitativos quanto qualitativos” (P.59).

Neste estudo de caso foi utilizada uma abordagem qualitativa, onde, de acordo com Godoy (1995), “um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador foi a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo, a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vistas relevantes” (p. 21).

Esta pesquisa, além de se constituir em um estudo de caso de natureza qualitativa, também se caracterizou como uma pesquisa exploratória, que segundo Thomas & Nelson (2002), tem o “seu valor baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetivas e completas” (p.280).

Em função dos procedimentos técnicos empregados, o estudo de caso é um procedimento de pesquisa que se amolda perfeitamente às pesquisas de natureza exploratória e qualitativa. Além disso, verificou-se que este modelo de estudo se encaixa perfeitamente às pesquisas qualitativas de natureza exploratória, tendo em vista tratar-se de um caso “que é representativo de muitos outros casos” (Thomas & Nelson, 2002, p.294).

Para Triviños (1987), a definição da forma de pesquisa determina que suas características sejam dadas por duas circunstâncias principais: a natureza e abrangência da unidade e os suportes teóricos que servem de orientação à pesquisa. Assim, o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” (p. 133).

Segundo Godoy (1995) a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada. Neste sentido, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos “que explorem novos enfoques”. (p.23)

3.2 - Sujeitos da pesquisa:

O caso analisado foi constituído pelo treinador da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil, Prof^o Percy Onken e sua comissão técnica, conforme demonstra o quadro 2 :

Quadro 2 – Constituição da comissão técnica

Função	Profissional
Supervisor	Hélcio Nunam Macedo
Preparador físico	Sérgio Mançan
Assistente técnico	Antônio Cláudio de Rezende
Auxiliar técnico	Flávio Márcio Marinho
Psicólogo	Antônio Prado Serenine
Fisioterapeutas	Cléssius F. Santos e Eduardo Vidotti
Médico	Sérgio Augusto Camporani de Azevedo

A opção em analisar a prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira infanto-juvenil masculina e sua comissão técnica foi proposital, tendo

em vista a qualidade do trabalho desenvolvido e as conquistas internacionais obtidas ao longo dos últimos treze anos, junto à Seleção Brasileira nesta categoria.

3.3 – Instrumentos e coleta de dados

Segundo Barros & Lehfeld (1999), medir com validade, confiabilidade e precisão depende de um processo controlado e seguro na seleção das técnicas de coleta de dados, sendo que a “validade de um instrumento está relacionada com a sua capacidade de medir o que se deseja” (P.48).

Assim, para melhorar a validade e a confiabilidade da pesquisa, a coleta de dados foi realizada pessoalmente pelo pesquisador, no local dos treinos da Seleção Brasileira de voleibol infanto-juvenil masculina, nas cidades de Belo Horizonte e Poços de Caldas, ambas no estado de Minas Gerais.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com o treinador da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil e com todos os membros de sua comissão técnica. A escolha da entrevista semi-estruturada se deve ao fato que, segundo Thomas e Nelson (2002), a mesma “é mais válida que o questionário porque as respostas são provavelmente mais confiáveis” (p.289).

As questões das entrevistas foram fundamentadas nos objetivos específicos do estudo e na revisão de literatura realizada sobre o assunto. Para Triviños (1987), a coleta de dados através desse tipo de entrevista, parte de certos questionamentos básicos, fundamentados em teorias, que interessam à pesquisa e que possibilitam um amplo campo de interrogativas.

Também foi desenvolvida uma análise observacional, através da filmagem em vídeo, de quarenta e cinco (45) sessões de treinamento técnico-tático da equipe, realizadas em Belo horizonte (28 sessões) e Poços de Caldas (17 sessões). Durante essa análise, foram realizadas fotografias do posicionamento tático da equipe em jogos amistosos e anotações no diário de campo do investigador.

A análise das sessões de treinamento foi concentrada na prática pedagógica do treinador e sua comissão técnica. Tais observações foram

divididas em dez categorias de estudo, definidas de acordo com os objetivos propostos, conforme indica o quadro 3:

Quadro 3 – Categorias de análise das sessões de treinamento

Categoria de análise	Definição
Identificação da atividade	Definição do modelo de atividade técnico-tática desenvolvida
Delimitação espacial	Se a atividade foi realizada utilizando-se de meia quadra, quadra toda ou outro local
Número de participantes	Se a atividade foi realizada individualmente, em duplas, pequenos grupos ou coletivamente
Modo de participação	Se a atividade foi desenvolvida de forma massificada ou individualizada
Função da tarefa	Se a atividade foi realizada a partir de métodos analíticos, sintéticos ou mistos
Classificação da tarefa	Se a tarefa envolvia fundamentos individuais, combinação de fundamentos, complexos de jogo ou jogo coletivo
Critério de êxito	Se a tarefa buscava a eficiência ou eficácia do movimento, ou aplicação em situação (pontuação)
Conduta do treinador	Se as tarefas eram centralizadas ou iniciadas no treinador, ou apenas como retroalimentação
Conduta do atleta	Se os atletas tinham atitudes modificadoras, congruentes (mantêm) ou suportivas (auxiliar)
Relação treinador x atletas	Se a relação existente era harmoniosa, respeitosa, conflituosa ou inexistente

Adaptado de Nascimento & Barbosa (2000)

3.4 - Análise dos dados

Para Dencker & Da Viá (2001) a análise e a interpretação dos dados é a etapa mais importante da pesquisa, cujo objetivo é verificar se as suposições propostas pelo pesquisador são ou não pertinentes ao problema estudado. Além disso, a análise dos dados sempre deverá ser efetuada em função do referencial teórico que serviu de base para o pesquisador formular e operacionalizar os conceitos e as variáveis definidas para a observação no decorrer da pesquisa (p.170).

Neste contexto, os dados coletados nas entrevistas com os membros da comissão técnica da Seleção Brasileira foram categorizados e analisados de forma qualitativa, a partir do método de análise de conteúdo. Segundo Ludke & André (1986), neste tipo de procedimento, o pesquisador decompõe o fenômeno investigado em partes, de forma que suas partes essenciais se organizem em uma recíproca dependência.

Assim, tal análise foi concentrada em quatro principais categorias, definidas a partir dos objetivos específicos previstos na pesquisa, assim especificadas no quadro 4:

Quadro 4 – Categorias de análise das entrevistas

Categoria	Definição
A biografia do treinador	A trajetória profissional e as fontes de conhecimento do treinador da Seleção Brasileira
O processo de preparação da equipe	O processo de preparação da equipe, a seleção dos atletas e a periodização dos treinamentos
A concepção metodológica	Como foi desenvolvida a prática pedagógica, a estrutura dos treinamentos e a relação técnico atletas
A concepção tática coletiva	Quais sistemas táticos ofensivos e defensivos foram utilizados pela equipe

Adaptado de Afonso (2001)

Já, as filmagens em vídeo foram analisadas de acordo com as onze categorias definidas na coleta de dados, também fundamentadas nos objetivos do presente estudo, através de estatística descritiva, com ênfase na análise de frequência, com predominância da porcentagem. Tal análise foi realizada a partir de cento e quarenta e três (143) modelos de atividades técnico-táticas desenvolvidas nas quarenta e cinco (45) sessões de treinamentos investigadas, perfazendo uma média de 3.5 atividades em cada sessão de treino.

3.5 – Estudo piloto:

De acordo com Thomas & Nelson (2002), o estudo piloto deve fornecer subsídios sobre o formato, conteúdo, expressão e importância dos itens da entrevista, pois através do mesmo “o entrevistador pode se certificar de que o nível do vocabulário é apropriado e que as questões são igualmente significativas com relação às idades e ao *background* dos sujeitos que estão sendo entrevistados” (p.289).

Para a validação da presente pesquisa, foi realizado um estudo piloto com 20 profissionais da área da Educação Física, especialistas em voleibol. Tal estudo teve como objetivo central, comprovar a eficiência dos instrumentos de pesquisa, verificando se alguma questão deveria ser adicionada ou deletada, bem como, assegurar sua melhor condução.

3.6 – Limitações do método

- A limitação do tempo para a realização da coleta de dados, o que inviabilizou um número maior de observações dos treinamentos, amistosos e participações em competição da equipe pesquisada;
- A impossibilidade de o pesquisador acompanhar a preparação da Seleção Brasileira nos períodos pré-competitivo e competitivo, para verificar a continuidade do trabalho técnico-tático, bem como a participação da equipe na competição

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa realizada com o atual treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil e sua comissão técnica. Tais resultados estão organizados em quatro categorias, especificadas de acordo com os objetivos propostos e assim estabelecidas: a biografia do treinador, o processo de preparação da equipe, a concepção metodológica e a concepção tática.

A primeira categoria dispõe sobre a biografia do treinador principal, Prof. Percy Oncken e suas fontes de conhecimento. A segunda categoria de análise versa sobre o processo de preparação da equipe, a comissão técnica, a seleção dos atletas e o planejamento dos treinamentos.

A terceira categoria aborda a concepção metodológica implantada pelo Prof. Percy Oncken no processo de preparação da Seleção Brasileira, analisando sua prática pedagógica, a estrutura dos treinos e a relação treinador x atletas. E, a última categoria de análise se refere aos sistemas táticos implementados na seleção brasileira, sendo, os sistemas de jogo, de ataque, de recepção de saque, de defesa e de proteção do ataque.

4.1 – A biografia do treinador

Percy Oncken é filho de Mário Oncken e Elza Marin Oncken, tendo nascido em 10/11/1960, na cidade de Iguaçu, estado do Paraná. Com um ano de idade,

mudou-se para a cidade de Umuarama, também no Paraná, onde residiu com seus pais até se casar.

Como a grande maioria dos rapazes da época, gostava de praticar futebol de campo, sendo que chegou a jogar nas categorias de base do Umuarama Futebol Clube. Interessou-se pela prática do voleibol a partir das aulas de Educação Física no Colégio Estadual de Umuarama, onde o esporte era bastante praticado.

Segundo o Prof. Percy, “foi o professor Juan Severo Romero, me convidou a fazer parte da equipe de voleibol do colégio, que representava Umuarama nas principais competições estaduais, como os Jogos Abertos e Jogos Colegiais”.

A partir daquele momento, o voleibol passou a fazer parte permanentemente de sua vida, influenciando decisivamente pela escolha da profissão de professor de Educação Física, que concluiu em 1981, na Universidade Estadual de Londrina. Casou-se já no início da década de oitenta, sendo que, nesse matrimônio, teve duas filhas, Camila Vajani Oncken (26/11/82) e Nathalia Cristina Vajani Oncken (20/09/85), que ele próprio define como “suas jóias”.

Já a partir do 2º ano de estudo, conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada, como treinador de voleibol do município de Rolândia, Paraná. O convite partiu do diretor da Secretaria Municipal de Esportes da cidade, professor Edno Uemura (in memoriam), onde permaneceu pelo período de um ano, de setembro de 1980 a setembro de 1981.

Com a conclusão do curso de graduação, no final de 1981, retornou para Umuarama, onde passou a trabalhar como chefe da divisão de esportes da Prefeitura Municipal, passando a ser o treinador da equipe feminina de voleibol da cidade. No ano de 1983, tendo em vista mudanças políticas na cidade de Umuarama, voltou para Londrina, começando a ministrar aulas no Colégio Marcelino Champagnet.

Em junho de 1983, começou a trabalhar como treinador de voleibol no Canadá Country Club, em Londrina, onde permaneceu até o final de 1996. Nesse período, conquistou importantes títulos no voleibol paranaense, nas categorias mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil, firmando-se como treinador de renome nacional.

A partir de 1988 passou a ser o treinador da seleção paranaense de voleibol nas categorias infanto-juvenil e juvenil, participando durante vários anos, das principais competições nacionais do voleibol, nestas categorias. Em 1996 assumiu o comando técnico das equipes juvenil e adulta do Grêmio Literário Recreativo e Esportivo Londrinense.

No período de 1998 e 1999 foi treinador da equipe de voleibol masculina adulta do Clube Comercial de Arapongas, que representava a referida cidade paranaense nas principais competições de voleibol do estado do Paraná. Essa rica experiência acumulada ao longo dos anos como treinador de voleibol, o levou ao comando da equipe de voleibol feminina de Londrina, disputando por dois anos a Superliga Nacional de Voleibol, em 1999 e 2000 respectivamente.

Sua relação profissional na Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil de voleibol se iniciou em 1990, quando realizou um estágio junto à equipe, convidado pelo professor Marcos Antônio Lerbach, na época, treinador da Seleção Brasileira. O sucesso do estágio realizado foi imediato, sendo que já em 1991, foi convidado pela Confederação Brasileira de Voleibol para assumir o cargo de treinador auxiliar da equipe.

A partir desse momento não deixou mais de fazer parte da comissão técnica da Seleção Brasileira infanto-juvenil, conquistando ainda em 1991 seu primeiro título mundial como treinador auxiliar e em 1992 seu primeiro título sul-americano. A partir de 1993 assumiu definitivamente o comando da Seleção Brasileira masculina Infanto-juvenil, conquistando os campeonatos mundiais de 1993, 95, 2001 e 2003 e ainda o Mundial da Juventude de 1998.

Neste período, também se sagrou campeão sul-americano de voleibol, na categoria infanto-juvenil masculina em 1994, 1996, 1998, 2000 e 2002. Além disso, seu currículo como treinador da equipe brasileira, mostra que em onze anos frente ao comando da equipe infanto juvenil, obteve a impressionante marca de apenas 4 derrotas em jogos oficiais.

Paralelamente à carreira de treinador de voleibol, o Prof. Percy Oncken também exerce a função de professor de ensino superior, responsável pela disciplina de voleibol dos cursos de licenciatura em Educação Física e de bacharelado em Ciências do Esporte, na Universidade Estadual de Londrina, onde foi aprovado em concurso público em 1986. Além disso, é instrutor da

Confederação Brasileira de Voleibol, ministrando cursos de voleibol em todo o Brasil e também no exterior.

4.1.1 – Fontes de conhecimento

O treinador principal da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil tem formação inicial em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná. Nesta instituição, também exerce a função de professor de ensino superior. Realizou curso de especialização em treinamento esportivo e voleibol, tendo ainda participado de vários cursos nacionais e internacionais de treinadores em desportos e de treinamento de voleibol.

É técnico credenciado pela Federação Internacional de Voleibol, nível três, o que lhe confere o direito de ser treinador de voleibol em qualquer parte do planeta. Além disso, é instrutor da Confederação Brasileira de Voleibol, ministrando cursos de voleibol em simpósios e eventos científicos em todo o Brasil e até mesmo no exterior.

A pesquisa apontou que o treinador principal teve uma formação inicial em Educação Física muito influenciada pelas abordagens desenvolvimentista, sistêmica e tecnicista. Segundo Azevedo & Shigunov (2001), a abordagem desenvolvimentista é a que “privilegia a aprendizagem do movimento, embora possam estar ocorrendo outras aprendizagens decorrentes da prática das habilidades motoras” (p.85).

Já a abordagem sistêmica, de acordo com Azevedo & Shigunov (2001), também se baseia na experiência da cultura de movimentos, fundamentando-se nos princípios da não exclusão e da diversidade de atividades. E finalmente, a abordagem que se verificou ter influenciado de maneira mais forte a formação inicial do treinador da Seleção Brasileira, foi a tecnicista, que “está centrada na vivência e desenvolvimento de modalidades esportivas [...] Prioriza os padrões técnicos da aprendizagem dos movimentos e gestos dos esportes [...]” (p.90).

Tal fato se justifica pelo período em que o Prof. Percy Oncken concluiu o curso de graduação, no início da década de oitenta. Neste período, a Educação

Física era muito influenciada pelo fenômeno esportivo competitivo e pelas metodologias tecnicistas, que tinham como prioridade o ensino dos esportes.

Neste sentido, verificou-se que a sua formação continuada foi naturalmente direcionada para o voleibol competitivo, devido à sua formação inicial e pela rica experiência que o mesmo teve como atleta de voleibol. Segundo o próprio Percy Oncken, essa experiência que teve enquanto atleta de voleibol, passando por diversas categorias e equipes, “contribuiu significativamente em sua formação, pois pode perceber as técnicas de cada fundamento para uma possível correção futura”.

Essa experiência prática no terreno de jogo, somada ao conhecimento acadêmico adquirido com o passar dos anos, transformou o treinador principal em um profundo conhecedor do ensino do voleibol. Tal experiência o credencia a desenvolver com eficiência e competência sua prática pedagógica, através da utilização consciente das diferentes metodologias existentes no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol.

Outra fonte de conhecimento muito importante, que tem influência direta na prática pedagógica do treinador principal, é a experiência adquirida como treinador de voleibol, principalmente na categoria infanto-juvenil. Seu currículo como treinador indica que passou por todas as etapas do voleibol competitivo, desde as escolinhas, equipes de clubes, seleções municipais e estaduais e, finalmente, se firmando como treinador de seleção nacional.

Isso o credencia a dirigir com eficiência e segurança a Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil, pois trabalha junto à categoria a mais de vinte anos, tendo conquistado nesse período, vários títulos importantes. Além disso, a experiência vivida de treze anos na Seleção Brasileira, primeiramente como treinador auxiliar e depois como treinador principal, também contribuíram significativamente para a eficiência de sua prática pedagógica.

Segundo o treinador principal, quando encontra alguma dificuldade ou qualquer dúvida relacionada à prática pedagógica e ao ensino do voleibol, procura “saná-las com outros treinadores de renome do esporte, principalmente das demais Seleções Brasileiras”. Além disso, freqüentemente busca novas informações em livros de outras áreas, como psicologia do esporte, tomada de decisões, auto-conhecimento.

A pesquisa apontou que a formação inicial e continuada do treinador principal foram fortemente influenciadas pelo esporte competitivo, definindo sua área de atuação profissional e sua concepção metodológica. Além disso, tal concepção metodológica também se fundamentou em seu percurso profissional como treinador de sucesso e em experiência vivida como atleta de voleibol, passando a influenciar decisivamente sua cultura docente e sua prática pedagógica.

4.2 – O processo de preparação da equipe

O processo de preparação da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, com vistas à participação no Campeonato Mundial da Juventude⁴⁷, iniciou-se em meados de 2002. A partir dessa data, foram definidos pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), através da comissão técnica, os critérios de seleção dos atletas, os locais de preparação da equipe, a periodização dos treinamentos e as possíveis datas de amistosos e competições preparatórias..

A Confederação Brasileira de Voleibol é a entidade esportiva autorizada pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) a desenvolver e incentivar a prática do voleibol competitivo no Brasil. Neste sentido, mantém permanentemente comissões técnicas especializadas para todas suas seleções, com o objetivo de viabilizar uma participação eficiente das equipes brasileiras nas competições oficiais internacionais de voleibol.

Tubino (1984) define a comissão técnica como um grupo de pessoas reunidas em torno de um processo de treinamento, que traz especificações nas diferentes partes da preparação. Assim sendo, a comissão técnica deve estruturar-se a partir de propósitos comuns, utilizando os conhecimentos de seus membros sobre os objetivos e as características do trabalho.

⁴⁷ O Campeonato Mundial da Juventude foi realizado no período de 05 a 23 de julho de 2003, na cidade de Suphan Buri, Thailand.

Especificamente para as categorias menores⁴⁸, além da participação nas competições internacionais, a CBV justifica o investimento pela necessidade de descoberta de talentos para os clubes e também para as Seleções Brasileiras adultas. Para comprovar o grande retorno que esse investimento nas categorias menores proporciona para o voleibol brasileiro, o supervisor de seleções da CBV, Hécio Nunam Macedo⁴⁹, apresenta o seguinte argumento,

historicamente, a contribuição das seleções infante e juvenil para a principal é muito grande, haja vista que nas seleções adultas, tanto masculina como feminina, 90% dos atletas passaram pelas seleções de base. Com relação aos clubes, também a contribuição é muito grande, porque além de um cuidado com a parte técnica, cuidamos da parte física, médica e psicológica dos atletas. (março, 2003)

A comissão técnica da Seleção Brasileira masculina de voleibol infante-juvenil foi constituída pela Confederação Brasileira de Voleibol a partir da escolha do treinador, Prof. Percy Oncken, que tem um currículo de 23 anos como treinador e de 13 anos especificamente junto à equipe nacional desta categoria. O supervisor Hécio Nunam Macedo justificou a escolha do treinador, argumentando que os mesmos “são escolhidos conforme o trabalho em seus estados. Alguns deles, após a passagem por estágios nas seleções. Posteriormente indicam os outros membros”.

Além do Prof. Percy Oncken, também fazem parte da atual comissão técnica da Seleção Brasileira masculina infante-juvenil, os profissionais descritos no quadro 2, na página 56. Os treinadores das Seleções Brasileiras adulta e juvenil, respectivamente, Bernardo da Rocha Rezende e Antônio Marcos Lerbach também contribuem com a atual comissão técnica da seleção infante-juvenil, como “supervisores técnicos”.

Segundo o treinador principal, a participação dos mesmos, como supervisores técnicos da seleção infante é de extrema validade, pois “eles participam de forma direta de todo o processo, mantendo contato permanente

⁴⁸ A FIVB promove competições internacionais para as categorias Infante-juvenil (de 14 a 17 anos) e juvenil (de 17 a 20 anos).

⁴⁹ Hécio Nunam Macedo tem 73 anos, foi jogador e treinador de voleibol por 15 anos, presidente da Federação Mineira de voleibol por 15 anos e tem a experiência de 23 anos como supervisor de seleções de base da CBV, nas categorias masculina e feminina.

com nossa comissão técnica. Essa integração é muito importante, pois a maioria dos jogadores que hoje estão na seleção infanto, possivelmente estarão numa seleção juvenil e ou adulta”.

Para o Prof. Antônio Cláudio de Rezende⁵⁰, treinador assistente da Seleção Brasileira, a presença dos técnicos das equipes juvenil e adulta, reforça o trabalho técnico-tático integrado que existe entre as três seleções, pois

a gente está sempre conversando muito, trocando idéias. Com o juvenil a gente tem um intercâmbio maior, mas o técnico da equipe adulta também está sempre presente. Tem momentos em que o Percy vai, (eu não tive oportunidade de ir ainda), aos treinos da seleção adulta, conversa e participa dos trabalhos, entendeu. Tem um intercâmbio muito interessante dentro do nosso objetivo, na realidade é um trabalho nas categorias de base, que são ciclos de quatro anos e dois em dois. A gente preparando para o juvenil, sabendo que eles tem que estar fisicamente preparados, tecnicamente em condição de fazer, e do juvenil para o adulto, existe essa mesma preocupação. (março,2003)

Segundo o treinador principal, é importante que toda a comissão técnica trabalhe em harmonia. Para que isso ocorra, cada membro deve assumir suas responsabilidades com competência e dedicação, todos atuando para o sucesso da seleção, pois hoje,

quando se fala em esporte de alto rendimento que é o caso de nossa equipe [...] é impossível você trabalhar sozinho. Você precisa do auxílio de pessoas, primeiro amigas, e depois competentes, para que possamos montar uma estrutura que nos leve ao alto rendimento. Então evidentemente que se faz necessário a interferência de profissionais de outras áreas inclusive, como medico, fisioterapeuta, psicólogo e supervisor, que nos dão a sustentação para o trabalho. Além destes, existem ainda as pessoas mais ligadas diretamente a mim, como o assistente técnico, preparador físico e o auxiliar técnico. (Percy Oncken, março 2003)

Ficou constatado pelas entrevistas realizadas com os membros da comissão técnica, que existe um trabalho integrado na Seleção Brasileira, onde cada integrante é responsável por um setor específico. Segundo o fisioterapeuta

⁵⁰ O Prof. Antônio Cláudio de Rezende tem 41 anos, é formado em Educação Física, especialista em treinamento esportivo e tem 11 anos de experiência como treinador assistente da seleção infanto-juvenil masculino.

da equipe, Cléssius Ferreira Santos⁵¹, essa integração é fruto de um trabalho coletivo que ele próprio define como “interdisciplinar”.

A prática interdisciplinar faz com que as pessoas se sintam integradas e componentes de um todo, desenvolvendo a percepção, o espírito crítico, a capacidade de discutir e encontrar soluções para os problemas. Entretanto, esse trabalho interdisciplinar que ocorre na comissão técnica da seleção brasileira infanto-juvenil, não se realiza apenas no sentido educativo e pedagógico, onde a interdisciplinaridade, segundo Fazenda (1993), deve ser entendida como,

um processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo a serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

O trabalho interdisciplinar defendido por Cléssius Ferreira Santos, e reconhecido pelos demais membros da comissão técnica deve ser entendido como um trabalho cooperativo, de equipe e sem individualismos. Um processo de diálogo permanente, de discussão e superação das dificuldades, buscando no todo a compreensão para a solução dos problemas, através da adoção de um único método de trabalho.

Segundo Munhoz (1996), falar em interdisciplinaridade supõe conceber-se, sendo que para ascender ao plano do “inter”, deve haver implicação de troca, reciprocidade, discussão e conhecimento do outro profissional na sua alteridade. Neste sentido, para que ocorra um processo interdisciplinar, o alcance do nível de relações deve “supor a passagem por graus sucessivos de cooperação e de coordenação crescente” (p.168).

Pode-se conceber o processo interdisciplinar que ocorre na comissão técnica da seleção brasileira, a partir do pensamento de Vasconcellos (1993), para o qual, interdisciplinaridade pode ser entendida como uma superação da fragmentação do saber e da realidade. Segundo o autor, todo processo de

⁵¹ Cléssius Ferreira Santos tem 30 anos, é formado em fisioterapia pela UEL, tem especialização em ciências fisiológicas e osteopatia, apresentando uma experiência de 7 anos como fisioterapeuta da seleção brasileira infanto-juvenil masculina.

produção de conhecimentos demanda um vínculo estreito com a totalidade, seja ela mais abrangente ou restrita ao nível necessário para o problema em questão.

Assim, o processo interdisciplinar deve ser visto como um trabalho de interação, coordenado e cooperativo, que pode ser estabelecido desde a simples comunicação de idéias até a integração recíproca dos conceitos básicos, da epistemologia, da terminologia e da metodologia. A interdisciplinaridade é uma necessidade para melhor se conhecer a realidade, caracterizando-se, portanto pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela relação de reciprocidade, de mutualidade, que irá possibilitar o diálogo e a solução dos problemas.

Já, no trabalho técnico-tático, esse processo interdisciplinar ocorre de forma diferente, ficando evidente a existência de uma divisão de funções entre o treinador principal, o treinador assistente e o treinador auxiliar. Segundo o treinador assistente, Prof. Antônio Cláudio de Resende, essa divisão de funções ocorre para melhorar a eficiência dos treinamentos, e está assim estabelecida: “eu trabalho passe, saque e defesa. O Percy trabalha bloqueio, ataque e o levantamento fica por conta do Flávio. Cada um desenvolve sua função [...] obviamente sempre todos estando de acordo com o que deve ser trabalhado”

O treinador principal concorda que essa divisão de funções entre os integrantes de sua comissão técnica faz parte do trabalho interdisciplinar estabelecido. Porém, o mesmo ressaltou que apesar desta divisão de responsabilidades, “o técnico evidentemente continua com o comando sobre todo o trabalho”.

Tal estratégia comprova a existência de um trabalho coeso, eficiente e organizado por parte de toda a comissão técnica. Para o treinador principal, o segredo desta coesão fica explícita pelo profissionalismo de seus auxiliares, e acima de tudo, pela amizade que une todo o grupo,

porque sem a qual, é impossível a gente poder progredir [...] existe uma excessiva confiança, primeiro nas pessoas que trabalham e depois no trabalho que cada um desenvolve na comissão técnica. São pessoas extremamente importantes e sem elas, dificilmente a gente conseguiria chegar no alto nível, porque toda a divisão do trabalho se dá em função de uma discussão contínua em cima do que é melhor para a equipe. (Percy Oncken, março 2003)

Esse trabalho interdisciplinar, de coesão e profissionalismo manifestado pelos integrantes da comissão técnica, ficou comprovado durante o desenvolvimento do processo de preparação da equipe. O processo vitorioso, que culminou com a conquista do hexa-campeonato mundial, fundamentou-se a partir de alguns fatores primordiais, como: a seleção dos atletas, a periodização dos treinamentos, as concepções metodológicas e as concepções táticas adotadas.

4.2.1 – A seleção dos atletas

No esporte competitivo coletivo, o processo de seleção de atletas sempre deve levar em consideração diferentes indicadores de rendimento, como os seguintes fatores: antropométricos⁵², condicionantes⁵³, técnico-coordenativos⁵⁴, tático-cognitivos⁵⁵ e psicológicos⁵⁶ (Konrad et al, 2002). Com base nestes fatores de desempenho, a comissão técnica da seleção brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, realizou a seleção dos atletas para a participação do Brasil no Campeonato Mundial da Juventude.

De acordo com o supervisor da seleção brasileira, Hécio Nunam Macedo, os principais critérios utilizados pela Confederação Brasileira de Voleibol para a seleção dos atletas, constituíram-se acompanhamento constante por parte do treinador ou do treinador assistente, de todos os campeonatos brasileiros e estudantis da categoria. Além disso, também foram levadas em consideração algumas indicações dos treinadores que trabalham com a categoria em clubes e seleções estaduais.

Segundo o treinador principal do selecionado brasileiro, a seleção dos atletas foi realizada por ele próprio e pelo treinador assistente. Essa captação foi baseada nos fatores de desempenho já descritos e realizada a partir de análise dos jogos dos campeonatos brasileiros da divisão especial, da primeira e da

⁵² Fatores antropométricos: altura, peso, envergadura, comprimento de membros.

⁵³ Fatores Condicionantes: flexibilidade, resistência, força, velocidade de deslocamento, velocidade de reação.

⁵⁴ Fatores técnico-coordenativos: técnica e regularidade de execução dos fundamentos.

⁵⁵ Fatores tático-cognitivos: capacidade de percepção e análise das situações de jogo, capacidade de antecipação e de decisão.

⁵⁶ Fatores psicológicos: auto-confiança, liderança, motivação, espírito de grupo, capacidade de concentração.

segunda divisão, promovidos pela CBV e realizados respectivamente em Maceió⁵⁷, Sobral⁵⁸ e Manaus⁵⁹.

Também, foram avaliados os atletas participantes dos campeonatos regionais de voleibol, nos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, onde o nível técnico do voleibol é mais alto. Para o treinador principal, o critério de seleção dos atletas se pautou principalmente nos fatores antropométricos, ou seja, em “identificar possíveis atletas com perfil físico internacional. (Percy Oncken, março 2003)

Verificou-se uma preocupação por parte da comissão técnica, em seguir critérios rígidos e coerentes para a seleção dos atletas, tentando acompanhar parâmetros internacionais já estabelecidos. Segundo o Prof. Treinador principal, tais parâmetros de seleção se constituem na altura do atleta, na capacidade de salto, na velocidade e por último, na condição técnica individual, porque

é uma característica mundial do voleibol de alto nível e o jogador baixo tem que realmente fazer uma diferença com relação aos outros, ter uma grande capacidade de salto ou realmente ser uma pessoa que se destaca em relação aos outros. Hoje no voleibol moderno se você não tem um bloqueio efetivo, você pode comprometer muito a sua defesa, porque a velocidade que a bola vem atacada pelo adversário é muito grande e a altura em que é atacada, principalmente pelos países que tem uma grande tradição no esporte (vamos falar de Rússia, de Polônia de Itália) são jogadores de muita força e muita capacidade de salto. Então o bloqueio é importante. Evidente que o bloqueio tem que incomodar a todo instante tem que incomodar no sentido de obrigar o atacante a ter mais recursos para colocar a bola no chão, essa é a primeira função do bloqueio, tá. E sem dúvida se o bloqueio não for alto, não há sentido da gente treinar bastante, porque a bola vem por cima do bloqueio e praticamente não existe possibilidade de defesa. (Percy Oncken, março 2003)

Entretanto, pelas declarações dos integrantes da comissão técnica, verificou-se que a altura dos jogadores e a capacidade de salto não podem ser

⁵⁷ De 20 a 25/10/2002.

⁵⁸ De 17 a 21/09/2002.

⁵⁹ De 05 a 10/11/2002.

referenciais únicos para a convocação de determinado atleta. O biotipo é importante mais não é definitivo, sendo necessário ainda que os jogadores apresentem condições técnicas excelentes na função em que foram convocados, dominando completamente os fatores técnico-coordenativos e tático-cognitivos.

Neste mesmo contexto, o treinador assistente da seleção Brasileira, que participou ativamente da seleção dos atletas, enumera outros fatores de seleção, que complementam os critérios já descritos,

you convoca o atleta primeiro de acordo com um parâmetro internacional que a gente já estabeleceu, pois já sabemos o que vamos encontrar lá fora. O biotipo é muito importante mais não é também definitivo. Pelo biótipo do atleta você faz a convocação e também pela necessidade, obviamente você convoca um número x de ponteiros, de meios, não tendo que cumprir exatamente aquilo que foi convocado. (Antônio Cláudio de Resende, março 2003)

Além disso, segundo o preparador físico da Seleção Brasileira, paralelamente aos critérios técnicos e de altura, também foi levado em consideração outro importante fator condicionante, que é o alcance do salto, onde foi exigido um “alcance acima de três metros e trinta, ou quarenta centímetros de altura de alcance de ataque, para ter o padrão internacional e poder competir com as equipes européias, que têm meninos muito altos”. (Sérgio Mançan, março 2003)

A coerência por parte da comissão técnica, com relação à definição de critérios de seleção dos atletas, ficou evidente na média de altura e de peso dos atletas convocados. Verificou-se que os vinte e dois atletas selecionados para a primeira fase de treinamentos apresentaram uma média de peso de 86,05 kg e 1,97 m de altura.

Dentre os vinte e dois jogadores, foram convocados três levantadores, seis atacantes de meio, quatro atacantes opostos, dois jogadores com a função de líbero e sete atacantes de entrada. Considerando que é uma tendência do voleibol mundial, os atacantes de entrada deveriam também “apresentar características de passadores, já que é uma função normalmente utilizada pelo ponta, mais em nenhum momento a gente deixa de fazer estudos ou experiências com os jogadores centrais”. (Percy Oncken, março 2003)

Segundo o treinador principal, após a definição dos vinte e dois jogadores, de acordo com cada posição e função técnico-tática, começou o trabalho de preparação da equipe,

e o que a gente faz para chegar a isso: definiu-se quantos jogadores em cada posição, ou seja, quantos centrais, levantadores, opostos e pontas. A partir daí, começamos o macrociclo de treinamento que foi dividido em período básico, especial, pré-competitivo e competitivo, ou seja, quatro ciclos de trabalho [...] aí começamos o trabalho com o objetivo específico em cada período. O período básico foi para aquisição e melhora do fundamento, e a partir daí, a gente começou a melhorar o grupo tecnicamente, para depois implantar uma tática coletiva. Após a correção técnica individual, desenvolveu-se a aplicação dessa técnica individual em situações táticas, através da definição dos sistemas de ataque, defesa e recepção. (Percy Oncken, março 2003)

De acordo com o treinador principal, a definição da equipe final que representou o Brasil no campeonato mundial da juventude, somente aconteceu no período pré-competitivo, sendo que até lá,

a gente foi definindo o grupo, diminuindo o grupo, até para facilitar o próprio treinamento. Na fase de Belo Horizonte, nós contamos com vinte e dois atletas, em Poços de Caldas, nós reduzimos o grupo para dezoito atletas e assim sucessivamente até chegar no período pré-competitivo com a equipe definida. A gente trabalha com um número reduzido de atletas, até para favorecer todo o andamento do trabalho. (Percy Oncken, março 2003)

Assim, verificou-se que além dos fatores antropométricos, condicionantes, técnico-coordenativos, tático-cognitivos e psicológicos, os doze atletas que representaram o Brasil no Campeonato Mundial da Juventude, também foram escolhidos por outras qualidades. Dentre essas qualidades, pode-se citar a capacidade de liderança, o espírito de equipe, a coragem e a determinação.

A equipe hexa-campeã mundial manteve a média de altura de 1,97 m e foi constituída de três atacantes de meio, quatro atacantes de ponta, dois levantadores, dois atacantes opostos e um líbero. Tais posições e funções foram preenchidas pelos atletas relacionados no quadro 5:

Quadro 5 – Composição da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil

Atleta	Altura	Função
Danilo Cruz de Carvalho	2,00 m	Atacante de meio
Moises Cizotto Keller Junior	2,00 m	Atacante de meio
Douglas Silva Mendes Barbosa	2,03 m	Atacante de meio
Thiago Soares Alves	1,94 m	Atacante de ponta e passador
Victor Gabriel da S. Gonçalves	1,97 m	Atacante de ponta e passador
Silmar Antônio de Almeida	2,00 m	Atacante de ponta e passador
Breno Vasconcelos de Oliveira	2,00 m	Atacante de ponta e passador
Luiz Araújo Zech Coelho	1,96 m	Levantador
Everaldo Lucena da Silva	1,94 m	Levantador
Thiago Antônio Machado	2,01 m	Atacante oposto
Fabio Luis Maachias Paes	1,90 m	Líbero
Igor Braz Vilela Pinto	2,00 m	Atacante oposto

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol (CBV)

Segundo o treinador principal, a definição da equipe titular, somente ocorreu no período competitivo, devido ao alto nível técnico dos atletas. Essa seleção se desenvolveu de maneira natural, após uma análise criteriosa da atuação dos atletas em todo o período de preparação, verificando assim, “qual jogador rende melhor em cada função”. (Percy Oncken, março 2003)

Neste sentido, tendo em vista os resultados alcançados pela equipe, pode-se salientar que o critério de convocação, seleção e preparação da equipe que representou o Brasil no campeonato mundial foi acertado. Tal processo reflete a existência de um planejamento metódico e organizado, desenvolvido com competência e cientificidade.

Assim, verificou-se que os resultados obtidos pela equipe foram consequência de um processo de preparação eficiente, que envolveu todas as

variáveis necessárias. Dentre tais variáveis, a periodização correta de todo o período de treinamentos possibilitou o desenvolvimento de um trabalho organizado por parte da comissão técnica, em se tratando de concepção metodológica e concepção tática.

4.2.2 – A periodização dos treinamentos

O planejamento e a preparação de uma equipe esportiva de alto nível deve sempre levar em consideração, objetivos específicos bem definidos, de acordo com cada modalidade esportiva. Segundo Silva & Martins (2002), para a consecução deste planejamento esportivo, é necessário à aplicação sistemática de referidas tarefas, sempre levando em consideração importantes aspectos.

Dentre esses aspectos, pode-se destacar os fatores ambientais⁶⁰, sociais e individuais⁶¹, de recuperação⁶² e de informação, no sentido de “proporcionar ao praticante o domínio dos fundamentos da técnica utilizada, das conseqüências negativas de uma ação incorreta, além de princípios e condições dos adversários” (Silva & Martins, 2002, p.121).

Segundo Zakharov (1992), o programa de desenvolvimento da forma esportiva se adquire num processo de preparação desportiva relativamente prolongado, que tem o caráter de fase e é definido como um macrociclo. Neste sentido, segundo ele, um macrociclo de treinamento se caracteriza como uma unidade de desenvolvimento da forma esportiva, podendo ocorrer “numa seqüência de três fases: aquisição, manutenção e perda temporária” (p.273).

Neste mesmo contexto, Tubino (1984) divide o processo de treinamento de alto nível em três tipos de ciclos, sendo microciclos, mesociclos e macrociclos. Este autor define um macrociclo como “os tipos de ciclos que representam todo o treinamento de uma temporada. Deve incluir todas as fases do período preparatório (básica e específica) e ainda todo o período de competição” (p.144).

⁶⁰ Condições climáticas, altitude, condições do ar.

⁶¹ Orientação do sono, da alimentação, do repouso, higiene.

⁶² Massagem. Sauna, fisioterapia.

Para Weineck (1986), o período de preparação tem como principal objetivo o desenvolvimento da forma esportiva, podendo-se dividir em duas fases: preparação geral e especial. Na primeira fase, “dá-se ênfase a uma larga preparação geral de condicionamento; na segunda, os meios específicos predominam, enquanto o volume decresce e a intensidade aumenta” (p.237).

De acordo com o treinador principal, o planejamento dos treinamentos da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil foi realizado tendo como objetivo central a participação da equipe no Campeonato Mundial da Juventude. Assim, foi desenvolvido pela comissão técnica um projeto de preparação geral da equipe, que pode ser entendido como um macrociclo de treinamento e apresentou os seguintes objetivos:

o estado ótimo da forma desportiva somente será possível de ser alcançado após um período prolongado, respeitando algumas leis de adaptação, aplicação e desenvolvimento dos meios de preparação. De um modo geral pode-se colocar que a forma desportiva retrata a perfeita harmonia entre os componentes da preparação dos atletas: o físico, o técnico, o tático e o psicológico. A perfeita inter-relação destes aspectos propiciará a aquisição da forma física e manutenção da mesma no período competitivo buscando alcançar os objetivos propostos. O macrociclo apresenta duas etapas distintas: etapa de preparação e etapa competitiva. (Percy Oncken, março 2003)

Neste projeto de preparação, o macrociclo de treinamentos foi dividido em três períodos: período de preparação, período de competição e período de transição. O período de preparação, ou preparatório, é composto por todas as fases que antecedem a etapa competitiva e objetiva o desenvolvimento das possibilidades funcionais do organismo do atleta, buscando o aperfeiçoamento de vários aspectos específicos do estado de preparação.

Segundo Zakharov (1992), a fase preparatória ou período preparatório pode ser dividido em etapas de preparação geral e especial. Esse período deve assegurar o “desenvolvimento das possibilidades funcionais do organismo do desportista e pressupõe a solução de tarefas de aperfeiçoamento de vários aspectos específicos do estado de preparação” (p.273)

Tubino (1984) define o período preparatório⁶³ como um período fundamental para a maximização do processo de treinamento, onde se utilizam todos os meios possíveis para a aquisição da forma desportiva. Segundo o autor, o período preparatório visa fundamentalmente,

 aumentar os níveis de possibilidades funcionais do organismo e das qualidades físicas necessárias para o desporto eleito, assim como desenvolver os atos motores específicos dessa modalidade, e ainda criar um arsenal de condições psicológicas favoráveis para as atividades desportivas em expectativa, tudo isso buscando a aquisição da forma desportiva ambicionada no planejamento do treinamento (p.134).

Além disso, Tubino (1984) também divide o período preparatório em duas fases, sendo uma básica e a outra específica. A fase básica compreende a busca pela melhoria dos fundamentos básicos de cada esporte e apresenta os objetivos de elevação da preparação geral, com “a criação de bases para um desenvolvimento ótimo da fase específica” (p.134).

Já a fase específica tem como principais objetivos a transformação do nível de preparação geral obtida na fase anterior para um nível mais elevado, de acordo com cada modalidade esportiva. Além disso, esta fase deve ter ainda a intenção de “levar os atletas ao pico do treinamento” (Tubino, 1984, p.136).

Neste sentido, o período preparatório de treinamento da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil iniciou-se no mês de janeiro de 2003, entre os dias 16 a 19, quando ocorreu a primeira avaliação física e técnica dos atletas. Depois dessa avaliação, teve início a primeira fase dos treinamentos, chamada de “fase preparatória” ou “período básico I”, se desenvolveu na cidade de Belo Horizonte, no período de 08 a 26 de março de 2003.

Em Belo Horizonte, os atletas e toda a comissão técnica ficaram alojados em quartos coletivos no ginásio de esportes Mineirinho. Nesta primeira fase, as condições de treinamento foram ótimas, pois a Seleção Brasileira tinha

⁶³ Tubino (1984) ainda acrescenta ao macrociclo de treinamento, o período pré-preparatório, que tem o objetivo de tomada inicial de decisões e a uma formulação de caminhos adequados à partida do treinamento.

permanentemente à sua disposição, um ginásio de esportes, piscina e aparelhagem de musculação.

De acordo com o fisioterapeuta Cléssius Ferreira Santos, as primeiras atividades programadas para a fase preparatória foram os testes⁶⁴ realizados pelo Centro de Excelência Esportiva (CENESP) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná, e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo o Diretor do CENESP da UFMG, Prof Dr. Luiz Carlos Moraes, os atletas da Seleção Brasileira foram submetidos a testes físicos, médicos, de ergonomia e de sudorese, nos laboratórios de fisiologia do exercício e de medicina esportiva. Ficou claro que nem todos os testes tiveram utilidade prática na preparação da Seleção Brasileira, visto que alguns foram realizados exclusivamente para pesquisas de mestrado e doutorado da instituição, como o teste de sudorese, por exemplo.

Para o preparador físico da Seleção Brasileira, os testes físicos realizados nesta primeira fase, tiveram como principais objetivos avaliar o nível de condição de cada atleta,

feito isso, o objetivo nosso foi a transferência paulatina do estado de inatividade que eles se apresentavam a um estado de adaptação e evolução das capacidades físicas que deram base para a disputa do mundial em julho. A partir desses testes, passamos a trabalhar o desenvolvimento da resistência de força, de velocidade, da força rápida, e melhorar muito a coordenação motora desses meninos. Isso criou uma base para que eles tenham uma gama de informações motoras muito maior, que possam desenvolver força, velocidade e ter resultados maiores. (Sérgio Mançan, março 2003)

Além disso, segundo o fisioterapeuta da Seleção Brasileira, paralelamente aos testes realizados nesta fase, os atletas também foram submetidos a uma avaliação postural, “para ver se existe ou não desvios posturais”. Além disso, juntamente com o preparador físico, existiu ainda uma avaliação “para se ver o grau de flexibilidade que cada atleta tem”. (Cléssius Ferreira Santos, março 2003)

Para o treinador principal, o principal objetivo da fase preparatória realizada em Belo Horizonte, consistiu em possibilitar aos atletas uma condição técnica

⁶⁴ Testes isocinéticos, agilidade, resistência abdominal, alcance ataque e bloqueio, resistência aeróbica, estatura, envergadura de bloqueio, cintometria de coxas, bíceps, tríceps, panturrilha, dobras cutâneas, salto vertical, diâmetro ósseo, força membros superiores e percentual de gordura.

bastante próxima a que a competição iria exigir. Para isso, foi realizado um trabalho de correção, estabilização e aperfeiçoamento técnico dos atletas, pois “nós recebemos os jogadores com diversas informações técnicas e o processo de correção desses fundamentos para que a equipe consiga chegar ao mais homogêneo possível”. (Percy Oncken, março 2003)

O treinador assistente confirma a posição do treinador principal com relação aos objetivos deste período preparatório. Segundo ele, nesta fase,

a gente procurou primeiro diagnosticar as deficiências técnicas dos atletas, procura homogenizar da melhor maneira possível a técnica dos atletas, fazendo correções de gestos técnicos, buscando fazer com que todo grupo tenha mais ou menos um gesto técnico adequado ao voleibol. (Antônio Cláudio de Resende, março 2003)

A segunda fase dos treinamentos do período preparatório, considerada como “fase específica” ou “período de aquisição”, se realizou na cidade de Poços de Caldas, em dois momentos: de 01 a 18 de abril e de 22 de abril a 15 de maio de 2003. Nesta fase, a Seleção Brasileira ficou hospedada no hotel Carlton Plaza, tendo a sua disposição todos os recursos materiais e físicos necessários para o bom andamento dos treinamentos.

Neste período, também ocorreram os primeiros jogos treinos contra as equipes de Uberlândia (6 jogos), Banespa (3 jogos), Pouso Alegre (2 jogos) e Marília (3 jogos). De acordo com o treinador assistente, o principal objetivo a ser atingido nesta fase, foi o “aprimoramento e correção dos gestos técnicos dos fundamentos e aproveitamento das potencialidades dos atletas”. (Antônio Cláudio de Resende, março 2003)

Assim, verificou-se que nesta fase, os treinamentos técnico-táticos foram realizados enfatizando a correção e o aprimoramento dos gestos técnicos do esporte, com o objetivo de possibilitar aos atletas, relacionar a execução técnica às situações táticas vivenciadas no jogo. Além disso, segundo o treinador principal da Seleção Brasileira, esta fase serviu também para “a definição estrutural da equipe dentro dos sistemas táticos, [...] qual é o sistema de recepção e quais jogadores irão participar diretamente disto. Idem para o ataque, defesa e apoio ao ataque”. (Percy Oncken, março 2003)

O período pré-competitivo⁶⁵, se iniciou com uma excursão para a Europa, entre os dias 15/05 e 30/05/03 para a realização de quinze jogos amistosos internacionais contra as seleções da Rússia, França, Argentina, Itália, Alemanha e Polônia. Esses jogos amistosos tiveram como principais objetivos, “confirmar se as opções táticas que a gente definiu estão sendo ideais para aquele grupo, em função dos adversários também”. (Percy Oncken, março 2003)

Após o retorno da excursão, deu-se seqüência à preparação físico-técnico-tática da equipe, ainda na cidade de Poços de Caldas, no período de 5 a 18/06/03. Segundo o treinador principal, esta fase teve como objetivos, a definição e fixação dos sistemas táticos ofensivos e defensivos da equipe, sendo que, os treinamentos técnico-táticos passaram a ser realizados da forma mais próxima possível da realidade do jogo.

O período competitivo de preparação da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil se iniciou após o dia 18/06/03. Segundo o preparador físico da Seleção Brasileira, tal período objetivou a manutenção do nível de preparação física, técnica e tática, atingido nos períodos anteriores, bem como, a busca por resultados desportivos de acordo com os objetivos traçados.

De acordo com Zakharov (1992), “o período competitivo pressupõe a estrutura direta da forma desportiva, sua realização em resultados esportivos altos nas competições principais, além da manutenção do nível de preparação atingido” (p.273). Para Weineck (1986) o principal objetivo do período competitivo é o “apuramento da forma esportiva e a participação em competições” (p.237)

Já para Tubino (1984) o período competitivo envolve toda a fase em que se desenvolverem as competições previstas na macrociclo de treinamento. Nesta etapa deve existir uma redução do período de treinamento para que os atletas “consigam mobilizar todas as possibilidades de máxima performance para as disputas” (p.139).

Neste contexto, verificou-se que a comissão técnica da Seleção Brasileira utilizou o período competitivo para desenvolver treinamentos físico-técnico-táticos de manutenção e estabilização técnica. Além disso, realizou um forte trabalho de assimilação e fixação dos sistemas táticos ofensivos e defensivos da equipe.

⁶⁵ Segundo Tubino (1984) o período pré-competitivo se caracteriza como um pequeno período que antecede a competição principal.

O período competitivo se finalizou com a participação da equipe no Campeonato Mundial da Juventude, realizado entre os dias 05 e 13 de julho de 2003, na Tailândia. Os resultados das partidas realizadas pela equipe Brasileira na competição, que culminou com a inédita conquista do hexa-campeonato mundial da categoria, estão indicados no quadro 6:

Quadro 6 – Resultados do Brasil no Campeonato Mundial

Fase	Jogo	Placar	Parciais
Classificatória	Brasil x Polônia	3 x 1	21/25- 25/17- 25/14- 25/19
Classificatória	Brasil x Índia	1 x 3	19/25- 21/25- 25/22- 20/25
Classificatória	Brasil x CZE*	3 x 0	25/22 – 25/18 – 25/22
Classificatória	Brasil x Itália	3 x 0	25/23 – 25/20 – 25/18
Quartas final	Brasil x Rússia	3 x 2	22/25- 25/17 – 19/25- 25/20- 17/15
Semifinal	Brasil x CZE*	3 x 0	25/20 – 25/20 – 25/19
Final	Brasil x Índia	3 x 0	25/22 – 26/24 – 25/19

*= República Tcheca – Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol (CBV)

Os resultados obtidos indicam que o processo de preparação da equipe foi realizado que forma competente pela comissão técnica. Verificou-se que todos os objetivos traçados no início da preparação foram atingidos, demonstrando que a concepção metodológica utilizada pelo treinador foi acertada.

Tal concepção fundamentou a prática pedagógica dos integrantes da comissão técnica, influenciando a forma estrutural dos treinamentos e a relação com os atletas. Além disso, a concepção tática implantada na equipe superou todas as expectativas de produtividade e eficiência, sendo fator determinante para a superação dos adversários.

Pode-se destacar a presença das principais equipes do voleibol mundial na competição, representando principalmente a escola européia, através da Polônia, República Tcheca, Itália e Rússia. Além disso, a surpresa da competição foi a Índia, que conquistou o vice-campeonato, o que de certa forma, valoriza mais essa conquista do voleibol brasileiro.

4.3 – A concepção metodológica

Nos jogos esportivos coletivos, a concepção metodológica que fundamenta a prática educativa de um treinador é baseada em seu processo de formação cultural e profissional. Neste processo, as diferentes fontes de conhecimento que fundamentaram sua formação inicial e continuada, somadas à sua experiência profissional e vivida, influenciam diretamente na definição de sua concepção metodológica.

Neste sentido, o perfil da experiência vivida e da formação acadêmica de um profissional, é que define com que competência o mesmo desenvolve a sua prática pedagógica. Para Afonso (2001) é através da concepção metodológica que o professor “conduz o processo de aprendizagem motora no desporto, [...] com o objetivo de conduzir o jovem praticante na aquisição progressiva da aprendizagem da habilidade motora desportiva” (p.77)

Assim, considerando o caso do treinador principal da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil de voleibol, verificou-se que a sua prática educativa é fortemente influenciada por concepções metodológicas tecnicistas, desenvolvimentistas e sistêmicas.

Tal influência se fundamenta na experiência vivida como atleta de voleibol e pelo modelo do curso de formação inicial em Educação Física, que o induziram de forma natural a optar pelo esporte competitivo. De acordo com a concepção metodológica do treinador principal, a metodologia tradicional ainda domina o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol, inclusive o seu.

Neste contexto, a pesquisa verificou que o treinador principal da Seleção Brasileira utilizou constantemente tal metodologia em sua prática pedagógica, trabalhando de forma combinada os métodos parcial, global e misto. Segundo ele, tais métodos são extremamente interessantes e necessários, auxiliando o processo pedagógico de uma maneira ou de outra, pois,

para que exista uma melhora considerável do gesto técnico, há uma necessidade da fragmentação dos movimentos para que você possa identificar os erros, e melhora-los, através do método parcial. E particularmente [...] eu acredito muito no método global até para você conquistar o jovem, a criança o iniciante para a prática do voleibol, apresentando primeiro os fundamentos diretamente no jogo. Depois, a partir do momento que a criança se

apaixona pelo esporte, que se dedica e começa a praticar de forma efetiva e constante, você passa a fragmentar os gestos técnicos no sentido de melhorar, ou seja, aí as correções se dão de forma que ele possa ter um rendimento interessante no futuro. (Percy Oncken, abril 2003)

Assim, de acordo com o treinador principal, em se tratando exclusivamente de Seleção Brasileira, não existe a possibilidade de definir uma metodologia específica de treinamento. Isso acontece por tratar-se de atletas com nível técnico extremamente elevado, impedindo a observância de padrões rígidos por parte da comissão técnica, pois os atletas convocados “já se apresentam com gesto técnico que acreditamos ser interessante”. (Percy Oncken, abril 2003)

Comprovando a posição do treinador principal da Seleção Brasileira, a pesquisa apontou que os métodos parcial, global e misto foram permanentemente utilizados em todo processo de preparação técnico-tática da equipe. Entretanto, verificou-se que existiu uma grande preocupação por parte da comissão técnica em se utilizar preferencialmente de metodologias analíticas nos exercícios educativos de correção, aperfeiçoamento e estabilização dos gestos técnicos do voleibol, conforme demonstra a figura 1:

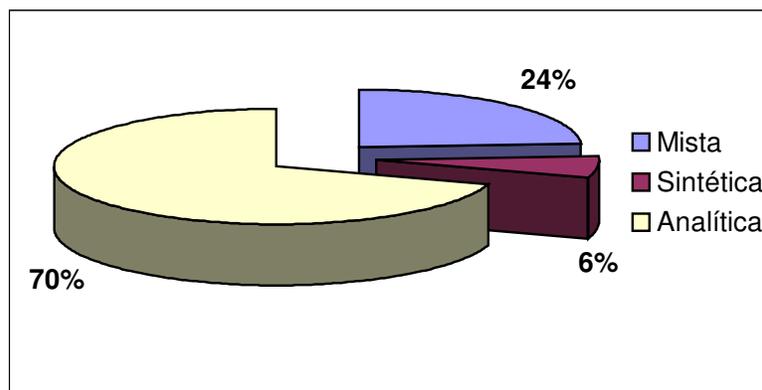


Figura 1 – Função da tarefa

Os resultados apontam que 70% das atividades técnico-táticas foram desenvolvidas através de metodologias analíticas, ou seja, trabalhando os fundamentos de forma fragmentada. Tal preferência ficou evidente principalmente na fase preparatória, através de treinamentos de automatização, correção e

estabilização dos gestos técnicos específicos, pois, segundo o treinador principal da Seleção Brasileira,

o voleibol de alto nível requer o domínio dos detalhes do jogo, e se você não mostrar, não fazer com que o atleta pense na sua ação motora, dificilmente você vai conseguir que esse detalhe técnico individual seja adquirido e que no futuro, com certeza ele vai te tirar lucro com isso. (Percy Oncken, abril 2003)

Os resultados da pesquisa também indicam que 24% das atividades envolviam os métodos parcial e global combinados, comprovando a importância da tal estratégia pedagógica para a evolução técnico-tática dos atletas. Isso demonstra que a comissão técnica valorizou a estabilização dos gestos técnicos, seguindo o pensamento de Filin (1996), ou seja, buscando uma ação mais efetiva nos movimentos e sempre procurando relacionar tal gesto no contexto de jogo.

De acordo com o treinador principal, os métodos analítico-sintéticos, ou parciais, são extremamente úteis para a fixação, correção, aperfeiçoamento e estabilização dos gestos técnicos específicos do voleibol. Tal método pode ser desenvolvido através de exercícios educativos, fundamentados na repetição, na automatização e na seqüência pedagógica propriamente dita.

Para Weineck (1999) o método parcial deve ser utilizado no ensino de gestos técnicos complexos, que são mais facilmente assimilados pelos alunos, se forem ensinados por partes. Nessa estratégia metodológica, tais partes são mais facilmente articuladas após serem assimiladas pelos atletas, sendo que, nessa abordagem, a prática do jogo é retardada e a motivação é diminuída.

Por outro lado, segundo o treinador principal da Seleção Brasileira, os métodos sintético-analíticos, ou globais, tem um papel fundamental de relacionar os fundamentos assimilados no contexto do jogo e, devido a isso, também devem ser diariamente utilizados. Além disso, tal metodologia tem a função de possibilitar aos atletas a compreensão da relação entre as ações técnicas, a aplicação tática e o jogo propriamente dito, servindo ainda como um elemento motivador do processo.

Segundo Mesquita (2000), o processo de ensino-aprendizagem deve oferecer ao aluno a possibilidade de vivenciar algumas progressões que venham a evidenciar as situações vivenciadas no jogo. Assim, o método global apresenta

a vantagem de proporcionar uma maior motivação ao praticante, se comparado ao parcial.

Entretanto, ficou constatado que a concepção metodológica adotada pelo treinador principal da Seleção Brasileira em sua prática pedagógica, não se restringiu às metodologias analíticas e sintéticas. Verificou-se que o mesmo é um defensor da combinação de diferentes metodologias no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol.

Nos treinamentos técnico-táticos, ele combinou constantemente as metodologias analíticas, sintéticas, estruturalistas, dinâmicas e progressivas. Tais metodologias foram sistematicamente trabalhadas a partir de métodos demonstrativos e explicativos, em exercícios que combinavam estabilização técnica com aplicação tática, sempre com o objetivo de “explicar e demonstrar o aperfeiçoamento dos fundamentos” (Percy Oncken, abril 2003)

Como estratégia pedagógica para uma melhor fixação por parte dos atletas dessas metodologias, a comissão técnica utilizou constantemente recursos de vídeo, através da edição de gestos técnicos. De acordo com o treinador principal, nessas estratégias de ensino, havia uma troca de informações com os jogadores, no sentido “da melhora por parte desses atletas em situações técnicas e táticas que envolvem o jogo de uma maneira geral”. (Percy Oncken, abril 2003)

É claro que a utilização desta ou daquela metodologia, foi definida de acordo com a fase de preparação, os objetivos de cada sessão de treinamento e as dificuldades técnico-táticas encontradas pelos atletas. Assim, mesmo naquelas atividades que tinham como principal objetivo o aperfeiçoamento técnico, a metodologia analítica era constantemente utilizada de forma combinada com metodologias estruturalistas, dinâmicas e progressivas.

O treinador principal acredita que a metodologia estruturalista também deve ser utilizada constantemente nos treinamentos, através de exercícios realizados de forma adaptada e se utilizando de matérias auxiliares, como colchões, bancos, birutas de direcionamento, tabua de bloqueio e elásticos. Finalmente, verificou-se que até a metodologia crítico-emancipatória, de Kunz (2001) faz parte da concepção metodológica do treinador principal, pois o mesmo incentivou constantemente uma reflexão crítica por parte de seus atletas, procurando conscientiza-los para a cidadania e para a emancipação.

Segundo o treinador principal da Seleção Brasileira, a definição das estratégias metodológicas utilizadas nos treinamentos foi prerrogativa sua e dos seus auxiliares técnicos, sem existir qualquer vínculo teórico ou relação tática com as seleções juvenil e adulta. Para ele,

toda a comissão técnica tem a liberdade de trabalhar a sua maneira, por isso é que elas são diferentes. Dificilmente haverá trabalhos iguais, por mais parecidos que sejam. Mais existe uma linha de trabalho, onde é a característica do voleibol brasileiro, tentando imprimir uma velocidade na primeira bola e tendo um ataque de fundo com bastante eficiência, como é uma característica do voleibol mundial. E isso não foge em nenhum país em relação ao nosso. Então a gente troca muitas idéias no sentido de definir uma conduta única em termos de concepção de jogo, mais cada um trabalha a sua maneira evidentemente, porque cada pessoa é diferente [...] não existe a possibilidade de serem trabalhos iguais. (Percy Oncken, abril 2003)

Neste sentido, vale ressaltar que a concepção metodológica que fundamentou o perfil da prática pedagógica da comissão técnica da Seleção Brasileira não foi definida apenas pelo Prof. Percy Oncken. De acordo com o treinador assistente, as estratégias metodológicas empregadas nos treinamentos técnico-táticos foram definidas de forma integrada por toda a comissão técnica, dentro do trabalho interdisciplinar já indicado.

O treinador assistente concorda com a tese do treinador da Seleção Brasileira, que defende a utilização dos métodos global e parcial de forma paralela, e sempre combinada com outras metodologias. Segundo ele, independentemente do método aplicado nos treinamentos,

é necessário que exista uma correção permanente por parte do treinador, e que o trabalho obedeça uma seqüência pedagógica, que vai possibilitar ao atleta, fazer o gesto técnico corretamente [...]. Você pode fazer isso em forma de jogo ou em forma de situações de jogo divididas: passe e ataque, saque e recepção, ataque, bloqueio e defesa. (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003)

Para o preparador físico da Seleção Brasileira, a combinação de diferentes metodologias nos treinamentos técnico-táticos, proporciona melhores resultados práticos. Segundo ele “se por um lado, o método parcial oportuniza o aprendizado seqüencialmente e eu acredito que aí seja muito válido do ponto de vista técnico do gesto motor, por outro lado você tem que ter a motivação, que é fundamental

para qualquer coisa na vida e também para o aprendizado”. (Sérgio Mançan, abril 2003)

Realmente, a motivação aparece como fator determinante para a definição de uma concepção metodológica a ser aplicada na preparação de qualquer equipe esportiva. Na equipe brasileira infanto-juvenil, este fator esteve constantemente presente na prática pedagógica utilizada pela comissão técnica, que permanentemente exigia dos atletas um maior desempenho, atenção, concentração e dedicação.

Segundo Shigunov & Pereira (1993) a motivação é um componente fundamental nos esportes coletivos, pois influencia significativamente no processo de comunicação entre os atletas. Além disso, a mesma se constitui em um estímulo fundamental para que os gestos técnicos específicos sejam melhor estruturados.

Para o psicólogo da Seleção Brasileira, Antônio Luiz Prado Serenine⁶⁶, os treinamentos técnico-táticos não devem ficar apenas na sistematização, pois certamente ocasionarão uma desmotivação nos praticantes. Segundo ele, a categoria infanto-juvenil já está especializada, sendo que os treinamentos não devem ficar centrados apenas na “performance técnica, pois na realidade, o mais interessante na adolescência é o jogo em si”.

Finalmente, pode-se dizer que a concepção metodológica se constitui em um elemento fundamental para o que o técnico desempenhe com competência sua prática pedagógica. A pesquisa apontou que o processo educativo desenvolvido pelo treinador principal e seus auxiliares na Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil envolveu diferentes estratégias metodológicas, sempre de forma integrada.

Assim, ficou explícito que é papel do treinador revolucionar constantemente esse processo educativo, procurando novas alternativas pedagógicas que se adaptem à sua concepção metodológica. Além disso, tais estratégias metodológicas devem permitir o desenvolvimento eficiente e competente de sua prática pedagógica.

⁶⁶ Antônio Luiz Prado Serenine, tem 45 anos, é psicólogo e professor de Educação Física. Tem especialização em voleibol e mestrado em psicologia do esporte. Apresenta experiência de 12 anos na Seleção Brasileira infanto-juvenil e de 4 anos na Seleção Brasileira juvenil.

4.3.1 - A prática pedagógica

A prática pedagógica deve ser compreendida como a capacidade de construir conhecimento, através de uma atuação intensa e participativa no desenvolvimento da linguagem corporal e sensibilidade pessoal dos educandos. Segundo Cunha (1995) citado por Farias, Shigunov & Nascimento (2001), a prática pedagógica também pode ser entendida como o “cotidiano do professor na preparação e execução do ensino” (p.23).

Meinberg (2002) indica que para desenvolver com eficiência sua prática pedagógica, o treinador deve possuir algumas competências específicas relacionadas ao processo de treinamento⁶⁷. Além disso, deve apresentar ainda habilidades didáticas e metodológicas, bem como, outras competências importantes, como a social, comunicativa, moral e ética.

Para o treinador principal, com as principais modificações técnicas e táticas do voleibol ocorrida nos últimos anos, o perfil de sua prática pedagógica sofreu um processo de adaptação ao novo modelo de jogo. Segundo o treinador da Seleção Brasileira, tais alterações promoveram uma mudança na forma e nas estratégias do seu trabalho, porque,

quando eu assumi a seleção, trabalhava uma média de quatro horas de treinamento em cada unidade, ou seja, duas unidades ao dia. Hoje eu considero isso um absurdo, um desgaste de tempo e energia em todos os aspectos, já que o voleibol não precisa de tanto tempo para ser jogado. Penso que hoje a gente procura trabalhar muito mais na qualidade do que na quantidade. Quanto mais qualificado for o treino, menos a gente precisa treinar. (Percy Oncken, abril 2003)

Os demais integrantes da comissão técnica são unânimes em concordar que a prática pedagógica do treinador principal da Seleção Brasileira sofreu profundas alterações com o passar dos anos, adaptando-se ao novo paradigma do esporte. O treinador assistente, que trabalha com o treinador principal, na Seleção Brasileira desde 1993, entende que,

a carga de trabalho passou a ser mais quantificada, em número de saltos, em número de ações, o sistema de ensino, os fundamentos

⁶⁷ Conhecimentos médicos, fisiológicos e biológicos.

[...]. Além disso, houve mudança de técnica de defesa, de bloqueio. A forma de se trabalhar tecnicamente mudou, até devido a uma evolução nossa, que fomos aprendendo. Tanto eu, quanto o Percy, quando entramos, tínhamos apenas experiência de clube. Tivemos oportunidade de conversar com os outros técnicos da seleção, mudamos teorias de defesa, postura de defesa, posicionamento de defesa, bloqueio, saque, [...] com a entrada e a ênfase no saque em suspensão, os treinamentos foram mudados. Isso tudo muda o processo de treinamento. Agora pedagogicamente falando, é um trabalho que tem uma seqüência e tem cada vez mais a participação e a resposta do atleta (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003)

Já, para o treinador auxiliar, que faz parte da comissão técnica desde 2000, as principais alterações ocorridas na prática pedagógica do Prof. Percy Oncken, aconteceram principalmente em função das mudanças nas regras da modalidade. Segundo ele,

o que evoluiu muito foi a exigência em relação ao volume, ou seja, a defesa de quadra, a obrigação de não deixar a bola cair, certo [...]. O objetivo do jogo é botar a bola no chão, então a equipe não pode deixar que o adversário coloque a bola no chão. Com isso o trabalho sempre é realizado visando a agilidade dos atletas para participar da defesa, apesar que a altura elevada e o biotipo físico dificultarem muito. (Flávio Márcio Marinho, abril 2003)

Para o psicólogo, que trabalha junto com o treinador principal há doze anos, ocorreram várias mudanças em sua prática pedagógica. Essas mudanças se devem a vários fatores, tais como a evolução do esporte e a modificação das regras,

nós fomos adaptando os treinamentos, à medida que as regras foram se modificando. E com a evolução, com o estudo, com o conhecimento que ele foi desenvolvendo também, nós fomos reduzindo a carga de treinamento. A carga que nós começamos em 1990, era muito pesada e hoje a gente trabalha muito mais em termos da busca da qualidade [...] do que da quantidade do treinamento. Quem olha hoje, não percebe isso, mais para quem está a dez anos fazendo o trabalho, percebe que as mudanças foram muito grandes nos últimos dez anos. (Antônio Luiz Prado Serenine, abril 2003)

Além disso, o psicólogo da Seleção Brasileira afirma que a prática pedagógica do treinador principal sempre se pautou pela busca da excelência

técnica e tática, com muita ênfase do treinamento do jogo em si, através de exercícios de transição, jogos coletivos e competições preparatórias. Segundo ele, do ponto de vista psicológico, isso é um fator determinante para,

o controle de stress e controle emocional durante o jogo. Saber administrar isso no jogo é fundamental. Tanto é que os campeonatos que nós ganhamos, nós ganhamos muito em função disso e os que perdemos, perdemos muito em função disso também [...] pelo desequilíbrio emocional. O primeiro campeonato que nós perdemos foi totalmente assim [...] era um time tecnicamente, taticamente, fisicamente muito melhor do que os outros e perdemos justamente na falta de controle emocional, numa situação de stress. (Antônio Luiz Prado Serenine, abril 2003)

Os demais membros da comissão técnica, Sérgio Mançan, Cléssius Ferreira Santos e Flávio Márcio Marinho, respectivamente preparador físico, fisioterapeuta e auxiliar técnico, também confirmam as modificações ocorridas na prática pedagógica do treinador principal nos últimos anos, afirmando que:

eu acho que a gente tem enfatizado muito o lado preventivo do treinamento, ou seja, a gente tenta fazer um treinamento cada vez mais com qualidade, de alto nível, e efetuar o menor número de ações possíveis para atingir os objetivos estabelecidos. E com isso, treinando pouco e com qualidade, a gente vai prevenir lesões. Vai estar conseguindo melhorar a longevidade do atleta (Sérgio Mançan, abril 2003)

o tipo de treinamento é o mesmo, só que a sobrecarga anteriormente era muito mais pesada do que a atual. Hoje em dia se ele consegue alcançar o objetivo, não tem porque repetir mais. (Cléssius Ferreira Santos, abril 2003)

eu acho que segue a mesma tendência de um trabalho com qualidade. Então tende-se a reduzir o volume de trabalho, aumentando-se a qualidade do trabalho. Então os treinos são bem específicos por fundamento na fase inicial, bem específico por fundamento, de uma maneira a reduzir o tempo de treinamento. Nas outras fases mais adiante, já entra o trabalho mais combinado, mais também, sempre visando a qualidade. (Flávio Márcio Marinho, abril 2003)

Primeiramente, a pesquisa apontou a importância dispensada pelo treinador principal da Seleção Brasileira em sua prática pedagógica, ao trabalho

individual, através da realização constante de treinamentos de correção, estabilização e aperfeiçoamento técnico, conforme demonstra a figura 2:

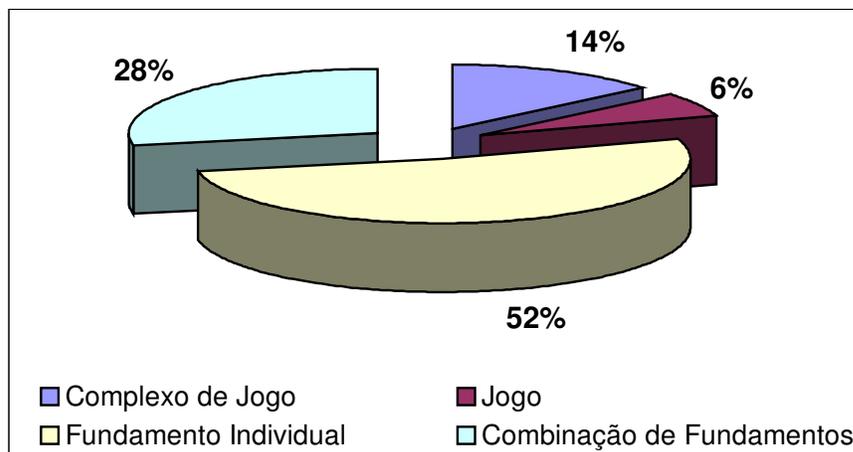


Figura 2 – Classificação da tarefa

Os resultados indicam que no primeiro período de preparação, a maior parte das atividades técnico-táticas foram desenvolvidas de forma analítica, trabalhando os fundamentos de forma individual (52%) ou combinadas (28%). Apenas 20% das atividades foram realizadas de forma global, através de exercícios de complexo de jogo (14%) ou jogando coletivamente (6%).

Pode-se explicar tal estratégia metodológica adotada, com a ausência de atividades globais ou em forma de jogo, pelos objetivos previstos, que enfatizavam a correção e estabilização dos fundamentos básicos. Segundo o treinador principal, a ausência de atividades em forma de jogo foi compensada, através da valorização dos jogos amistosos e competições preparatórias.

Para o treinador principal, essa estratégia pedagógica foi desenvolvida com o objetivo de melhorar e homogenizar a condição técnica dos atletas. Além disso, esta fase serviu também para desenvolver a “aquisição de uma técnica que a gente julga ideal para participar de um campeonato mundial em boas condições”. (Percy Oncken, abril 2003)

Assim, verificou-se que foi realizado um forte trabalho de aperfeiçoamento e correção dos gestos técnicos fundamentais, com o objetivo de possibilitar aos atletas, uma condição técnica bastante próxima a que a competição vai exigir.

Segundo o treinador principal, tendo em vista uma maior dificuldade de assimilação técnica por parte dos atletas, existiu uma maior preocupação no aperfeiçoamento do bloqueio e da defesa, “pela dificuldade natural que exige muitas repetições das ações, para que a gente possa realmente ter algumas ações efetivas durante o jogo”. (Percy Oncken, abril 2003)

Ficou claro que o objetivo da estratégia pedagógica utilizada pelo treinador principal, foi o de possibilitar aos jogadores, um grande número de experiências motoras em cada fundamento. Segundo o treinador principal “nós estamos no período de aquisição e melhora do gesto técnico [...] Para isso, é necessário repetir o fundamento várias vezes. Evidente que na terceira fase nós vamos dar mais ênfase aos trabalhos combinados, ou seja, a junção de alguns fundamentos e se aproximando cada vez mais da realidade do jogo” (Percy Oncken, abril 2003)

Assim, os principais trabalhos de correção, estabilização e aperfeiçoamento técnico realizados em cada fundamento no período preparatório, são apontados no quadro 7:

Quadro 7 – Trabalhos técnico-táticos mais utilizados

Fundamento	Trabalho técnico-tático
Bloqueio	postura básica, deslocamentos, equilíbrio, invasão dos braços, bloqueios simples, duplos e triplos, tempo de ação
Defesa:	postura básica para quedas, defesas altas e baixas, formação defensiva, posicionamento em quadra, defesas acrobáticas
Habilidades técnicas	toque, manchete, saque, ataque e suas variações, recursos técnicos, deslocamentos
Ataque	ataque do fundo, ataques rápidos e altos, fintas e jogadas combinadas, correção de braços, ajuste de tempo, correção de partida
Recepção	Postura, posicionamento, deslocamentos, controle de bola
Saque	Postura, deslocamentos, controle de bola, lançamento, passadas, técnica de braço
Levantamentos	Precisão, ajuste de bola

Segundo o treinador principal da Seleção Brasileira, os trabalhos técnico-táticos realizados na fase preparatória atenderam de maneira uniforme todos os fundamentos básicos da modalidade. A pesquisa confirmou essa afirmação, conforme indica a figura 3:

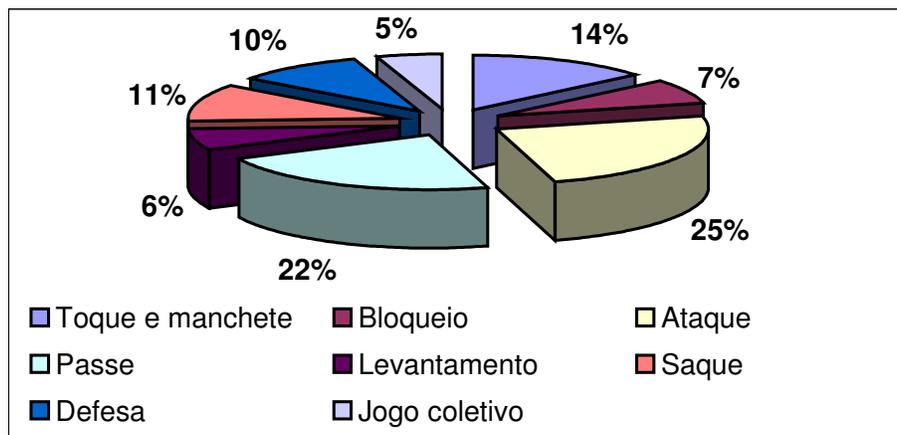


Figura 3 – Identificação das atividades técnico-táticas

Pelos dados obtidos, verificou-se que o ataque (25%), o passe (22%) e o toque/manchete (14%) foram os fundamentos mais privilegiados nos treinamentos técnico-táticos realizados na primeira fase de treinos. Além desses, o bloqueio (11%) e a defesa (10%) também se destacaram entre os trabalhos mais realizados, o que confirmou a opção da comissão técnica, em realizar poucos jogos coletivos naquele período (5%).

De acordo com o treinador principal, para compensar a falta de jogos coletivos na primeira fase de preparação, as atividades técnico-táticas eram sistematicamente realizadas de forma gradativa. Segundo ele, o trabalho evoluiu naturalmente do “individual para o coletivo. Primeiramente você faz o trabalho de passe, depois passe com ataque, depois passe, ataque e bloqueio, [...] ou então, trabalho de passe, ataque, levantamento. Definimos esse trabalho, como de transição, porém cada técnico pode colocar a nomenclatura que preferir”. (Percy Oncken, abril 2003)

Segundo o treinador principal, os trabalhos combinados se intensificaram a partir da segunda fase do período preparatório. Tal trabalho teve como objetivo,

uma melhor assimilação dos sistemas táticos ofensivos⁶⁸ e defensivos⁶⁹ por parte dos atletas, através de atividades que incentivavam a participação de todos, para “se conhecer o potencial e as funções de cada atleta em quadra”. (Percy Oncken, abril 2003)

Realmente a pesquisa verificou que a partir desta fase, as atividades técnico-táticas passaram a ser realizadas de forma mais complexa e em sua maioria, através de métodos mistos e complexos de jogo. Segundo o treinador principal, os exercícios de complexos de jogo envolvem fundamentos combinados em situação de jogo, de forma ordenada, em um método semelhante com os métodos dinâmicos e progressivos sugeridos por Bizzocchi (2000).

A pesquisa também apontou que uma das variáveis pedagógicas mais utilizadas pela comissão técnica da Seleção Brasileira em sua prática pedagógica, foi o feedback. Shigunov & Pereira (1993) entendem como feedback, “uma informação que se deve prestar ao executante, verbal ou não, após uma prestação motora, cognitiva ou afetiva” (p.61).

Tais autores apresentam três conceitos básicos para o termo feedback, sendo: feedback de reforço⁷⁰, realimentação⁷¹ e retroalimentação⁷². Neste sentido, verificou-se que o técnico da Seleção Brasileira utilizou constantemente um conceito de feedback de retroalimentação em sua prática pedagógica, através de uma atenção permanente e correções constantes nos movimentos e nos gestos técnicos executados pelos atletas nos treinamentos.

Nesse contexto, verificou-se que a maioria das atividades técnico-táticas realizadas no período preparatório de treinamentos tiveram uma participação efetiva do treinador principal, ou de outro membro da comissão técnica responsável. Tal conduta efetiva, torna evidente a forte influência da comissão

⁶⁸ Sistemas táticos ofensivos: sistemas de jogo, fintas e jogadas combinadas.

⁶⁹ Sistemas táticos defensivos: sistema de recepção de saque, defesa e proteção ao ataque.

⁷⁰ Feedback reforço: qualquer evento que aumenta ou mantém a probabilidade de acontecer um determinado ato ou comportamento (p.61).

⁷¹ Feedback realimentação: significa um reforço, no sentido de uma informação sensorial acerca de uma resposta de qualquer manifestação que o indivíduo recebe (p.62)

⁷² Feedback retroalimentação: a informação sobre determinada resposta que se obtém apenas de uma fonte externa (p.62).

técnica na participação e no rendimento dos atletas durante os treinamentos, conforme indica a figura 4:

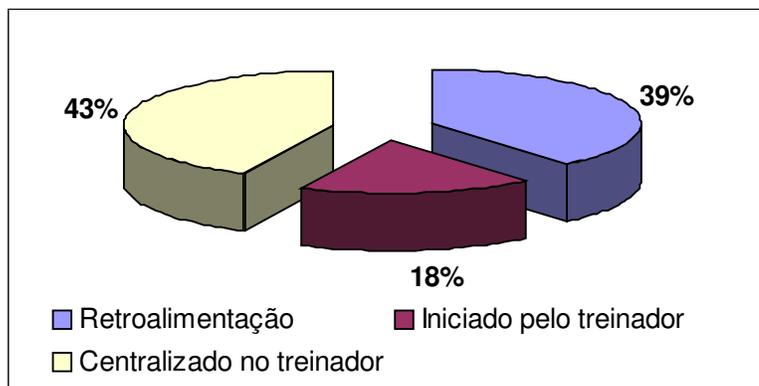


Figura 4 – Conduta do treinador

Os resultados apontam que 61% dos treinamentos realizados foram iniciados ou centralizados no treinador, ou seja, ele dirigia a forma de realização das atividades. Além disso, mesmo nas atividades que foram realizadas na forma de retroalimentação (39%), sem a participação efetiva do treinador, existia uma presença constante do mesmo, corrigindo, cobrando, estimulando e incentivando os atletas.

Além disso, outra característica presente na estratégia pedagógica do treinador principal, diz respeito à fixação das tarefas motoras solicitadas. Verificou-se que, enquanto os atletas encontrassem dificuldades para a execução do gesto técnico com a bola, que é um inibidor das ações, os atletas executavam o movimento sem bola, o que “é muito útil quando o atleta tem dificuldade de fazer aquilo em situação de jogo [...] tem que parar, mostrar como é que deve ser o trabalho, e somente a partir daí, colocar a bola” (Percy Oncken, abril 2003)

O critério de êxito exigido por parte dos atletas em tal estratégia, constituía-se na execução correta dos gestos técnicos por parte dos atletas e era aplicada na forma de uma progressão pedagógica. Afonso (2001) define a progressão pedagógica como a “estruturação de um conjunto de tarefas motoras, que, passo a passo, se aproximam da tarefa final” (p.95).

A pesquisa confirmou a utilização constante dessa estratégia pedagógica por parte da comissão técnica da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil. Verificou-se que, além do movimento correto (eficiência) exigido por parte dos atletas na execução dos gestos técnicos, o resultado deste movimento (eficácia) também foi constantemente valorizado, conforme aponta a figura 5:

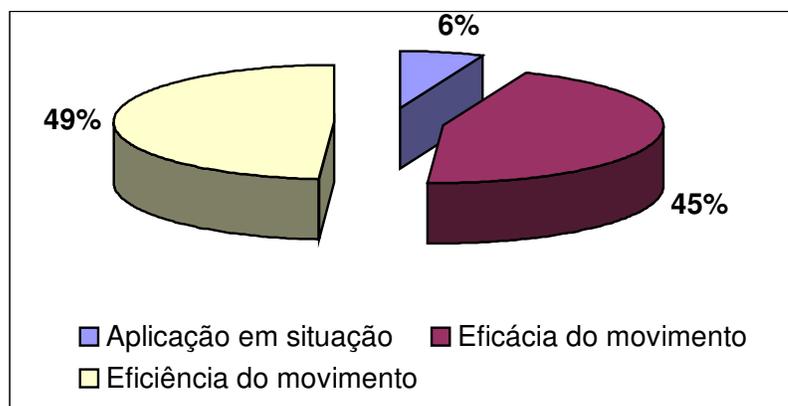


Figura 5 – Perfil do critério de êxito exigido dos atletas

A pesquisa indicou que 49% das atividades desenvolvidas tinham como principal objetivo melhorar a eficiência técnica dos atletas, através da estabilização dos gestos técnicos. Já a eficácia foi outro objetivo muito solicitado (45%) no desempenho dos atletas, tendo em vista a importância do resultado dos gestos técnicos numa situação de jogo.

Para verificar a eficiência e a eficácia técnico-tática dos atletas, com relação às tarefas motoras solicitadas, a comissão técnica valeu-se dos recursos estatísticos de análise de desempenho. Tais recursos balizaram constantemente a definição das metodologias de treinamento e o modelo de prática pedagógica a ser desenvolvida pela comissão técnica, influenciando ainda, na programação dos treinamentos técnico-táticos.

Isso se comprova pelas declarações do treinador principal, que confirma a utilização constante de dados estatísticos de desempenho técnico-tático dos jogadores, fornecidos por sistemas de análise de desempenho. Segundo ele,

esses sistemas foram utilizados nos treinamentos, jogos preparatórios, jogos treinos e competições oficiais,

nós utilizamos o sistema de análise através de *scouth* de rendimento dos nossos jogadores, classificando em ações positivas, negativas e dando um numeral para cada ação. Isso é feito nos treinamentos e nos jogos treino. Esse *scouth* de rendimento é mostrado aos jogadores, o que cada um tem como objetivo em cada fundamento, para que a gente possa comparar efetivamente as ações individuais e comparativamente também, saber se eles estão no caminho certo para a conquista dos resultados que possam nos levar a uma bela participação no campeonato mundial. Existem alguns atletas que tem dificuldades na percepção corporal, então isso a gente acaba filmando e passando, mais isso é esporadicamente. No caso de uma necessidade que o atleta não consiga perceber e não se adapte ao movimento correto. (Percy Oncken, abril 2003)

A utilização desses sistemas de análise de desempenho técnico-tático pelas equipes promoveu uma revolução técnica e tática do voleibol. Tais instrumentos de avaliação possibilitaram o aperfeiçoamento das metodologias de treinamento, o aprimoramento técnico dos atletas e dos sistemas táticos das equipes, pois “permite determinar o peso específico dos diferentes procedimentos técnicos, a quantidade dos erros em sua execução, assim como os resultados dos procedimentos aplicados” (Suvorov & Grishin, 1990a, p.44).

Segundo Bizzocchi (2000), esse processo que revolucionou o voleibol teve início a partir da década de oitenta, através da escola americana de voleibol. Tal processo possibilitou aos treinadores, informações detalhadas sobre a eficiência dos sistemas táticos e sobre as características positivas e negativas dos adversários.

Além disso, os sistemas de avaliação também possibilitaram aos treinadores analisarem de forma mais eficiente o desempenho de seus atletas, identificando melhor as suas características individuais, a fim de melhor aproveitá-los em seus sistemas. Segundo Moutinho (1991) “é através da análise do jogo que tentamos identificar e compreender os princípios estruturais do jogo, os critérios de eficácia de rendimento individual e colectivo, a adequação dos modelos de preparação” (p.266).

Para o treinador principal, a utilização da televisão como um instrumento auxiliar do processo de ensino-aprendizagem, deve ter o objetivo de buscar uma maior conscientização dos atletas e uma maior fixação dos sistemas táticos. Nos treinamentos da Seleção Brasileira, tal análise de desempenho foi realizada para determinar como ocorrem as ações técnico-táticas dos atletas, buscando “fazer com que os mesmos percebam o que deve ser feito para melhorar aquele gesto técnico”. (Percy Oncken, abril 2003)

Já nos jogos amistosos e oficiais, tais instrumentos foram utilizados para perceber as movimentações táticas da equipe, além da condição técnica dos jogadores. Entretanto, não foram utilizados somente vídeos de jogos, mas também imagens editadas pela própria comissão técnica, “no sentido de dar informações aos nossos jogadores do que a gente tem que fazer para cada partida, o que a gente tem que melhorar em cada gesto deficitário e fazendo as comparações com os grandes jogadores de voleibol existentes no mundo” (Percy Oncken, abril 2003)

Para o treinador assistente, a comissão técnica utilizou esses recursos de multimídia para a correção e o aperfeiçoamento dos gestos técnicos dos atletas, “filmando-o durante a execução do gesto técnico, buscando visualizar o que ele está fazendo errado. A gente mostra para o atleta como está sua execução em determinado fundamento e mostra onde ele está errando. Acho que isso ajuda bastante na correção técnica dos gestos dos atletas”. (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003)

Outra grande preocupação da comissão técnica, foi com relação à proteção física dos atletas, principalmente nas atividades físico-técnico-táticas que envolviam maiores riscos. Assim, verificou-se a utilização constante de equipamentos de proteção, como colchonetes para saltos e mergulhos, joelheiras, cotoveleiras, elásticos, bancos e cones.

Finalmente, a pesquisa apontou que os treinamentos técnico-táticos foram estruturados de forma competente pela comissão técnica, através da divisão de funções entre seus integrantes e limitação da duração, volume e intensidade de cada atividade. Além disso, a estrutura de cada sessão de treinamento foi definida de acordo com a fase preparação e as dificuldades encontradas pelos atletas em assimilar os objetivos traçados.

4.3.2 - A estrutura dos treinamentos

Nos jogos desportivos coletivos, o processo de estruturação dos treinamentos de uma equipe competitiva é definido de acordo com a metodologia a ser desenvolvida pelo treinador e sua comissão técnica. Neste processo de ensino-aprendizagem-treinamento, a prática pedagógica do treinador e as metodologias de ensino utilizadas são os principais elementos de articulação entre os objetivos propostos e as metas alcançadas.

Na atual Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, a responsabilidade pelos treinamentos técnico-táticos foi dividida entre os integrantes da comissão técnica, porém sempre com a coordenação direta do treinador principal. Segundo ele, essa divisão de responsabilidades faz parte de um trabalho interdisciplinar, entretanto,

o técnico evidentemente mantém o comando sobre o trabalho, dividindo essa responsabilidade do treinamento. Por exemplo: o técnico é responsável pelo treinamento de ataque, bloqueio e levantamento. O assistente técnico fica responsável pelo saque, recepção e defesa. E temos ainda o preparador físico, que é responsável pelo treinamento físico da equipe, evidente [...] o médico, o fisioterapeuta e o psicólogo, cada um com a sua função bastante definida. (Percy Oncken, abril 2003)

Cada sessão de treinamento técnico-tático tinha a duração média de duas horas, período esse considerado suficiente pela comissão técnica para a assimilação dos objetivos a serem atingidos. Além disso, os atletas também eram submetidos diariamente a treinamentos físicos, trabalhos paralelos de correção técnica, musculação, hidroterapia, além de sessões de psicologia.

O fisioterapeuta da Seleção Brasileira justifica os critérios que definiram a duração das atividades técnico-táticas em um período médio de duas horas em cada sessão. Segundo ele, a partir da implantação das novas regras no voleibol, passou a existir um processo de diminuição do tempo de treinamento, tanto físico, quanto técnico-tático, com a redução do volume de treino e o aumento da intensidade, no sentido da excelência, ou seja,

ao invés de você fazer dez saques, tente fazer séries de cinco, mais objetivando onde você quer sacar, com quanto de porcentagem de acerto que você tem [...]. Hoje a gente trabalha

com *scouth* nos treinamentos, estamos fazendo *scouth* para os atletas terem uma noção de quanto estão acertando, se estão errando. Eles começam logo cedo com isso, tentando já melhorar essa situação. (Eduardo Vidotti, abril 2003)

No período preparatório, a Seleção Brasileira realizou em média, dez treinamentos técnico-táticos semanais, sendo que a cada cinco treinamentos, existiu um período de folga, além do descanso do final de semana. Diariamente eram realizados dois treinamentos técnico-táticos, sendo um pela manhã e o outro no final das tardes, com exceção da quarta feira e do sábado, onde era realizado somente um treinamento pela manhã.

Em Belo Horizonte e Poços de Caldas, as atividades foram desenvolvidas com a participação dos vinte e dois atletas convocados. Somente a partir da segunda fase do período preparatório é que os treinamentos foram desenvolvidos para os dezoito e, finalmente, os doze jogadores selecionados.

Em Belo Horizonte, considerando que havia duas quadras polivalentes para a realização paralela dos treinamentos técnico-táticos, os exercícios foram desenvolvidos de forma dividida. Assim, as atividades eram separadas de acordo com os objetivos estabelecidos, havendo trocas permanentes entre os grupos estabelecidos.

Em Poços de Caldas, os treinamentos técnico-táticos foram realizados diariamente em um ginásio de esportes cedido pela prefeitura local. O mesmo teve que ser adaptado pela CBV para a prática do voleibol, com pintura e adaptação de piso sintético específico.

Todas as sessões de treinamento técnico-táticos eram iniciadas com uma palestra do treinador principal ou do treinador assistente, que versava sobre os objetivos a serem atingidos naquela determinada atividade. Após isso, era realizado um aquecimento específico, orientado pelo preparador físico da Seleção Brasileira, que dirigia o mesmo “para o que o atleta vai treinar, para preparar e estimular aquele grupo muscular”.

Após o aquecimento, os trabalhos técnico-táticos passavam a ser específicos, de acordo com os objetivos previstos para cada etapa de treinamentos. Tais atividades eram desenvolvidas a partir de exercícios

fundamentais e auxiliares, realizados de forma progressiva, de forma simples, combinadas e ou, através de complexos de organização coletiva.

Para Suvorov & Grishin (1990a), os exercícios fundamentais são os que tratam da técnica e da tática do voleibol e os auxiliares podem ser definidos como aqueles que contribuem para o domínio dos exercícios fundamentais. Os exercícios simples são aqueles executados a partir de condições facilitadoras e os complexos, aqueles que exigem uma ação coordenada de dois ou mais jogadores, visando a aquisição da tática individual.

Já os exercícios combinados solicitam a execução antecipada de um movimento, de forma a aumentar as exigências das respostas. E, finalmente, nos exercícios de organização coletiva, o encadeamento de ações se dá através da realização de duas ou três ações consecutivas, nas diferentes fases do jogo.

A maior parte dos treinamentos técnico-táticos foi desenvolvida diretamente na quadra de voleibol, com exceção de algumas atividades específicas, como os treinamentos de levantadores, passe e defesa. Isso é comprovado através da figura 6, que indica a forma de delimitação espacial utilizada nessas atividades:

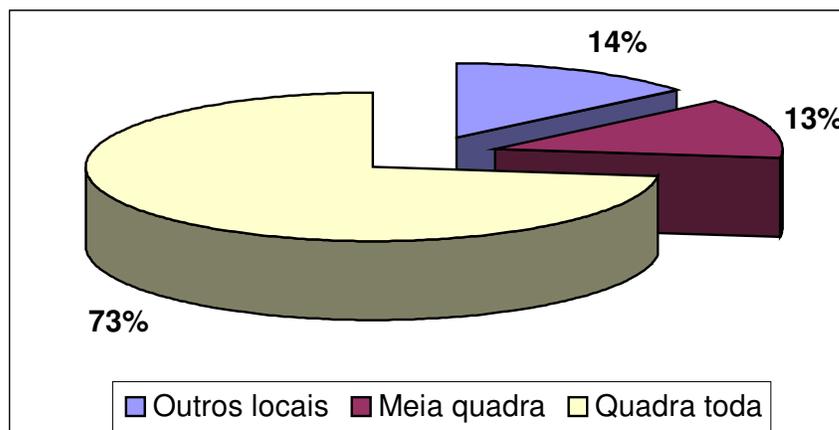


Figura 6 – Delimitação espacial das atividades técnico-táticas

Os resultados indicam que 73% dos trabalhos de correção, estabilização e aperfeiçoamento técnico-táticos foram realizados utilizando toda a quadra de voleibol, independentemente do método de treinamento, quer seja, analítico,

sintético ou misto. Algumas atividades específicas de defesa, levantamento e passe, foram desenvolvidas utilizando-se de meia quadra (13%) e os demais 14% das atividades foram desenvolvidas em outros locais, como paredão, escadas, gramados e as laterais e fundos da quadra esportiva.

A pesquisa também apontou que o modo de participação dos atletas nessas atividades técnico-táticas se deu de duas formas: individualizada e massificada. A participação individualizada ocorreu através de exercícios específicos para determinadas funções, e a massificada, pela participação coletiva dos jogadores, conforme demonstra a figura 7:

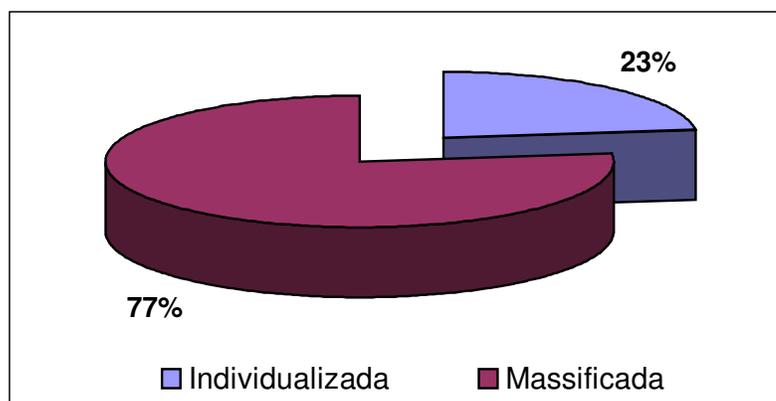


Figura 7 – Modo de participação dos atletas

De acordo com a figura 7, o principal modo de participação dos atletas nos treinamentos técnico-táticos realizados na fase preparatória, ocorreu de forma massificada (77%). Tal participação por parte dos atletas apontou para a existência de trabalho metodológico integrado, que valorizou a realização de atividades coletivas, independentemente do método ou da forma de classificação da tarefa.

A pesquisa apontou que apenas 23 % das atividades técnico-táticas foram realizadas de forma individualizada. Tal modo de participação ficou restrito aos trabalhos específicos de levantamentos, ataques do fundo, passe e defesa, que invariavelmente eram dirigidos somente para os jogadores especialistas.

Neste contexto, a pesquisa apontou que esse trabalho técnico-tático massificado foi realizado através de diferentes modelos de atividades, que

envolviam a participação dos atletas em quatro principais categorias, conforme demonstra a figura 8:

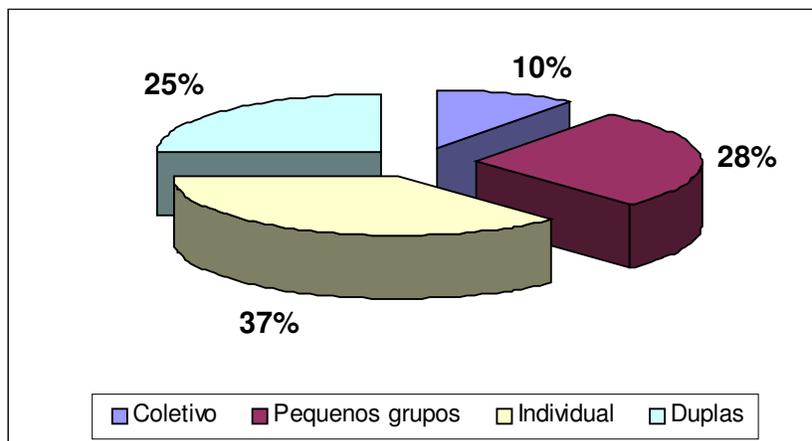


Figura 8 – Número de participantes

Os resultados da pesquisa indicam que as principais atividades técnico-táticas foram desenvolvidas de forma individual (37%), em pequenos grupos (28%) e em duplas (25%). Os exercícios de organização coletiva, complexos de jogo e atividades de transição ficaram restritos à 10% das atividades.

Esses resultados confirmam que os objetivos propostos para a fase preparatória de treinamentos, no planejamento da Seleção Brasileira foram integralmente cumpridos. A maior utilização do método analítico (70%), as atividades envolvendo os fundamentos combinados (80%), de forma massificada (70%), utilizando-se a quadra toda (73%), com a participação efetiva do treinador (61%) e buscando a melhoria da eficiência (49%), indicam isso.

Em todas as sessões de treinamento físico-técnico-tático, havia intervalos regulares no término de cada exercício, para uma recuperação orgânica por parte dos atletas e ou trocas de atividades. No encerramento dos treinamentos ocorria nova reunião dos atletas com a comissão técnica, para uma avaliação da produtividade daquela sessão, sendo que, após isso, os atletas eram submetidos a um trabalho de alongamento muscular e relaxamento.

Neste contexto, de acordo com a estruturação dos treinamentos, a pesquisa confirmou as afirmações do treinador principal a respeito da adaptação

de sua prática pedagógica ao novo paradigma do esporte. Verificou-se que a mesma foi realizada a partir de um rígido planejamento, obedecendo a um rigoroso padrão científico, sendo desenvolvida com muita ênfase nas correções e no aprimoramento dos gestos técnicos específicos da modalidade, pois,

pela pouca experiência internacional, de jogo de alto nível dos jogadores, vários movimentos diferentes da forma do que a gente pensa [...] e o voleibol hoje é rico em detalhes. Quem domina os detalhes do jogo, dos fundamentos, dos gestos técnicos, tende a ter um sucesso maior que o outro. E a gente procura maximizar a aquisição desses detalhes individuais, porque só com isso se consegue chegar no alto nível. (Percy Oncken, abril 2003)

Nesse processo, foram desenvolvidas determinadas estratégias metodológicas de ensino, que variavam de acordo com a complexidade técnico-tática exigida por parte dos atletas. Conforme declarações do treinador principal, os educativos envolviam no máximo três fundamentos, sendo “dois fundamentos por dia e o reforço da “escolinha”, que eu coloco como a parte, mais o objetivo maior daquele dia é o treinamento de duas horas, duas horas e meia, com dois fundamentos, nas fases, [...] de Belo Horizonte e Poços de Caldas”.

Para o treinador principal da Seleção Brasileira, essa estratégia pedagógica se justifica, pois os atletas dessa categoria já desenvolveram um completo domínio técnico dos principais fundamentos básicos. Além disso, segundo Suvorov & Grishin (1990b), a categoria já incorporou os sistemas táticos utilizados pelas categorias juvenil e adulta, apresentando conhecimentos táticos flexíveis para o perfeito domínio desses sistemas.

Os resultados da pesquisa confirmaram a existência de um trabalho técnico-tático voltado para a fixação, correção, estabilização e aperfeiçoamento dos movimentos específicos do voleibol competitivo. Entretanto, paralelamente a esse trabalho, verificou-se a existência de uma estratégia pedagógica paralela de correção técnica, que foi denominado pelo treinador principal, como “escolinha”.

Este trabalho paralelo foi realizado com o objetivo de melhor aproveitar as características técnicas específicas de cada atleta, que apresentam dificuldades e limitações próprias. Tal estratégia metodológica consistia em um trabalho metódico e repetitivo de execução do gesto técnico, sempre realizado a partir de muita correção por parte do treinador.

Segundo o treinador principal, o trabalho de “escolinha” era realizado diariamente, independentemente da fase de preparação, sempre em horários específicos e à parte do grupo, somente para aqueles atletas com dificuldades técnicas em determinado fundamento,

se for necessário esse processo é realizado até durante o período competitivo. Não necessariamente [...], a idéia principal é que cheguemos na fase competitiva com os atletas dominando todos os fundamentos citados. A gente tem a perspectiva de que, a partir do período pré-competitivo, nos preocupemos somente em montar a estratégia de jogo, ao invés de ficar fazendo correções. Mas se for necessário, evidentemente as escolinhas vão continuar até quando acharmos importante. (Percy Oncken, abril 2003)

Esses treinamentos de correção técnica eram realizados diariamente, de acordo com cada fundamento específico, em um período médio de uma hora cada sessão. Geralmente, os educativos de correção eram aplicados através de metodologias analíticas, pois o principal objetivo sempre foi a estabilização e o aperfeiçoamento dos gestos técnicos.

Os trabalhos de correção técnica mais utilizados pela comissão técnica no período preparatório de treinamento, estão citados no quadro 8:

Quadro 8 – Trabalhos de correção técnica mais utilizados

Fundamento	Trabalho Específico
Saque	Correção de braços, eficácia e eficiência do gesto técnico
Ataque	Correção de braços, eficácia e eficiência do gesto, recursos individuais, ataques específicos
Recepção de saque	Eficácia e eficiência do gesto, recursos técnicos
Levantamentos	Eficácia e eficiência do gesto, recursos técnicos
Bloqueios	Deslocamentos, passadas, posição de braços, eficácia e eficiência do gesto
Defesa	Rolamentos, mergulhos, movimentação, posicionamentos

O treinador assistente da Seleção Brasileira justifica a utilização dos treinamentos de reforço técnico, por parte da comissão técnica,

se o atleta é deficitário em um fundamento, obviamente que precisará utilizar muito no jogo [...] você tem que dar uma ênfase especial. Então você separa este garoto e faz um trabalho de “escolinha” com ele. Neste trabalho você procura recuperar esse garoto tecnicamente para poder atingir o mesmo nível técnico dos outros. (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003).

De acordo com o treinador principal, o primeiro critério utilizado pela comissão técnica para a definição dos fundamentos a serem trabalhados nas escolinhas foi a percepção, para ver se houve uma evolução real nas ações motoras dos jogadores. Isso também ocorreu na definição da duração das atividades, onde o processo de correção terminava sempre que o objetivo fosse atingido, havendo assim, uma homogeneidade técnica dos jogadores.

Esse trabalho específico de correção e aprimoramento técnico era realizado sistematicamente de acordo com a evolução real das ações motoras dos jogadores, sem que existisse um tempo limitado e pré-determinado pela comissão técnica. O treinador principal afirmou que este trabalho foi realizado com ênfase em alguns fundamentos específicos, tendo em vista que tais atletas ainda estão em formação, pois,

é um processo de aprendizagem bastante grande, eu acho que alguns fundamentos se fazem necessários, como o próprio saque, o levantamento por parte de outros jogadores que não sejam levantadores, correção de braço, que é determinante para o sucesso do gesto técnico do ataque [...] principalmente esses, recepção de saque, que é fator decisivo para você ter um bom volume de jogo e as correções de braço. (Percy Oncken, abril 2003)

Além disso, esse trabalho de correção também foi realizado com o objetivo de adaptar os atletas a algumas funções técnicas específicas, que os mesmos não estavam acostumados a desenvolver nos clubes. Dentre essas funções, a recepção de saque em suspensão foi uma das mais exigidas, pois muitos atletas que não participavam diretamente da recepção, passaram a fazê-lo na Seleção Brasileira.

Enfim, verificou-se que todo trabalho técnico-tático, desenvolvido por parte da comissão técnica no processo de preparação da equipe, foi realizado com o objetivo de promover um aproveitamento eficiente e eficaz por parte dos atletas, sendo decisivo para o sucesso da equipe. Entretanto, considerando que o voleibol se constitui em um esporte coletivo, existe também a necessidade de que exista uma relação harmoniosa entre os atletas e a comissão técnica, que é fator determinante para a evolução, eficiência, união e a motivação do grupo, influenciando diretamente nos resultados obtidos.

4.3.3 - A relação treinador-atletas

No processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos, a relação do treinador com os atletas, é decisiva para a evolução técnico-tática dos mesmos e para a eficiência da equipe. Segundo Bota & Colibaba-Evulet (2001), nesta relação, o treinador deve apresentar uma grande capacidade de persuasão, mostrando caráter, conduta moral, perseverança, determinação e espírito de equipe, além de outras habilidades inerentes ao processo educacional.

Além disso, o mesmo deve apresentar outras aptidões e capacidades, como a intuição, a capacidade de decisão e o espírito de sacrifício. Segundo Rodrigues (1997), a concepção metodológica utilizada pelo treinador em seus treinamentos e a forma como se relaciona com seus atletas, tem influência direta nos resultados de seu trabalho.

O treinador principal reconhece a importância do desenvolvimento de uma relação harmoniosa entre os atletas e a comissão técnica, concordando que tal relacionamento é decisivo para o sucesso de qualquer equipe. Segundo ele, na atual Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil, a relação da comissão técnica com os atletas foi a mais harmoniosa e profissional possível.

Neste sentido, confirmando as declarações do treinador da equipe brasileira, a pesquisa apontou que a relação entre a comissão técnica e os atletas, durante a fase preparatória de treinamentos ocorreu de forma respeitosa e harmoniosa. Essa relação harmoniosa evidenciou o comando do treinador

sobre todo o grupo de atletas, bem como indicou a existência de um alto nível de conscientização dos atletas e uma grande união na equipe, conforme indica a figura 9:

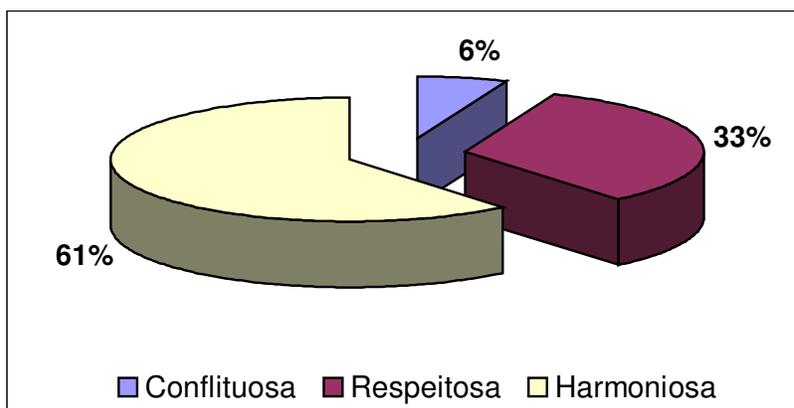


Figura 9 – Relação técnico-atletas

De acordo com os resultados da pesquisa, em 61% das atividades técnico-táticas desenvolvidas na fase preparatória, a relação entre o treinador e os atletas foi harmoniosa. Além disso, em 33% das atividades, ocorreu ainda uma relação respeitosa, indicando que o treinador principal tinha uma grande liderança sobre todo o grupo de atletas.

As situações conflituosas existentes (6%) ocorreram somente em alguns momentos, através de estímulos positivos e negativos por parte do treinador para corrigir e inibir algumas atitudes erradas por parte dos atletas. Entretanto, mesmo nessas situações conflituosas, nunca foi percebida qualquer atitude de confronto entre a comissão técnica e os atletas.

Segundo o treinador principal, sua relação com os atletas foi se alterando com o passar dos anos, devido à experiência adquirida, pois,

quando assumi a seleção brasileira, tinha uma responsabilidade imensa nas costas, porque a seleção era bi-campeã mundial, e eu e minha comissão técnica assumimos para continuar esse processo. Então eu fui muito duro com os atletas, que me chamavam de carrasco e por ai afora e hoje a relação é um pouco mais tranqüila. Evidente que quando for necessário, você vai ser mais duro, porque essa é a tua função na comissão técnica. Mas houve um trabalho mais tranqüilo para a gente conseguir chegar nos mesmos lugares e objetivos que conseguimos anteriormente.

Com isso eu ganhei, pois a minha relação com os atletas foi melhorada [...] eu não tenho aqueles desgastes que eu tinha antigamente, isso não quer dizer que eu deixei de cobrar. Cobro o tanto quanto, mas talvez de uma maneira diferente. (Percy Oncken, abril 2003)

De acordo com o treinador assistente, com o passar dos anos aconteceram diversas mudanças no trato com o atleta,

que ficou mais amistoso, não digo nem de mais amizade, porque sempre existiu muito carinho com todos os atletas. Pelo respeito à individualidade de cada um, amadureceu e o trato passou a ser mais tranqüilo. Hoje o atleta tem uma participação muito maior no treinamento do que tinha antigamente também. Então eu acho que pedagogicamente a gente evoluiu no sentido de ter uma aprendizagem contando mais com a participação do atleta do que antigamente. (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003)

A pesquisa comprovou o comando inquestionável do treinador principal sobre seus atletas, através de uma conduta séria, profissional e respeitosa com relação aos mesmos. Assim, verificou-se que, sempre que necessário, ele chamava a atenção, cobrando maior empenho, dedicação e esforço dos jogadores.

Outro fator positivo apontado nesta relação treinador-atletas foi à existência de um clima permanente de união e amizade entre todos, através de uma metodologia que incentivava o diálogo, a responsabilidade e a autonomia dos atletas. Neste sentido, ficou explícita a consciência dos membros da comissão técnica, bem como de todos os atletas, sobre a importância deste trabalho integrado, onde cada um seguia à risca seus deveres e responsabilidades.

Nos esportes coletivos, o treinador pode relacionar-se com seus atletas através de diferentes estratégias, devendo utilizar-se tanto da afetividade positiva quanto negativa nesta relação. O comportamento afetivo escolhido pelo treinador para se relacionar com seus atletas influencia nas atitudes, valores, interesses e na instabilidade emocional dos mesmos, devendo levá-los a assumir “um papel preponderante no seu autodesenvolvimento, entendido como a auto-análise, a consciência de sua experiência e a valorização do seu crescimento interior” (Shigunov & Pereira, 1993, p.30).

Ainda segundo Shigunov & Pereira (1993), a afetividade positiva se caracteriza como “toda manifestação, verbal ou não, que esteja relacionada a elogiar, usar o primeiro nome, demonstrar afeto e expressar-se” (p.40). Já a afetividade negativa, “é toda manifestação de alguém, verbal ou não, para criticar, ironizar, menosprezar, admoestar, ameaçar, agredir, castigar ou punir toda e qualquer ação de outrem” (p.46).

Neste sentido, a pesquisa apontou que o treinador principal utilizou freqüentemente comportamentos afetivos positivos e negativos como estratégia de treinamento, de acordo com cada situação, pois segundo ele,

é importante o comportamento afetivo positivo, como elogiar, incentivar nos momentos em que o atleta realmente está se superando, para que ele sinta confiança de que, a todo momento vai ter atenção [...] e quando a evolução acontece, evidentemente que a comissão técnica parabeniza e dá o estímulo positivo para que ele possa acreditar no trabalho pessoal. Porém, quando o atleta está fazendo alguma coisa que é de desagrado da comissão técnica, ele vai estar ciente disso, pois cada momento tem a sua necessidade, inclusive de chamar à responsabilidade os atletas, nunca de forma pejorativa ou através de xingamentos ou ofensa pessoal, mais sim de uma forma bastante dura para que ele perceba que ali, se ele não participar efetivamente concentrado e com toda disposição do mundo, ele pode estar atrapalhando o processo de treinamento e nos deixando cada vez mais longe do objetivo geral da equipe. (Percy Oncken, abril 2003)

Já o psicólogo da Seleção Brasileira é contrário à utilização de comportamentos afetivos negativos por parte da comissão técnica com relação aos atletas. Para ele, tais comportamentos “não são aprendidos pelos jogadores e acabam fazendo com que os mesmos trabalhem no sentido de estímulo e resposta, que não leva ao crescimento como pessoa”. (Antônio Luiz Prado Serenine, abril 2003)

No voleibol, a relação do treinador com seus atletas pode realizar-se de duas maneiras, nos treinamentos e nos jogos. Nos treinamentos, essa relação influencia diretamente a prática pedagógica do treinador e o rendimento dos atletas, sendo decisiva para a evolução técnico-tática dos mesmos e da equipe como um todo.

Assim, verificou-se que um dos principais fatores que tornou harmoniosa a relação do treinador da Seleção Brasileira com seus atletas foi a conduta dos mesmos durante os treinamentos técnico-táticos. Tal atitude positiva por parte dos atletas, facilitou o trabalho da comissão técnica, tornando a relação mais produtiva e eficiente, facilitando a adaptação do grupo à metodologia aplicada e as tarefas solicitadas nas atividades desenvolvidas, conforme indica a figura 10:

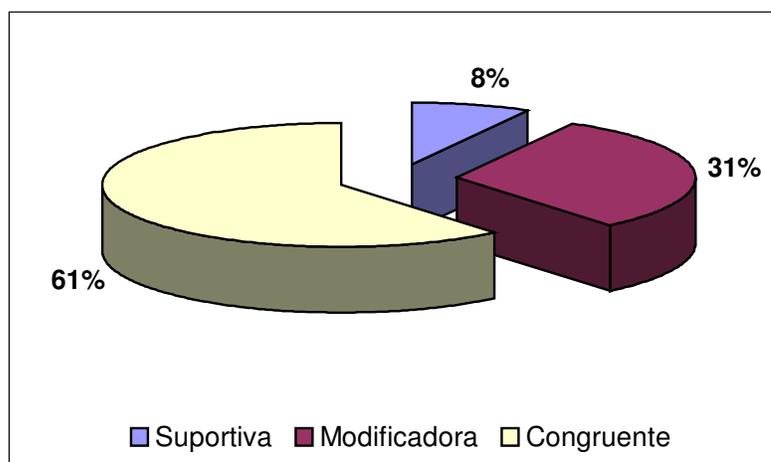


Figura 10 – Conduta dos atletas

A pesquisa indicou que a conduta dos atletas na maioria das atividades técnico-táticas aconteceu de forma congruente (61%), ou seja, os atletas mantinham na íntegra os objetivos propostos nos exercícios. Já, em 31% das atividades desenvolvidas, ocorreu uma atitude modificadora por parte dos atletas.

Tal atitude modificadora ocorreu de forma positiva, através de um maior empenho dos atletas em determinada atividade, bem como, negativa, em condutas displicentes durante os exercícios. Além disso, a pesquisa também indicou que em 8% das atividades técnico-táticas desenvolvidas, ocorreram atitudes suportivas por parte dos atletas, ou seja, havia uma participação ativa dos mesmos auxiliando o desenvolvimento das referidas tarefas.

Por outro Lado, a relação entre os atletas durante o desenvolvimento das atividades técnico-táticas em todo o período de preparação foi considerada excelente. A pesquisa indicou a existência de um clima permanente de amizade,

companheirismo e respeito entre todos os atletas, durante os treinamentos e jogos amistosos, comprovando a união do grupo.

Nos jogos amistosos que tiveram o objetivo de verificar a evolução técnico-tática dos jogadores, a relação dos atletas com a comissão técnica manteve a mesma harmonia verificada nos treinamentos. De acordo com o treinador principal, só através de “jogos amistosos contra equipes competitivas que a gente realmente pode avaliar e fazer um prognóstico de como a seleção está andando, o que precisa ser feito ainda, em termos de melhoria da técnica individual e da tática implantada”. (Percy Oncken, abril 2003)

Nos primeiros jogos amistosos que a Seleção Brasileira infanto-juvenil realizou em Belo Horizonte e Poços de Caldas, o relacionamento do treinador principal com os atletas foi o mais cuidadoso possível, pois segundo ele,

foram os primeiros jogos com eles fardados, ou seja, com a camisa da Seleção Brasileira de fato, isso no garoto pesa demais. Então a gente procurou passar uma segurança, para que eles atuassem com a maior tranquilidade possível, diminuindo a ansiedade, até para que os erros não apareçam com mais frequência. E esse é um primeiro momento que eles tinham que vencer, [...] suportar as pressões naturais do jogo e suportar estar vestindo uma camisa tão significativa na vida deles e na vida nossa também. (Percy Oncken, abril 2003)

Durante os jogos amistosos, a relação, treinador x atletas se tornou muito mais intensa, visto que influenciava diretamente na participação e no comportamento do atleta em quadra. Segundo o treinador principal, seu relacionamento com os atletas durante os jogos, ocorreu conforme as situações de jogo e a participação de cada um, pois,

se houver a necessidade de ser mais duro com quem quer que seja, vai ser feito isso, mais nunca com o sentido de joga-lo mais no buraco ainda. Eu falo inclusive para eles se em algum momento eu quisesse joga-los num buraco, eles não estariam aqui. Então se eles estão aqui é porque a gente confia neles. Só que isso não quer dizer que se algum momento que seja necessário ser mais duro, chamar a atenção de forma até mais agressiva, será feito com toda naturalidade, no sentido do cara dar uma resposta melhor do que está tendo naquele momento. (Percy Oncken, abril 2003)

Segundo o treinador principal, foi para isso que serviram os jogos amistosos, principalmente contra equipes adultas e equipes que participaram do campeonato mundial. Tais jogos e competições preparatórias buscaram proporcionar uma maior experiência e tranquilidade aos atletas,

porém, maior tranquilidade não quer dizer que ele vá jogar sem a responsabilidade necessária. E assim a gente vai trabalhando, [...] avaliando os jogadores, para que possamos realmente escolher os doze melhores para representar o país. Nós ficamos num processo de muita observação dos jogadores, na sua forma de atuação em quadra, na sua forma de se preparar para o jogo, na sua concentração, enfim [...] em todos aspectos que envolvem o alto rendimento. (Percy Oncken, abril 2003)

Para o melhor aproveitamento desses jogos amistosos preparatórios, o treinador principal realizou permanentemente um revezamento dos atletas em quadra, de acordo com cada função específica. Tal estratégia tinha o objetivo de mostrar aos mesmos, que todos estavam disputando uma vaga na equipe em condições iguais.

Outra preocupação permanente do treinador da Seleção Brasileira nos jogos amistosos, constituiu-se em administrar com muito cuidado, tanto as derrotas, quanto as vitórias. Segundo ele, “na derrota a gente percebe mais claramente o erro de que nas vitórias. As vitórias muitas vezes mascaram muito as situações”. (Percy Oncken, abril 2003)

Outra importante situação que envolveu de forma significativa a relação treinador-atletas, foi a escolha do capitão da equipe. Segundo o treinador principal, a escolha do capitão da atual Seleção Brasileira levou em consideração sua condição de liderança, respeito e comunicação com relação aos demais companheiros da equipe, além do domínio mínimo da língua inglesa.

Finalmente, a pesquisa apontou que a concepção metodológica adotada pelo treinador principal no processo de preparação da Seleção Brasileira foi influenciada por sua formação, suas fontes de conhecimento e sua experiência como treinador. Nesse mesmo contexto, verificou-se que a formação profissional e a experiência vivida do treinador, também fundamentaram a concepção tática da equipe, influenciando decisivamente na implantação dos eficientes sistemas táticos ofensivos e defensivos.

4.4 – A concepção tática coletiva

Os sistemas táticos do voleibol podem ser definidos como estratégias utilizadas pelas equipes para se sobrepor aos adversários. Essas estratégias podem ser individuais, através de trocas e posicionamentos específicos dos atletas, ou coletivas, na forma de diferentes sistemas ofensivos e defensivos.

Desde a época de Gladman (1974), os sistemas táticos e a estratégia de jogo das equipes já tinham como objetivos, utilizar-se maneira mais racional e eficiente possível, dentro das possibilidades do regulamento técnico, os movimentos individuais e de conjunto dos jogadores, bem como suas qualidades físicas.

Para Weineck (1986), a tática pode ser entendida de duas formas, sendo uma geral e uma especial. Enquanto que a tática geral se refere às regras e regularidades da ação tática, a tática especial é específica de cada modalidade esportiva, sendo que esta, exige uma instrução especial.

Ainda segundo Zech (1971) in Weineck (1986), a tática se constitui no “comportamento racional, baseado na capacidade de performance própria e adversa e nas condições exteriores em um conjunto individual ou por equipes” (p.211).

De acordo com Greco (1997) e Garganta (2000), o objetivo da tática é fazer com que o atleta aprenda a tomar decisões, de acordo com os objetivos e características de cada modalidade esportiva. Segundo Paula et al (2000), em todo o processo de tomada e decisão existe uma decisão tática a ser executada.

O processo de especialização de funções dos atletas conforme Bizzocchi (2000), promoveu uma revolução nos sistemas táticos do voleibol, inovando na tática de bloqueio, na velocidade de ataque, no sistema de recepção de saque e de defesa. Esse processo se iniciou na década de oitenta, através dos Estados Unidos, que optaram pela alta especialização dos jogadores, “treinando cada um deles somente para aquilo que iriam desenvolver nos jogos. Ao racionalizar, não perdia tempo com situações que eles não encontrariam na quadra” (p.45).

Neste sentido, considerando a formação técnica especializada de seus atletas, verificou-se que a presente Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil já

incorporou completamente a maioria dos sistemas táticos que estão sendo utilizados pelas equipes adultas mais competitivas. As limitações táticas existentes se devem ao fato de que os atletas desta categoria, ainda não apresentam a mesma maturidade, concentração e disciplina que os jogadores adultos, para realizar determinadas exigências técnico-táticas mais complexas.

O próprio treinador principal da Seleção Brasileira admite que a categoria infante-juvenil já incorporou a maioria dos sistemas táticos da categoria adulta, por entender que não existe muita diferença técnica entre os jogadores das duas categorias,

não tem muita diferença mesmo, porque na realidade o que vai diferenciar de uma categoria para a outra é a qualidade técnica e a força física de cada um, mais taticamente são poucas as mudanças porque o voleibol é jogado desta forma. Se você vai ao campeonato mundial, uma grande parcela das equipes atua de uma mesma forma [...] e normalmente são as equipes que chegam as finais. Verificamos que já existe uma alta especialidade dos jogadores nas principais funções, como atacantes de meio, ponta e saída, levantador e líbero. Então não tem muito mais o que se fazer. (Percy Oncken, abril 2003)

Assim, considerando que o jogo de voleibol apresenta situações técnico-táticas, tanto de ataque, quanto de defesa, pode-se afirmar que cada equipe apresenta uma concepção tática coletiva ofensiva e outra defensiva.

A concepção tática ofensiva se caracteriza pelo desenvolvimento dos sistemas de jogo e ataque, através do posicionamento dos jogadores, de acordo com cada função estabelecida. Já os sistemas defensivos se fundamentam pela forma com que as equipes posicionam seus jogadores em quadra para defender ou neutralizar o ataque adversário, através dos sistemas de recepção de saque, defesa e de proteção ao ataque.

Pode-se entender que tais sistemas se completam, existindo uma interdependência no processo de execução dos mesmos, devido à velocidade e complexidade do voleibol atual. Entretanto, deve-se considerar que a eficiência de tais sistemas está intimamente relacionada com o nível técnico de seus atletas, pois, somente através do perfeito domínio da técnica que é possível desempenhar as ações táticas corretamente.

Baacke (s/d) também considera que o domínio da técnica é o principal elemento condicionante para a eficiência tática de uma equipe. Segundo este autor, “a performance das equipes de alto nível, a velocidade e a variedade dos sistemas táticos de jogo estão relacionadas intimamente com a perfeição com que são conseguidos em sua utilização” (p.143).

Neste sentido, é importante que as equipes desenvolvam sistemas táticos que se adaptem às características técnicas individuais de seus atletas, desenvolvendo estratégias metodológicas que combinem os fatores físico, técnico e tático.

4.4.1 – O sistemas de jogo

Segundo o treinador principal, tanto a Seleção Brasileira infanto-juvenil atual, como todas as anteriores já comandadas por ele, utilizam o sistema de jogo⁷³ 5 x 1, que se caracteriza por contar com cinco atacantes especialistas e um único levantador. A utilização de um único levantador possibilita uma melhor distribuição de jogadas de ataque, pois os levantamentos sempre serão realizados da mesma forma, o que facilita a integração atacante e levantador.

Para Bizzocchi (2000), o sistema de jogo 5 x 1 rapidamente ganhou a simpatia da maioria das equipes, de ambos os sexos, “pela vantagem de tudo girar em torno de um único levantador; os acertos são feitos com ele; [...] e a organização e o ritmo do jogo ficam a cargo de uma só pessoa” (p.132).

Entretanto, deve-se enfatizar que se trata de um sistema de jogo complexo, que apresenta a necessidade de trocas constantes entre os atacantes e o levantador, tanto no ataque, quanto na defesa. Além disso, a infiltração do levantador é outro fator que dificulta sua utilização, pois envolve posicionamentos específicos para recepção do saque e mudanças de posições rápidas entre o levantador, os atacantes e os defensores, com a posse bola.

⁷³ Alguns autores como Frascino (s/d) os definem como sistemas de ataque.

A pesquisa apontou que os atletas da atual Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil já estão adaptados às funções específicas utilizadas no sistema de jogo 5 x 1. Certamente, isso tem reflexos positivos para o melhor rendimento do atleta, pois cada posição específica do sistema de jogo adotado, obriga o jogador a executar uma série de funções que, se estiver insatisfeito, ou não tenha pleno domínio técnico-tático, certamente deixará de ser eficiente.

Segundo o treinador principal, no sistema de jogo adotado, todos os jogadores ocupam posições em que são especialistas. Os atacantes de entrada, de meio, o oposto e o levantador, revezam-se entre as posições do ataque⁷⁴ e da defesa⁷⁵, sendo que “os atacantes de entrada ainda tem a função de passadores”. (Percy Oncken, abril 2003)

Neste revezamento, os jogadores exercem as funções em que são especialistas, dependendo da posição em que se encontram em cada passagem. Para que isso ocorra de forma organizada e eficiente, eles realizam trocas constantes de posições, para adequarem-se às posições e funções específicas, possibilitando à equipe sempre dispor de jogadores especialistas em todas as posições⁷⁶ possíveis da quadra.

A única troca que envolve jogadores de ataque e de defesa durante o jogo, se constitui na infiltração do levantador, que é utilizada sempre que o mesmo se encontra nas posições de defesa. Assim, sempre que a equipe estiver com a posse da bola, o levantador se desloca para a zona de ataque para realizar o levantamento, promovendo assim, uma troca rápida de posição com os jogadores do ataque.

A falta de sentido em se realizar trocas entre os jogadores do ataque e defesa entre si, reside no fato que, de acordo com a regra 14.2.3, um jogador da defesa, não pode executar um toque de ataque na zona de ataque se a bola estiver acima do bordo superior da rede. Assim, verifica-se que não existe

⁷⁴ De acordo com as regras oficiais do voleibol (regra 7.4.1.1) os jogadores de ataque ocupam as posições 4 (ataque-esquerda), 3 (ataque-centro) e 2 (ataque-direita).

⁷⁵ De acordo com as regras oficiais do voleibol (regra 7.4.1.2) os jogadores de defesa ocupam as posições 5 (defesa-esquerda), 6 (defesa centro) e 1 (defesa-direita).

⁷⁶ No voleibol, de acordo com a regra 7.4. 7.5 e 7.6, existem seis posições em quadra, sendo três na defesa e três no ataque, onde todos os jogadores se revezam através de rodízios.

coerência em trocar um jogador da zona de ataque, por um da defesa, pois ele não pode executar a função de atacante ou bloqueador.

O atacante oposto se constitui em um jogador decisivo no sistema de jogo 5 x 1, pois o mesmo passa a ser uma forte opção de ataque quando está nas posições da defesa, compensando a falta de um atacante na rede, quando o levantador está na frente. De acordo com o treinador principal, a Seleção Brasileira utiliza duas formas de ataque do fundo, “com o oposto, que normalmente ataca pela posição um e com um atacante de ponta que normalmente defende, contra-ataca e ataca também pela posição seis”.

Por apresentar uma característica de atacante de força, quando está nas posições de ataque, o oposto também passa a ser uma forte opção de ataque ou bloqueio em qualquer posição da rede. Além disso, o mesmo pode ser utilizado ainda como uma forte opção de bloqueio, tendo em vista suas características físicas e técnicas específicas.

Entretanto, a utilização de jogadores especialistas pela Seleção Brasileira, pode ser entendida como uma constante, mas não como uma regra fixa. Segundo o treinador principal, a definição das estratégias táticas e a utilização de cada jogador nos sistemas táticos, independente de função, sempre é definida de acordo com a necessidade da equipe, ou seja,

em função da idade dos jogadores, ele se apresenta como especialista em determinada posição, mas isso não quer dizer que eles não possam ser trocados ou substituídos em sua função[...] Algumas vezes o ponteiro vira atacante oposto ou até central. E alguns que se denominam atacantes de ponta, meio ou até oposto, também são trocados e posição. (Percy Oncken, abril 2003)

O treinador principal ainda exemplifica sua posição pessoal, explicando o caso de um atleta que chegou como jogador de meio na equipe, mas que, devido às características físicas e técnicas, foi testado como atacante oposto,

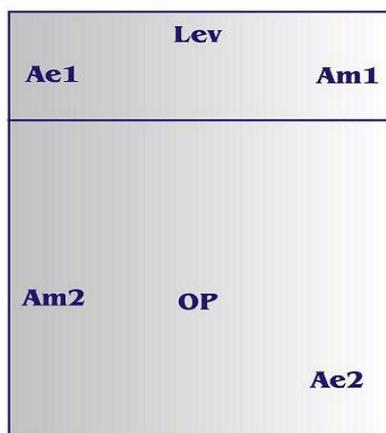
o meio que a gente está colocando como oposto tem uma grande capacidade de salto e pega a bola numa altura exagerada. Assim, na função de oposto a gente precisa de uma pessoa com essas características, ou seja, um ataque alto e forte. E aí nós estamos tentando fazer ele jogar também na função de oposto. Só que na rede, em alguns momentos ele bloqueia no centro, até pela facilidade que tem em bloquear pelo centro. (Percy Oncken, abril 2003)

Na definição do sistema de jogo a ser implantado, é importantíssimo que o treinador tenha a capacidade de distribuir de forma competente e harmônica os atletas em quadra. Tal fato tem como objetivo, definir a posição de cada atleta, de acordo com sua função, tornando a equipe equilibrada e competitiva, tanto no ataque, quanto na defesa.

Na Seleção Brasileira, o posicionamento dos jogadores no sistema de jogo 5 x 1, foi assim estabelecido pelo treinador principal: “o ponteiro sai na frente do levantador, para facilitar a recepção, principalmente quando o levantador está na posição cinco. O melhores atacantes de entrada e de meio se posicionam junto com o levantador, a fim de compensar a falta de mais um atacante”. (Percy Oncken, abril 2003) Esse posicionamento é apresentado na figura 11:

SISTEMA DE JOGO 5x1

Posição Inicial



Ae1: Principal Atacante de Entrada

Ae2: Segundo Atacante de Entrada

Lev: Levantador

OP: Atacante Oposto

Am1: Principal Atacante de Meio

Am2: Segundo Atacante de Meio

Figura 11 – Posição inicial da equipe

AP1: Silmar Antônio da Almeida, AP2: Thiago Soares Aves, AM1: Moisés Cizotto Keller Junior, AM2: Danilo Cruz de Carvalho, Lev: Everaldo Lucena da Silva, Op: Thiago Machado

O treinador principal defende esse posicionamento inicial por entender que assim fica estabelecido um equilíbrio entre o potencial de ataque e de defesa da equipe, pois os melhores jogadores estão separados, de acordo com as funções. Assim, os dois melhores atacantes ficam na mesma rede do levantador, para compensar a ausência de um terceiro atacante.

A divisão dos atletas dessa forma possibilita ainda um melhor posicionamento da equipe na recepção do saque do adversário, visto que, os atacantes de entrada também são responsáveis pelo passe da equipe, e saindo na frente do levantador facilitam a recepção e liberam os atacantes de meio para as jogadas de velocidade. A partir desse posicionamento inicial, existiu uma variação do local exato de saída de cada jogador em cada set.

Isso ocorreu como uma estratégia técnica por parte da comissão técnica, tendo em vista a necessidade de adaptar a tática coletiva da equipe ao adversário. Assim de acordo com o treinador principal, há inúmeras variações de posição inicial, sendo que muitas vezes o levantador “começou jogando na posição um, seis, e até mesmo na cinco”.

A partir da posição inicial da equipe, existiam trocas entre os jogadores, em cada passagem de rede, visando o posicionamento correto dos atletas, de acordo com a função tática estabelecida. Tais trocas de posição, que estão apontadas no anexo 1 (pg 146), viabilizavam uma utilização mais eficiente dos sistemas de ataque e de defesa da equipe, através do melhor aproveitamento técnico-tático individual dos atletas.

4.4.2 – O sistema de ataque

Historicamente, foi o Japão que introduziu as fintas e jogadas combinadas de ataque em velocidade no voleibol, a partir da década de setenta, alterando completamente o contexto ofensivo do voleibol e revolucionando os sistemas de ataque das equipes.

A partir daquele momento, as equipes passaram a se preocupar em desenvolver estratégias de ataque, tanto coletivas quanto individuais, através da

realização de fintas e jogadas combinadas⁷⁷, com o objetivo de sobrepujar os sistemas defensivos adversários. Tais estratégias foram aperfeiçoando-se e adaptando-se às alterações ocorridas na modalidade, em um processo de constante evolução tática do esporte e técnica dos atletas.

Com as alterações ocorridas nas regras da modalidade, o aperfeiçoamento dos sistemas de defesa das equipes e a evolução técnica dos atletas, tais estratégias ofensivas passaram a sofrer um processo de simplificação. Isso ocorreu devido à implantação do ponto corrido, que tornou arriscado a utilização das jogadas combinadas de ataque muito complexas.

Na atualidade, a execução dessas jogadas combinadas de ataque passou a ser realizada de acordo com o sistema de jogo adotado, as características técnicas dos jogadores e o nível tático das equipes. O sistema de jogo 5 X 1, por apresentar características muito ofensivas, possibilita a execução de inúmeras jogadas combinadas de ataque, visto que utiliza um grande número de atacantes especialistas.

Apesar de ter-se verificado que a Seleção Brasileira infanto-juvenil tenha adotado esse sistema de jogo, verificou-se que apesar do excelente nível técnico dos atletas, não foram realizadas muitas fintas individuais e jogadas combinadas de ataque. O treinador principal justificou a pouca utilização de jogadas combinadas pela equipe, afirmando que,

é uma tendência do voleibol mundial, da alta especialização dos jogadores. E aquele voleibol romântico que o Japão empregou, não tem sido muito usado, com exceção realmente das equipes asiáticas. Mas ultimamente se a gente perceber os campeonatos mundiais adulto, juvenil e infanto e as altas competições nacionais, aquelas grandes combinações de ataque, aquele volume de combinações de ataque já não existe mais. São jogadores todos especialistas e que a força, ela predomina em relação a essa variabilidade nas combinações de ataque. (Percy Oncken, abril 2003)

Segundo treinador principal, a Seleção Brasileira realiza determinadas jogadas combinadas de ataque, que foram treinadas e assimiladas pelos jogadores a partir da terceira fase de treinamento, ou seja, na fase pré-

⁷⁷ Carvalho (1980) define as jogadas combinadas como combinações táticas ofensivas, tem o objetivo de enganar, confundir e dificultar o bloqueio adversário.

competitiva. Entretanto o próprio treinador principal argumenta que tais jogadas somente foram realizadas de forma consciente pelos jogadores.

As principais jogadas combinadas de ataque implantadas na equipe foram a *between*⁷⁸, o *degrau*⁷⁹ e a *desmico*⁸⁰, conforme demonstra a figura 12:

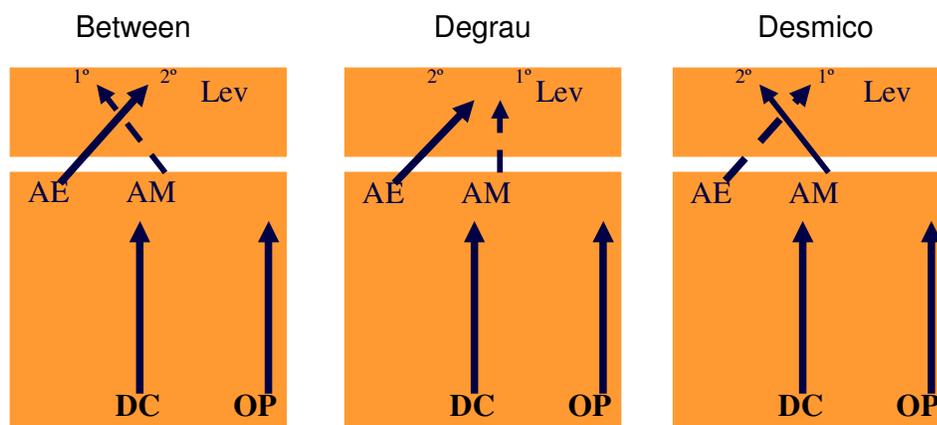


Figura 12 – Jogadas combinadas mais utilizadas

De acordo com o treinador principal da Seleção Brasileira, em alguns momentos a equipe também utilizou dois atacantes na primeira bola. Segundo ele,

nestas jogadas combinadas, o atacante central sempre atacou as bolas rápidas de meio, por se tratar de um jogador especialista [...] Este primeiro ataque pode ser realizado em algum momento pelo atacante ponteiro, ou pelo atacante oposto, porém o atacante oposto vai atacar o tempo nas costas muito mais do que o ponteiro atacar uma primeira bola (Percy Oncken, abril 2003)

Além disso, a pesquisa apontou que a Seleção Brasileira também utilizou constantemente ataques do fundo da quadra, com o jogador oposto e com atacante de entrada que se encontra na defesa. O atacante oposto geralmente

⁷⁸ *Between*: se caracteriza como um ataque de meia bola, entre o levantador e o atacante de 1ª bola.

⁷⁹ *Degrau*: se caracteriza como um ataque de meia bola, logo ao lado do atacante de 1ª bola.

⁸⁰ *Desmico*: se caracteriza como um ataque atrás e ao lado do ataque rápido, após a troca de posições (cruzamento) entre os atacantes de 1ª e de 2ª bola.

realiza o ataque do fundo pela posição um e o atacante de entrada pela posição seis.

A definição das fintas e jogadas combinadas a serem utilizadas durante o jogo é responsabilidade do levantador, que é constantemente orientado pela comissão técnica, através de informações obtidas por sistemas de análise de desempenho. Além disso, segundo o treinador principal, para a definição das jogadas de ataque da equipe, “também é necessário que os atletas percebam o que está acontecendo do outro lado da quadra e tirem proveito disso”. (Percy Oncken, abril 2003)

Entretanto, para que o sistema de ataque seja eficiente, é necessário que a equipe tenha um ótimo sistema de recepção de saque. Considerando o poder ofensivo do saque atual, a recepção correta do mesmo constitui-se em um fator determinante para a distribuição das jogadas de ataque por parte do levantador.

4.4.3 – O sistema de recepção de saque

Dentre os sistemas táticos utilizados pela Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil, o sistema de recepção de saque foi o que mais se adaptou à inovação das regras do esporte, pela sua complexidade de execução. Isso aconteceu devido ao processo de especialização de funções existente na modalidade, que possibilitou uma evolução técnica na execução de todos os fundamentos do esporte.

Tal evolução promoveu um notável aperfeiçoamento na execução dos principais fundamentos básicos, principalmente no saque, que passou a se constituir no primeiro ataque. Isso obrigou as equipes a aperfeiçoarem seus sistemas de recepção de saque e a especializar seus passadores, pois segundo Durrwachter (1974), “a escolha da formação depende em primeiro lugar da capacidade técnica dos jogadores, da própria tática ofensiva e do tipo de saque do adversário”. (p.19)

Assim, o processo de especialização existente na modalidade chegou também na recepção do saque, pois as equipes passaram a utilizar em seus sistemas de recepção, apenas os jogadores que apresentem com recursos

técnicos para o passe. Isso forçou a diminuição do número de jogadores responsáveis pela recepção do saque, com as equipes implantando sistemas com apenas dois ou três passadores especialistas.

Além disso, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) incentivou a evolução dos sistemas de recepção do saque, alterando as regras oficiais da modalidade, incluindo uma nova função específica para a recepção do saque: o líbero. De acordo com a regra 20.1.1, o líbero é um jogador defensivo especializado, que pode entrar a qualquer momento nas posições de defesa desde que a bola não esteja em jogo [...] não podendo levantar de toque da zona de ataque, sacar ou atacar.

Segundo Bizzocchi (2000), a FIVB teve vários objetivos para a criação da função de líbero no voleibol, como possibilitar uma nova função técnica para os atletas mais baixos, prejudicados com a crescente valorização dos jogadores mais altos. Além disso, buscou-se também equilibrar as ações de ataque e defesa das equipes, melhorando a eficiência dos sistemas defensivos, com um jogador especialista.

Entretanto, o principal objetivo para a criação da função de líbero, constituiu-se na melhoria da recepção de saque das equipes, que vinha tendo grandes dificuldades com a evolução do poder ofensivo do saque. Essa eficiência técnica deu-se a partir da melhor utilização do saque em suspensão e da ampliação da zona de saque, dificultando sobremaneira a eficiência de passe das equipes.

Bizzocchi (2000) afirma que esse processo de especialização da recepção de saque, com a diminuição do número de passadores se iniciou com a seleção americana de voleibol, na década de oitenta. Segundo ele, a recepção do saque é “representada pela distribuição dos jogadores de uma equipe em quadra, para receber o saque adversário, buscando também uma colocação que facilite a ação ofensiva posterior” (p.119).

Neste novo paradigma técnico e tático, a pesquisa apontou que a Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil também passou a receber o saque com dois ou três jogadores, de acordo com o tipo de saque a ser utilizado pelo adversário. Segundo seu treinador principal, foram utilizadas duas estratégias táticas para a recepção do saque, que foram definidas de acordo com o saque do adversário,

nós utilizamos o sistema de recepção com três jogadores, para o saque em suspensão e somente com dois jogadores para o saque do chão ou tipo tênis com salto. Existe essa variação em função do que o adversário apresenta em relação ao saque. As vezes com três e as vezes com dois. Então normalmente nós temos um ponta passador especialista, mais o líbero para o saque do chão ou tipo tênis com salto [...] e um segundo ponta que é especialista em receber o saque em suspensão. (Percy Oncken, abril 2003)

Conforme a posição do treinador principal, a Seleção Brasileira realiza a recepção de saque sempre com dois ou três jogadores especialistas, sendo os dois ponteiros mais o líbero. Este constitui-se em uma peça fundamental do sistema de recepção da equipe, sempre participando do passe, “substituindo o atacante de meio, quando o mesmo está nas posições da defesa”. (Percy Oncken, abril 2003)

O treinador principal da Seleção Brasileira é um forte defensor da inclusão do líbero no voleibol e acrescenta que na atual Seleção Brasileira infanto-juvenil, os líberos são utilizados somente nesta função, “apesar de serem bons atacantes também”. Entretanto, o próprio técnico da seleção enfatiza que essa regra pode ser quebrada, pois “isso não quer dizer que a gente não tente um jogador central como especialista na recepção também”.

Segundo o treinador principal, a definição do número de passadores em cada momento do jogo, sempre ocorrerá de acordo com o tipo de saque que o adversário utilizará. Assim, se for um saque flutuante, tanto parado, quanto em suspensão, a recepção será realizada com apenas dois jogadores, sendo o atacante de entrada que está no fundo e o líbero. Entretanto, se o saque for muito potente ou ainda em suspensão, “a recepção será realizada com três jogadores, sendo os dois atacantes de entrada, mais o líbero”. (Percy Oncken, abril 2003)

O posicionamento dos jogadores em quadra no sistema de recepção varia de acordo com o local onde os passadores se encontram no momento do saque adversário. Isso acontece, pelo rodízio obrigatório que todos os jogadores executam entre as posições de ataque e defesa, pela imposição da regra 7.3, sendo que, esse posicionamento também deve obedecer à regra 7.4, que impõe restrições sobre a colocação em quadra.

Neste sentido, conforme observado nos treinamentos e jogos amistosos da Seleção Brasileira, o posicionamento padrão da equipe na recepção de saque com três e dois atletas, é apresentada respectivamente nos anexos dois (pg 147) e três (pg 148). Deve-se enfatizar que, a todo momento havia a participação do líbero na recepção, independentemente do tipo de saque adversário.

4.4.4 – O Sistema de defesa

Os sistemas defensivos ou formações defensivas no voleibol são caracterizados pelo posicionamento coletivo dos jogadores em quadra, com o objetivo de anular ou interceptar o ataque adversário. Segundo Bizzocchi (2000), “as formações defensivas constituem a maneira de uma equipe organizar-se para neutralizar as ações ofensivas adversárias”. (p.152)

Tais formações podem ser realizadas a partir de muitas variações, dependendo do nível técnico das equipes ou ainda, do sistema tático de ataque utilizado pelo adversário. Nas formações defensivas, que envolvem o bloqueio e a defesa, o processo também ocorreu como nos demais sistemas táticos, ou seja, as modificações ocorridas levaram em conta o processo de especialização dos atletas.

A pesquisa apontou que a Seleção Brasileira adotou um sistema de defesa que joga sempre com o centro recuado. Segundo o treinador assistente, existem algumas variações que dependem do adversário e do tipo de bloqueio utilizado, sendo:

o meio sempre joga recuado, o ponteiro pega a defesa da bola diagonal frente ou menor, dependendo das características do adversário. O homem que sobra do bloqueio, muitas vezes se afasta para a cobertura ou normalmente para a defesa [...] ou então, tenta participar do bloqueio também. Se esse homem é um ponteiro, ele já fica numa posição específica para realizar um futuro contra-ataque, de preferência a partir da posição de entrada. Entretanto se o mesmo é o levantador, fica mais para a cobertura, porque não tem que abrir e atacar. A não ser que tenha um intermediário que ataque uma bola mais fechada. Nesta categoria, o bloqueio só chega triplo em bolas que quebrou o passe. (Antônio Cláudio de Rezende, abril 2003)

Essa explicação técnico-tática do treinador assistente, acerca do sistema defensivo utilizado pela Seleção Brasileira, é melhor esclarecida pelo treinador principal. Para ele, “o sistema de defesa utilizado, apresenta muitas variações, dependendo das “possibilidades que nós temos com os jogadores”. (Percy Oncken, abril 2003)

De acordo com o treinador principal, a Seleção Brasileira jogou no sistema de defesa com centro recuado, com algumas alterações, “como o fortalecimento da defesa da paralela e da defesa da diagonal, fazendo com que o jogador da posição seis se movimente, ora para a posição um, ora para a posição cinco, de acordo com as características de ataque do adversário”. (Percy Oncken, abril 2003)

Apenas para uma melhor compreensão do significado técnico do termo “centro recuado”, este identifica a maneira como a equipe se posiciona a partir do jogador que ocupa a posição seis, que pode jogar adiantado ou recuado. A posição deste jogador possibilita uma série de variações táticas de posicionamento da equipe, uma vez que altera completamente a forma de defender os ataques adversários.

Geralmente, as equipes de menor expressão técnico-tática utilizam o sistema de defesa com centro avançado (3:1:2), devido à facilidade de execução do posicionamento, visto que o jogador da posição seis passa a ser o único responsável pela cobertura⁸¹ de bloqueio em todas as posições. Entretanto, existe equipes altamente técnicas e vencedoras que adotaram este sistema defensivo, como a equipe feminina adulta da Rússia.

Já o sistema de defesa com centro recuado (3:2:1) é utilizado pelas equipes com maior recursos técnicos, visto que é um sistema melhor adaptado para ataques fortes e poucas largadas⁸². Este sistema de defesa pode apresentar inúmeras variações táticas de posicionamento dos atletas, de acordo as funções táticas estabelecidas e a característica ofensiva do adversário.

⁸¹ Cobertura de bloqueio: segundo Araújo (1994) é a denominação dada para o posicionamento do jogador encarregado de defender a bola largada pelo adversário.

⁸² Largadas: segundo Araújo (1994) é a denominação brasileira para a jogada em que o atacante, ao invés de cortar, dá um toque na bola por sobre o bloqueio.

Assim, o mesmo pode ser utilizado sem cobertura específica de bloqueio, com cobertura do bloqueio pelo jogador correspondente da defesa, ou ainda pelo(s) jogador(es) que sobra(m) do mesmo. Segundo seu treinador principal, na Seleção Brasileira foi utilizado um sistema misto, dependendo da posição do levantador, ou seja,

quando o levantador estiver nas posições de ataque, ele é o responsável pela cobertura de ataque realizado a partir da posição dois do adversário, e quando o mesmo estiver na defesa, a cobertura do bloqueio será dele na posição um e do jogador ocupante da posição cinco, quando o ataque adversário for realizado respectivamente na entrada e na saída de rede [...] Entretanto não existe uma cobertura de bloqueio imediata, tendo em vista não ocorrerem muitas largadas. (Percy Oncken, abril 2003)

A utilização deste sistema “misto” de cobertura de bloqueio teve o objetivo de aproveitar o excelente potencial técnico de defesa do levantador nesta função, tanto no ataque quanto na defesa. Além disso, tal estratégia também se justifica para evitar que o atacante oposto tenha a função de cobertura quando estiver na defesa, impossibilitando assim, a possibilidade de um contra-ataque com a participação do mesmo.

Todo sistema defensivo inicia-se a partir do posicionamento do bloqueio, que pode apresentar inúmeras variações, dependendo do local e tipo de ataque realizado pelo adversário. Segundo o treinador principal, a Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil utiliza constantemente bloqueadores especialistas em cada posição de bloqueio, ou seja,

ponta geralmente bloqueia na posição quatro, os centrais no meio e o oposto e o levantador na saída. Evidentemente, dependendo da força do ataque do adversário nós fazemos algumas trocas no intuito de tirar proveito de um bloqueio mais efetivo por parte de um ou outro jogador. (Percy Oncken, abril 2003)

Para que isso ocorra da maneira mais eficiente possível, são realizadas trocas entre os jogadores responsáveis pelo bloqueio, até mesmo para “permitir que os especialistas atuem realmente nas posições em que eles têm um rendimento melhor” (Percy Oncken, abril 2003)

De acordo com o treinador principal, na tática de bloqueio da Seleção Brasileira existem várias possibilidades de atuação dos bloqueadores, dependendo do tipo de ataque adversário. De maneira geral, a tática do bloqueio da equipe é realizada da seguinte forma:

nas bolas rápidas, normalmente um contra um, ou seja, bloqueio simples, mais com uma grande possibilidade de participar e montar um bloqueio duplo para a primeira bola. Para as bolas de ponta, normalmente bloqueio duplo e aquelas situações onde não há possibilidade de primeira bola por parte do adversário, nós treinamos a formação de bloqueio triplo também, ou seja, em bolas extremamente altas e sem possibilidade de primeira bola [...] primeiro ataque. (Percy Oncken, abril 2003)

Segundo o treinador principal, o tipo de bloqueio que a Seleção Brasileira utiliza também depende do perfil técnico e tático do adversário. A partir desse critério estabelecido, todas as possibilidades de bloqueio são viáveis, inclusive o bloqueio triplo, “que é esporádico mais deve ser utilizado quando necessário”.

O posicionamento do bloqueio é decisivo para a definição defensiva de qualquer equipe, uma vez que determina quais pontos na quadra não necessitam cobertura, por ser de responsabilidade do bloqueio. Existem também estratégias defensivas definidas a partir do posicionamento coletivo ou individual do bloqueio, com os jogadores da defesa se colocando em posições pré-determinadas taticamente, em espaços específicos, que o bloqueio não cobriu propositalmente, com o objetivo de induzir um ataque adversário.

Para o melhor aproveitamento das potencialidades técnicas individuais dos atletas nos sistemas de defesa, as equipes realizam trocas entre os jogadores, a fim colocá-los nas posições onde são especialistas. Tais trocas são realizadas tanto nas posições de ataque, com o objetivo de melhorar a qualidade do bloqueio, e da defesa, para posicionar os jogadores nos locais onde os mesmos são mais eficientes.

No ataque, os bloqueadores passam a atuar somente nas posições de sua especialidade, como bloqueadores de meio, entrada ou saída. Já, na defesa, os jogadores se adaptam de acordo com a estratégia tática da equipe e suas características individuais.

Segundo o treinador assistente, nos sistemas defensivos adotados na Seleção Brasileira, existem permanentemente trocas entre os atletas, a fim de adequá-los às suas posições de especialidade, assim:

o líbero, não a todo momento, mas na maioria das vezes defende na posição cinco, uma posição que há uma incidência grande de ataque por parte do adversário. Os outros jogadores são treinados para defender nas posições que atuam na quadra, ou seja, o oposto normalmente defende na posição um, até para favorecer o contra-ataque e o ponteiro normalmente defende na posição seis, porque ele participa também do contra-ataque pelo fundo. (Antônio Cláudio de Resende, abril 2003)

Essa estratégia tática utilizada nos sistemas de defesa comprova que a categoria infanto-juvenil já assimilou completamente os recursos táticos mais complexos utilizados no voleibol moderno. Verificou-se que o líbero é um reforço constante no sistema defensivo, atuando constantemente na posição cinco, onde, segundo o treinador principal da Seleção Brasileira, “é um local que existe muita incidência de ataques adversários”. (Percy Oncken, abril 2003)

Além disso, também ficou constatado que existe uma relação tática de posicionamento entre o bloqueio e a defesa, o que certamente melhora consideravelmente a eficiência do sistema defensivo coletivo da equipe.

Os anexos quatro (pg 149) e cinco (pg 150) apresentam o posicionamento defensivo padrão da equipe, com bloqueio simples, duplo e triplo, a partir de ataques realizados pelo adversário nas três posições de ataque. Entretanto, segundo o próprio técnico da Seleção Brasileira, tal posicionamento é apenas um referencial inicial, existindo inúmeras variações, de acordo com cada adversário e situação de jogo.

4.4.5 – O sistema de proteção ao ataque

Os sistemas de proteção ao ataque no voleibol caracterizam-se pelo posicionamento dos jogadores em quadra, no momento da realização do ataque da equipe, com o objetivo de recuperar eventuais ataques bloqueados pelo adversário. Apresentam dificuldades de execução, uma vez que a variação de

ataque e a movimentação permanente dos jogadores, impedem um posicionamento regular dos atletas.

Pode-se considerar a proteção ao ataque como uma formação defensiva, uma vez que o bloqueio do adversário deve ser entendido como um primeiro ataque. Neste sentido, a proteção ao ataque, segundo Bizzocchi (2000), também constitui na “maneira de uma equipe organizar-se para neutralizar as ações ofensivas adversárias” (p.152).

Teoricamente, as proteções de ataque devem ser executadas pelos atletas que não estejam participando diretamente das jogadas ofensivas da equipe, quer atacando, levantando ou realizando fintas de ataque, o que impede seu posicionamento no momento do bloqueio adversário. A única exceção possível seria com relação ao levantador, que pode participar da proteção ao ataque nos levantamentos de bolas altas e ou de fora da rede, o que lhe permite se deslocar até o local de realização do ataque.

Além disso, existem outras dificuldades que impedem a perfeita realização dessas proteções de ataque, como um passe ruim e uma defesa defeituosa, que tira vários jogadores de suas posições táticas ideais. Barros Jr (1979) define a proteção ao ataque como direta, quando é realizada próximo ao atacante, ou indireta, quando o atleta se coloca mais distante, visando cobrir o fundo da quadra.

Para a realização de uma proteção ao ataque eficiente, deve-se considerar a necessidade de cobertura de todo espaço existente na quadra de voleibol, que tem a medida de oitenta e um metros quadrados. Taticamente, esta proteção deve ser realizada a partir de duas ou três linhas de jogadores, que se posicionam próximos ao atacante, onde cada linha de defensores tem a obrigação de cobrir determinado espaço da quadra.

Segundo o treinador principal, a proteção ao ataque na Seleção Brasileira é realizada como nas demais equipes competitivas, através do posicionamento dos jogadores que não estejam participando das ações de ataque e levantamento. Entretanto, o treinador principal da equipe brasileira entende que existem muitas dificuldades para a perfeita execução dessas proteções, principalmente nas bolas rápidas, onde

não é tão fácil você fazer essa proteção ao ataque do jeito que a gente vê na literatura, porque a velocidade do jogo é muito maior do que a movimentação dos jogadores. E a outra dificuldade que eu também acho, é que quando existe o ataque e o contra-ataque pelo jogador da posição seis, normalmente é um ponta que defende a posição seis, ele participa da preparação do ataque, isso não quer dizer que ele vá receber bola. E a partir dessa partida para a bola, ele tem que mudar a direção e ajudar da alguma forma na proteção. A forma com que a equipe vai se estruturar na proteção ao ataque, foi mais bem trabalhado na terceira fase, onde a gente definiu realmente como a equipe atuou em todos os aspectos táticos: recepção, defesa, apoio ao ataque as suas variações. (Percy Oncken, abril 2003)

Realmente o apoio ao ataque geralmente apresenta características de improvisação, tendo em vista a velocidade em que a mesma é realizada e a bola retorna, uma vez bloqueada. O fundamental, segundo o treinador principal, é que exista conscientização por parte dos atletas no sentido do posicionamento possível no momento do ataque da equipe,

sempre haverá, em qualquer situação de ataque pelas pontas e pelo fundo, um jogador numa proteção imediata, salvo aquelas situações em que não há possibilidade de ataque de primeira bola, então nessa situação, teremos mais de um jogador. Também foi estabelecido que, independentemente da situação de jogo, todos tem que contribuir de alguma forma para o bom andamento a essa proteção, mesmo sendo à distância. Todos participam de alguma forma. (Percy Oncken, abril 2003).

Deve-se entender que, devido à variabilidade e complexidade de cada *rally*, é importante que os jogadores mais próximos ao ataque se posicionem logo abaixo do mesmo. Os demais atletas, na medida do possível, devem colocar-se, também, em condições de contribuir com a defesa, independente, da função ou local em que estejam.

No voleibol moderno, a proteção ao ataque é um dos principais componentes dos sistemas táticos defensivos a serem desenvolvidas com eficiência pelas equipes, devido à força do bloqueio e do saque adversário, que dificultam sobremaneira a armação e a conclusão das jogadas de ataque. O anexo seis (pg 151), apresenta o posicionamento ideal dos jogadores na proteção ao ataque, nas três posições de ataque, de acordo com a concepção adotada na equipe brasileira.

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES

Nesse capítulo são apresentadas as conclusões sobre a pesquisa realizada com o treinador principal da Seleção Brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil e sua comissão técnica. Além disso, são apresentadas algumas sugestões que poderão contribuir para o aprimoramento do processo de preparação da referida seleção e da prática pedagógica deste treinador e de sua respectiva equipe técnica.

O presente estudo procurou identificar a concepção metodológica que norteia a prática pedagógica do atual treinador principal, as principais metodologias de ensino utilizadas, os sistemas táticos implantados, a adaptação da comissão técnica ao novo regulamento e a relação treinador x atletas. Neste sentido, a relevância dessa pesquisa ficou evidente, tendo em vista o novo contexto técnico-tático que o atual voleibol competitivo atravessa.

A biografia do treinador principal indica que teve uma formação profissional muito influenciada pela experiência como atleta de voleibol e pela formação inicial em Educação Física, ocorrida no início da década de oitenta. Além disso, a trajetória de vinte e três anos como treinador de voleibol e de treze anos como treinador da Seleção Brasileira infanto-juvenil, o transformaram em profundo conhecedor da prática pedagógica e das atuais metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol.

Inicialmente, considerando os resultados obtidos pela equipe no Campeonato Mundial, a pesquisa apontou que o processo de preparação da Seleção Brasileira foi realizado com competência pela Confederação Brasileira de

Voleibol (CBV), através da comissão técnica. Verificou-se a existência de uma periodização correta dos treinamentos, uma seleção criteriosa dos atletas e estruturação eficiente dos treinamentos.

O eficiente processo de preparação foi realizado através de um trabalho integrado da comissão técnica, definida como uma prática interdisciplinar. Tal prática foi desenvolvida com a participação de todos os membros da comissão técnica no processo de planejamento, através de uma divisão de funções e responsabilidades, sempre sob a supervisão direta do treinador principal.

A seleção de atletas foi o ponto de partida para o sucesso da equipe, sendo realizada a partir de diferentes indicadores de rendimento, e principalmente, seguindo padrões internacionais. O critério de seleção adotado pela comissão técnica utilizou as principais competições nacionais da categoria para escolher os vinte e dois atletas, além de aceitar indicações dos principais treinadores que trabalham com a categoria.

A periodização dos treinamentos foi realizada tendo como objetivo central, a participação no Campeonato Mundial da Juventude. Neste sentido, o planejamento foi dividido em três períodos, sendo: período de preparação, período de competição e período de transição, onde cada período tinha um objetivo específico a ser atingido.

Sob o ponto de vista das concepções metodológicas, verificou-se que o treinador principal e sua comissão técnica utilizaram permanentemente em sua prática pedagógica as metodologias analíticas, sintéticas e mistas. Além dessas, também foram implementadas outras estratégias metodológicas de ensino, como a estruturalista, a dinâmica e a progressiva, sempre desenvolvidas a partir de correções e orientações permanentes, através de métodos demonstrativos e explicativos.

A pesquisa apontou que a prática pedagógica do treinador principal foi fortemente influenciada por concepções metodológicas tecnicistas, desenvolvimentistas e sistêmicas, tendo em vista sua formação profissional e a experiência anterior como atleta e treinador de voleibol. Além disso, verificou-se que as modificações implantadas no regulamento do voleibol também contribuíram com o aperfeiçoamento de sua prática educativa, influenciando no desenvolvimento dos treinamentos técnico-táticos.

Neste novo contexto metodológico, verificou-se que a carga de trabalho técnico-tático passou a ser mais qualificada, ocorrendo uma valorização do trabalho técnico de alguns fundamentos até então pouco valorizados, como a defesa, o bloqueio e o saque.

O trabalho de estabilização, correção e aperfeiçoamento técnico-tático sempre foi realizado através de uma seqüência pedagógica, com a participação permanente dos atletas e sempre se pautando pela busca da excelência técnica e tática. Neste processo, ficou evidente a preocupação por parte da comissão técnica, em desenvolver os treinamentos técnico-táticos sempre com correções permanentes.

Verificou-se que foram utilizadas poucas variações nas atividades técnico-táticas, apesar da complexidade ter sido aumentada de acordo com o desenvolvimento de cada fase. Além disso, a comissão técnica individualizou o trabalho de correção, reforço e aperfeiçoamento técnico, através de um trabalho paralelo, definido como “escolinha”.

Esse reforço técnico foi realizado diariamente, sempre em horários específicos e à parte do grupo, somente para aqueles atletas que apresentassem dificuldades técnicas em determinado fundamento. A duração média de cada sessão suplementar variava de acordo com cada fundamento, mas não ultrapassava a média de uma hora.

A pesquisa, igualmente, indicou que a relação do treinador principal e sua comissão técnica com os atletas foi harmoniosa e respeitosa, demonstrando a existência de muita amizade e união entre todos. Em nenhum momento foi observada qualquer atitude negativa ou de confronto entre a comissão técnica e os atletas, bem como entre os próprios atletas, comprovando a busca de um ideal maior pelo grupo, que foi a conquista do título mundial na categoria.

Ficou comprovado o comando e a liderança inquestionável do treinador principal sobre os demais integrantes da comissão técnica e os atletas, através de uma conduta séria, profissional e respeitosa.

A concepção tática coletiva ofensiva e defensiva adotada na Seleção Brasileira masculina infante-juvenil acompanhou o processo de especialização técnico-tática existente na modalidade, demonstrando uma completa adaptação dos atletas aos complexos sistemas táticos implantados.

Na concepção tática ofensiva, verificou-se que o sistema de jogo utilizado pela Seleção Brasileira foi o 5 x 1, que utiliza cinco atacantes e um único levantador. Tal sistema tático apresenta características específicas, como as trocas complexas e uma completa especialização de funções dos jogadores.

O sistema de jogo adotado utilizou jogadores especialistas em todas as funções táticas de ataque, bloqueio, passe, defesa e levantamento. Os atacantes de entrada também exerceram a função de passadores especialistas, sendo responsáveis pela recepção do saque, juntamente com o líbero.

O sistema de ataque utilizado pela Seleção Brasileira apresentou características bastante ofensivas, através dos atacantes especialistas e a realização eficiente de diferentes jogadas de ataque. Dentre essas jogadas, verificou-se a utilização constante *da between*, do degrau e da desmico, além dos ataques rápidos e do fundo da quadra.

O sistema de recepção de saque foi o que mais se adaptou à inovação das regras do esporte, através da especialização dos jogadores responsáveis para tal função. A equipe brasileira utilizou constantemente dois ou três jogadores passadores especialistas, de acordo com o tipo de saque utilizado pelo adversário.

Ficou constatado que a recepção de saque sempre foi realizada pelos atacantes de entrada e pelo líbero, que a todo o momento entrava no lugar do atacante de meio posicionado na defesa. Os sistemas defensivos empregados na equipe variavam de acordo com o potencial de ataque adversário e a situação de cada jogo.

Assim, verificou-se a adoção de um posicionamento padrão de defesa, que sempre utilizava o jogador da posição seis jogando recuado, ou seja, defendendo o fundo da quadra. A partir deste posicionamento padrão, existiram determinadas variações de posicionamento dos atletas, de acordo com a posição do levantador, o número de bloqueadores e as variações de ataque adversário.

A pesquisa também apontou que o sistema de proteção ao ataque utilizado na Seleção Brasileira não seguiu padrões rígidos, tendo em vista a dificuldade de posicionamento dos atletas. Entretanto, verificou-se que a proteção ao ataque foi realizada a partir de uma cobertura imediata, executada pelo atleta posicionado

mais próximo ao ataque, e pelos demais atletas da equipe que não estivessem participando das ações de ataque.

Também ficou comprovado que a comissão técnica utilizou-se constantemente dos sistemas de análise de desempenho para a definição das estratégias de treinamento e dos sistemas táticos da equipe. Através destes sistemas, havia uma avaliação permanente da produtividade técnico-tática dos atletas e da eficiência dos sistemas táticos ofensivos e defensivos da equipe, além do monitoramento constante de todas as ações dos adversários.

Finalmente, pode-se concluir que a presente pesquisa pode contribuir para a evolução e o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol competitivo, notadamente na categoria infanto-juvenil. Através dessa investigação, os treinadores que trabalham com a formação de atletas nesta categoria, terão acesso às principais metodologias de treinamento e estratégias táticas utilizadas pela equipe hexa-campeã mundial.

Os resultados alcançados na última década pelas equipes comandadas pela atual comissão técnica da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil, liderada pelo Prof. Percy Oncken, comprovam que o modelo de treinamento e de jogo adotado é eficiente e revolucionário. Isso ficou evidente não só pelas conquistas internacionais, mais também pela grande quantidade de atletas revelados para os clubes nacionais e demais Seleções Brasileiras.

Nesse sentido, é importante que exista um melhor aproveitamento por parte de treinadores que trabalham com o ensino do voleibol, de todas as informações técnicas analisadas neste trabalho, tendo em vista trata-se de uma equipe hexa-campeã mundial, em um esporte muito competitivo. Além disso, a categoria infanto-juvenil trabalha com atletas que ainda estão em formação física, motora, afetiva e emocional, o que torna o presente estudo ainda mais relevante.

A concepção metodológica adotada e a forma como a equipe se adaptou aos complexos sistemas táticos, podem constituir-se em um grande referencial teórico para os treinadores que trabalham com as categorias menores, inclusive em outras modalidades coletivas. Além disso, a forma como se desenvolveu o eficiente e vitorioso processo de preparação da equipe, deve ser utilizado como um importante e valioso instrumento para a preparação de futuras gerações de campeões, principalmente, de voleibol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelino, J. (2000). O treino da técnica nos jogos desportivos. In: Garganta, J. (Ed) **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Converge Artes gráficas.
- Afonso, C. Alberto (2001). **O Conhecimento do Treinador a respeito das metodologias de ensino e do treino do voleibol na formação**. (Tese de doutorado – Faculdade de ciências do Desporto e de Educação Física) Universidade do Porto. Porto.
- Araújo, J. B. (1994). **Voleibol Moderno, sistemas defensivos**. Rio de Janeiro: Palestra.
- Azevedo, E. & Shigunov, V. (2001). Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física. In: Shigunov, V. & Shigunov Neto, A. (Orgs). **A Formação Profissional e a Prática Pedagógica**. Londrina: Midiograf.
- Barros Jr., A. B. J. (1979). **Voleibol**. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
- Barros, A. J. P. & Lehfeld, N. A. de S. (1999) **Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Bastos, L. R., Paixão, L., Fernandes, L. M. & Luiz, N. (2001). **Manual para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Bizzocchi, C. (2000). **O Voleibol de Alto Nível, da iniciação à competição**. São Paulo: Fazendo Arte.
- Borsari, J. R. & Facca, F. B. (1974). **Manual de Educação Física**. São Paulo: EPU
- Borsari, J. R. & Silva, J. B. (1974). **Manual de Educação Física Basquete – Voleibol**. São Paulo: Ed. Pedagógica e universitária.

- _____ (1975). **Voleibol: fundamentos, aulas, circuitos, exercícios e adaptações**. São Paulo: Esporte Educação.
- Borsari, J. R. (1989). **Volibol: aprendizagem e treinamento: um desafio constante**. São Paulo: EPU.
- Bota, I. & Colibaba-Evulet (2001). **Jogos desportivos colectivos teoria e metodologia**. Lisboa: Stória.
- Canfield, J. & Reis, C. (1998). **Aprendizagem motora no Voleibol**. Santa Maria: Pallotti.
- Carneleço, M. A. (s/d). **Manual de volibol**. Araçatuba: Leme.
- Carvalho, O. M. (1980). **Caderno técnico-didático do voleibol moderno**. Ministério Educação e Cultura. Secretaria de Educação física, Brasília: MEC.
- Confederação Brasileira de Voleibol (s/d). **Manual do treinador**. Rio de Janeiro: Palestra.
- _____ (2001). **Regras Oficiais de voleibol**. COBRAV (2001 – 2004).
- Daiuto, M. (1967). **Volibol**. São Paulo: Cia. Brasil.
- _____ (1974). **Basquetebol: metodologia de ensino**. São Paulo: Companhia Brasil.
- Dantas, E. H. (1998) **A prática da preparação física**. Rio de Janeiro: Shape
- Daólio, J. (2002). **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 10(4), 99-103.
- Demo, P. (1993). **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes.

- Dencker, A de F. M. & Da Viá, S. C. (2001) **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura.
- Dietrich, K.; Dürrwachter, G. & Dchaller, H. J. (1984). **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico
- Durrwachter, G. (1974). **Voleibol: aprender jogando – praticar jogando**. Madrid: Duncel
- _____. (1984). **Voleibol: treinar jogando**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Eras, L. C. (1973). **Voleibol femenino**, volume 1. Madrid: Editorial Almena.
- Farias, G. O., Shigunov, V. & Nascimento, J. V. (2001). Formação e desenvolvimento profissional de professores de Educação Física. In: Shigunov, V. & Shigunov Neto, A. (Orgs). **A Formação Profissional e a Prática Pedagógica**. Londrina: Midiograf.
- Fazenda, I. C. A. Coord. (1993). **Práticas interdisciplinares**. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- Filin, V. P. (1996). **Desporto Juvenil: Teoria e Metodologia**. Londrina: CID.
- Fraschino, J. (s/d). **Voleibol, o jogador, a equipe**. 2ª ed. São Paulo: Hemus.
- Frohner, B., Radde, K. & Doring, F. (1983). **Escola de voleibol. Para apoio as aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
- Garganta, J. (1998). Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: Graça, A. & Oliveira, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Rainho & Neves Ltda.
- Gaya, A., Torres, L., & Balbinotti, C. (2002). Iniciação esportiva e Educação Física escolar. In: Silva, F. M. (Org). **Treinamento desportivo, aplicações e implicações**. João Pessoa: Editora universitária/ UFPB.
- Greco, P. J. & Benda, R. N. (Orgs) (2001) **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: EdUFMG

- Greco, P. J. (1997). Sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento tático nos jogos esportivos coletivos. In: Greco, P. J., Samulski, D. M., Garcia, E. S. & Szmuchowski, I. **Temas Atuais em Educação Física e Esportes II**. Belo Horizonte: Health.
- _____ (2001). Métodos de Ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: Garcia, E. S. & Lemos, K. L. M. (Orgs). **Temas Atuais em Educação Física e Esportes vi**. Belo Horizonte: Health.
- Gladman, G. (1974). **Voleibol** – 4ª ed. Barcelona: Sintes.
- Guilherme, A. (1979). **Voleibol à beira da quadra**. 3ª. ed. São Paulo: cia Brasil
- Godoy, A. S. (1995). **A pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun.
- Konrad, L. M.; Nascimento, J. V.; & Barros, M. V. G. (2002). Avaliação dos indicadores de seleção dos jogadores de voleibol de alto nível: o caso da superliga de 2000/2001. In Sonoo, C. N. et al (org). **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. Maringá: Editora da UEM.
- Kunz, E. (2001). **Transformação didático-pedagógica do esporte**, 4ª ed. Ijuí: Unijuí.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U.
- Macgregor, B. (1977). **O voleibol**. [S.I.]: Gráfica Europam.
- Marchi, W. J. (2001). **“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Tese de doutorado – Universidade de Campinas, SP.
- Meinberg, E. (2002). Alguns Princípios fundamentais da ação do treinador. In Silva, F. M. (Org). **Treinamento desportivo, aplicações e implicações**. João Pessoa, PB: Editora universitária/ UFPB.
- Mesquita, I. (1991) A importância da análise do processo de treino em voleibol. in: Bento, J. & Marques, A. **As ciências do desporto e a prática desportiva** – vol 2. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto
- Mesquita, I. (2000). Modelação no Treino das Habilidades Técnicas nos Jogos Desportivos. In: Garganta, J. (Ed.). **Horizonte e Órbitas no Treino dos Jogos Desportivos**. Porto: Converge Artes Gráficas.

- Moutinho, C. A. (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos colectivos: o exemplo do voleibol. In: Bento, J. & Marques, A. **As Ciências do Desporto e a prática desportiva**. vol. 2. Faculdade de ciências de desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.
- Munhoz, D. E. N. (1996). **Trabalho interdisciplinar: realidade e utopia**. Revista Serviço Social & Sociedade, nº 51, ano XVII, agosto 1996. São Paulo: Cortez.
- Nascimento, J. V. & Barbosa, G. B. (2000). **Estruturação das sessões técnico-táticas no voleibol infanto-juvenil e juvenil feminino: um estudo de caso**. Anais do XIX Simpósio Nacional de Educação Física, Pelotas.
- Odeneal, W. T. & Kellam, M. F. (1971). **Voleibol**. México: Editores Associados.
- Paula, P. F. A. de, Greco, P. J. & Souza, P. R. C. (2000). Tática e Processos Cognitivos Subjacentes à Tomada de Decisão nos Jogos Esportivos Coletivos. In: Garcia, E. S. & Lemos, K. L. M. (Orgs.). **Temas atuais em Educação Física e Esportes V**. Belo Horizonte: Health.
- Rocheffort, R. S. (1998). **Voleibol: das questões pedagógicas... a técnica e tática do jogo**. Pelotas: Ed. Universitária.
- Rodrigues, J. (1997). **Os Treinadores de sucesso**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Clássica.
- Saad, M. A. (2002). **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. (Dissertação de mestrado em Educação Física) – UFSC, Florianópolis.
- Shigunov, V. & Pereira, V. R. (1993). **Pedagogia da Educação Física**. São Paulo: IBRASA.
- Shigunov, V. & Shigunov, A. N. (Orgs) (2001). **A formação profissional e a prática pedagógica**. Londrina: Midiograf.
-
- _____ (2002). Educação Física, **conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Mediação.
- Shigunov, V. (1998). **O perfil de atuação dos técnicos esportivos: percepção da importância das ações pedagógicas**. Revista Treinamento Esportivo, vol 3, nº 01. Londrina: midiograf.

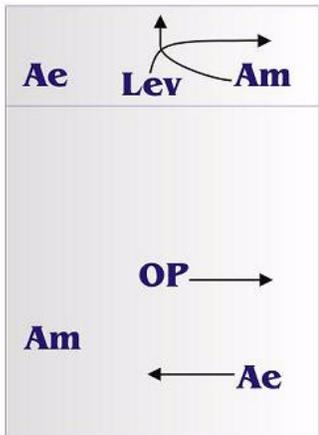
- Suvorov, Y. P. & Grishin, O. N. (1990a). **Voleibol iniciação**: iniciação. Volume 1. Rio de Janeiro: Sprint.
- _____ (1990b). **Voleibol iniciação**: iniciação. Volume 2. Rio de Janeiro: Sprint.
- Tani, G. (2002). Iniciação esportiva e influências do esporte moderno. In: Silva, F. M. (Org). **Treinamento Desportivo, aplicações e implicações**. João Pessoa: Editora universitária/ UFPB.
- Tavares, J. (1997). A formação como construção do conhecimento científico e pedagógico. In: Idália, S. C. (org). **Percursos de formação e desenvolvimento profissional**. Portugal: Porto.
- Thomas, J. R. & Nelson, J. K. (2002). **Métodos de pesquisa em Atividade Física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Triviños, A. N. S.(1987). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas.
- Tubino, M. J. G. (1984). **Metodologia científica do treinamento desportivo**. 11ª ed. São Paulo: IBRASA.
- Vasconcellos, C. S. (1993). **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad.
- Wallechinski, D. (1996). **Summer Olympics. The complete book of the sports illustrated presents**. Lithe, Brown & company.
- Weineck, J. (1986). **Manual de treinamento esportivo**, 2ª ed. São Paulo: Manole.
- _____ (1999) **Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. São Paulo: Manole.
- Zakharov, A. (1992). **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Palestra Sport

ANEXOS

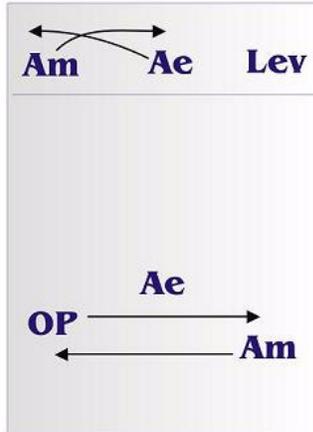
Anexo 1: Posicionamento e as trocas da equipe nas seis passagens da rede

SISTEMA DE JOGO 5x1

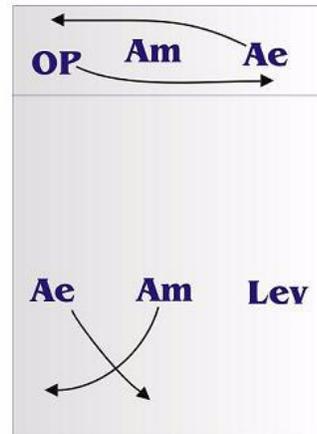
1ª Passagem



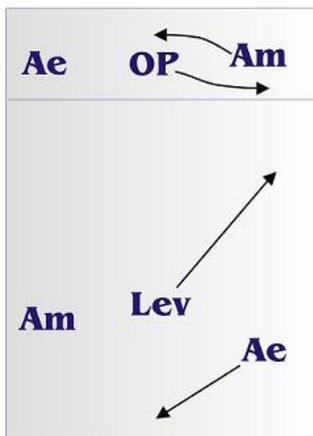
2ª Passagem



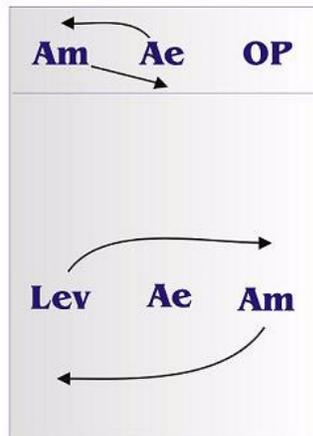
3ª Passagem



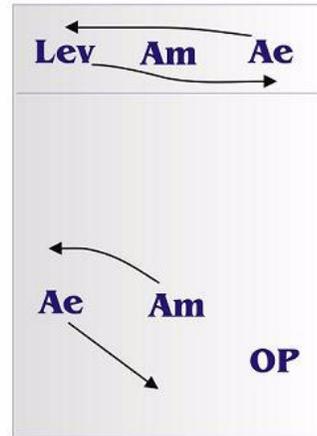
4ª Passagem



5ª Passagem

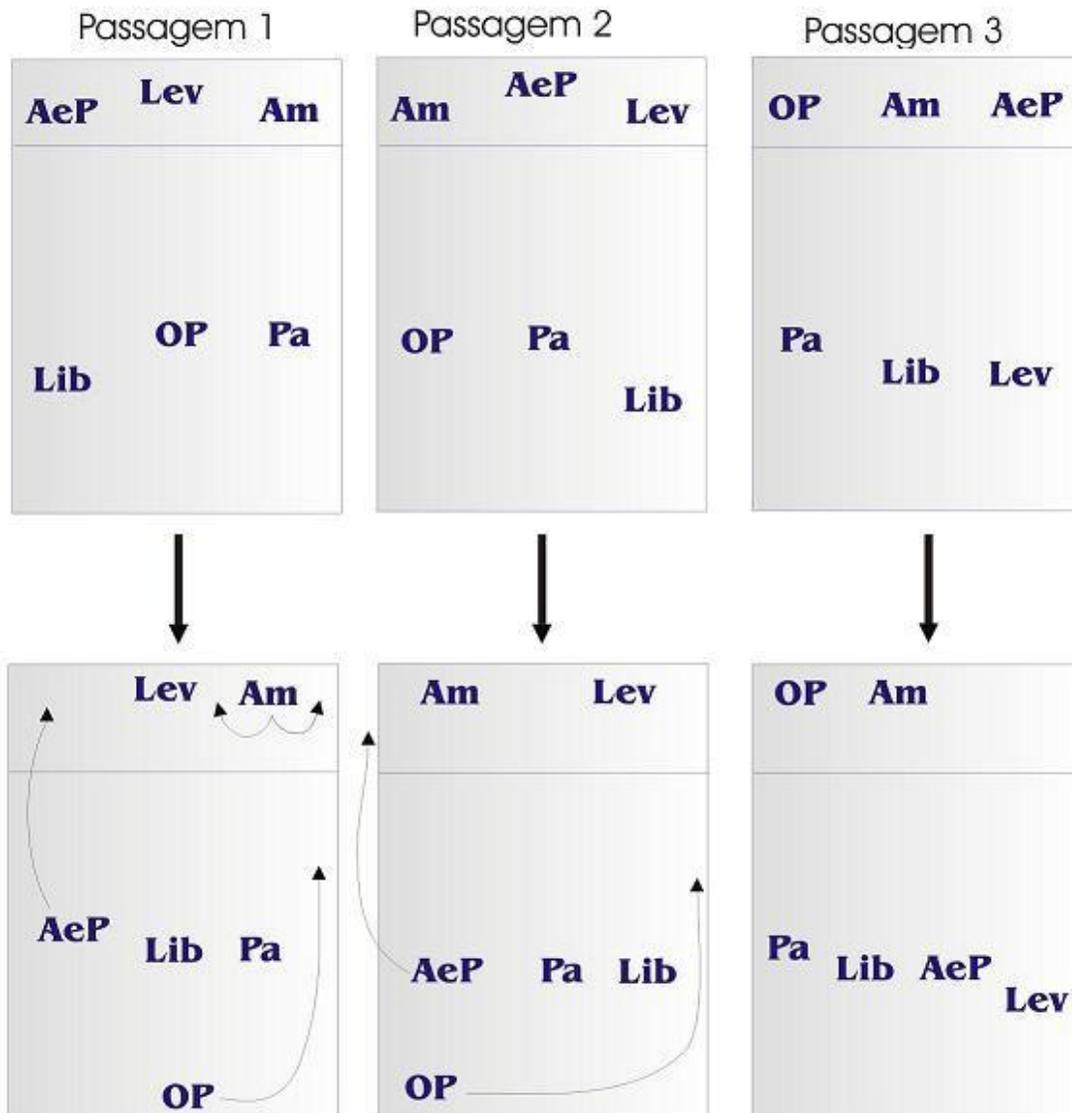


6ª Passagem



Anexo 2: Recepção com três jogadores

SISTEMA DE RECEPÇÃO DE SAQUE COM 3 JOGADORES



AeP: Atacante de Entrada Passador **Lib: Líbero**

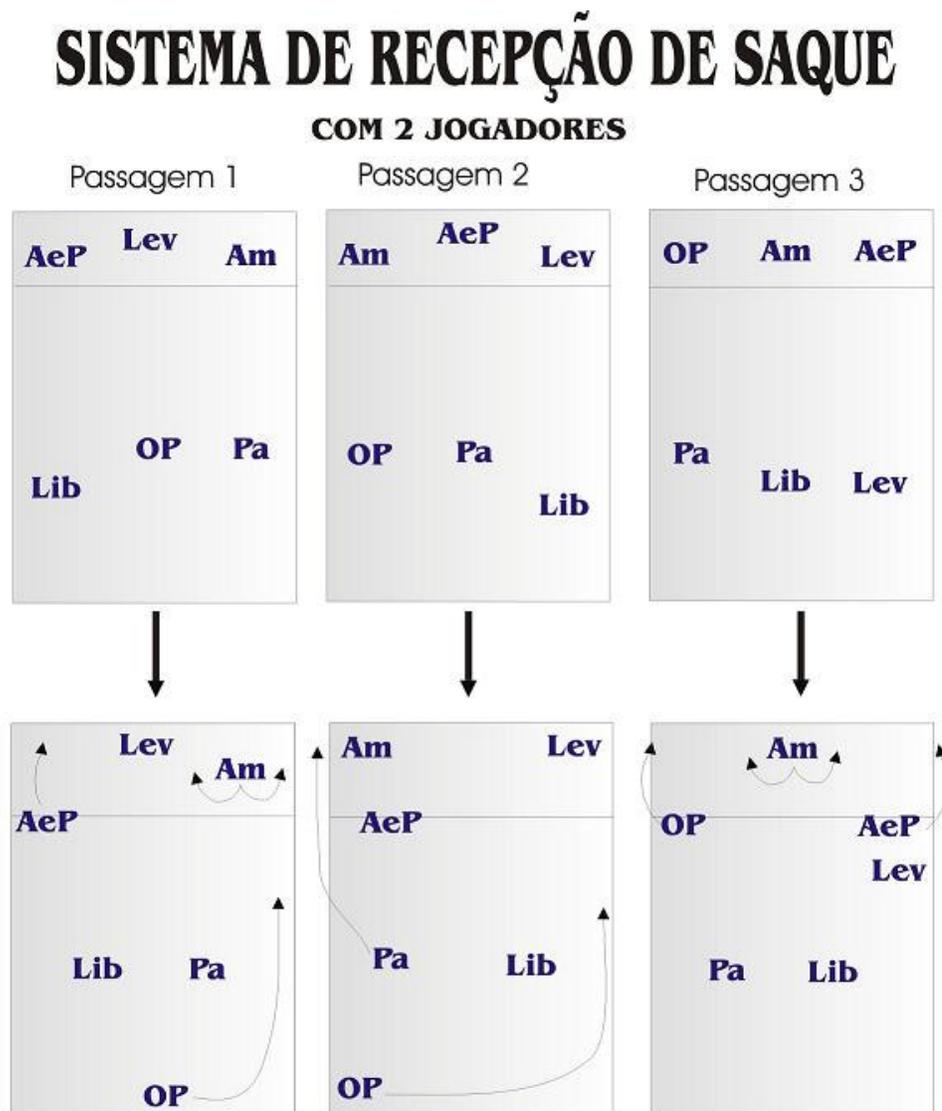
Lev: Levantador

OP: Atacante Oposto

Am: Atacante de Meio

Pa: Defensor Passador

Anexo 3: Recepção de saque com dois jogadores



AeP: Atacante de Entrada Passador **Lib:** Líbero

Lev: Levantador

OP: Atacante Oposto

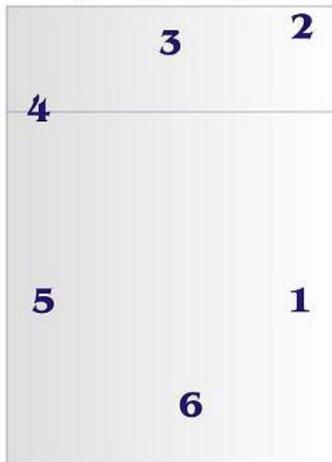
Am: Atacante de Meio

Pa: Defensor Passador

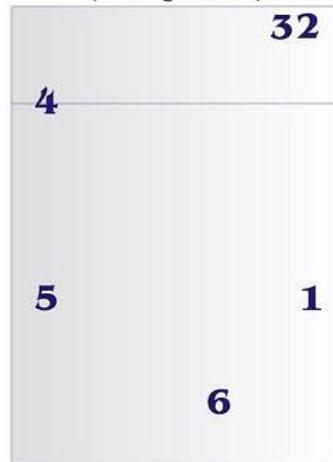
Anexo 4: sistema de defesa com ataque a partir das posições 2 e 4

SISTEMA DE DEFESA

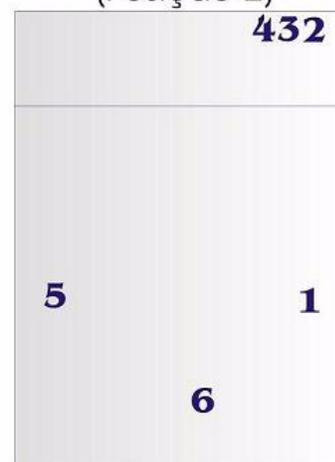
Bloqueio Simples
Saída de Rede
(Posição 2)



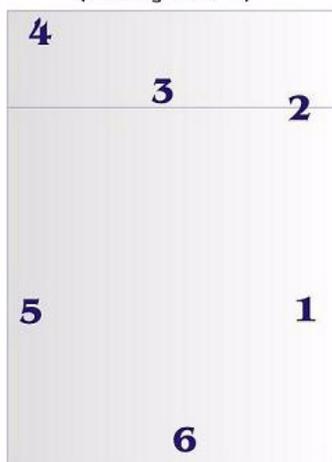
Bloqueio Duplo
Saída de Rede
(Posição 2)



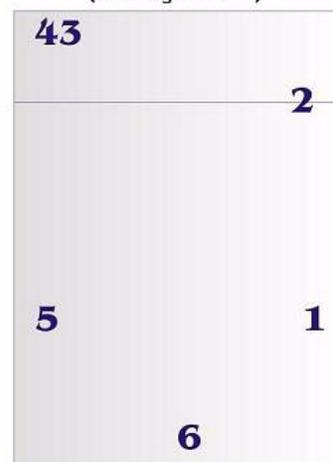
Bloqueio Triplo
Saída de Rede
(Posição 2)



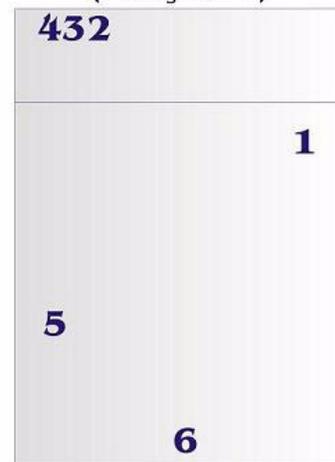
Bloqueio Simples
Entrada de Rede
(Posição 4)



Bloqueio Duplo
Entrada de Rede
(Posição 4)



Bloqueio Triplo
Entrada de Rede
(Posição 4)



Anexo 5: Sistema de defesa com ataque a partir da posição 3

SISTEMA DE DEFESA

Bloqueio Simples
Meio de Rede
(Posição 3)

4	3	2
5		1
	6	

Bloqueio Duplo
Meio de Rede
(Posição 3)

43		
		2
5		1
	6	

Bloqueio Triplo
Meio de Rede
(Posição 3)

432		
		1
5		
	6	

Anexo 6: Proteção ao ataque

SISTEMA DE PROTEÇÃO AO ATAQUE



Anexo 7: Foto da Seleção Brasileira masculina infanto-juvenil



Anexo 8: entrevista com Eduardo Vidotti (fisioterapeuta)

Por que existe esse revezamento entre você e o Klessius na comissão técnica?

Qual é a atribuição do fisioterapeuta dentro da comissão técnica?

Na etapa de Belo Horizonte, a principal tarefa do fisioterapeuta foi o de receber os atletas, verificar como os mesmos chegam na seleção, dentro desse linha preventiva e curativa. E aqui na etapa de Poços de Caldas, qual seria seu primeiro papel?

Qual é o principal objetivo do trabalho propiceptivo que vocês realizam?

Esse trabalho propiceptivo é realizado em todas as etapas?

A forma de trabalho de vocês não se altera até a competição?

Com sua experiência na referida categoria, considerando que você trabalha na seleção desde 97, você tem algumas lesões específicas de acordo com a função dos atletas, que já estão de certa forma especializados?

Qual é a integração existente no trabalho do fisioterapeuta, do médico e do preparador físico?

O fisioterapeuta participa da interpretação dos testes realizados pelos atletas e da definição dos cortes dos atletas?

Qual é a principal contribuição desse trabalho integrado (médico, fisioterapia e preparação física) na prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira?

Com as alterações ocorridas no regulamento do voleibol nos últimos anos, você observou alguma modificação significativa com relação às lesões?

Essas alterações modificaram a prática pedagógica do treinador, diminuindo o volume dos treinos e aumentando a intensidade. É isso?

Em relação a categoria infanto-juvenil, o que você poderia sugerir aos treinadores com relação aos cuidados que devem ter com relação à prevenções de lesões?

E com relação a uma prática pedagógica que tenha como um dos pontos centrais, a prevenção das lesões?

Nas Seleções Brasileiras juvenil e adulta, já apareceram atletas com lesões crônicas proveniente da categoria infanto-juvenil?

Vocês já verificaram alguns atletas que sempre se machucam nos momentos decisivos? Vocês utilizam estratégias de efeito “placebo” no tratamento dos atletas da Seleção Brasileira?

Anexo 9: entrevista com Flávio Márcio Marinho (auxiliar técnico)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira?

O trabalho específico que você realiza com os levantadores da Seleção Brasileira se modifica em cada período de treinamento?

O trabalho específico com os levantadores é sempre realizado separadamente do grupo?

Esse trabalho específico paralelo com os levantadores continua até a competição?

Aqui em Poços de Caldas já começa o trabalho específico de distribuição de bolas, jogadas pré-combinadas, sistemas táticos?

Nos jogos amistosos realizados até agora, eu reparei que ainda não existe uma grande variação na distribuição de bolas por parte dos levantadores. Isso se deve pelo período de treinamento?

Considerando que você faz parte da comissão técnica da Seleção Brasileira desde 2000, o que você percebeu de alteração na prática pedagógica do prof. Percy com relação à evolução técnica e tática do voleibol e com relação às mudanças nas regras?

Você sentiu que a categoria infanto-juvenil ficou mais especializada?

Como você sentiu a evolução dos treinamentos da seleção, com essas alterações nas regras? O que se modificou? Você acha que os treinos ficaram mais específicos?

Você acredita que os técnicos que trabalham com a categoria infanto-juvenil podem seguir o mesmo processo (modelo) técnico e tático utilizado pela Seleção Brasileira?

Anexo 10: entrevista com Cléssius Ferreira Santos (fisioterapeuta)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira?

Qual é o primeiro papel de fisioterapeuta ao receber os atletas de seus clubes?

De acordo com sua experiência na Seleção Brasileira, você chegou a identificar algumas lesões específicas, de acordo com a posição e função que o jogador ocupa?

Existe um trabalho integrado entre o preparador físico, o fisioterapeuta e o médico?

Qual é a influencia deste trabalho interdisciplinar na prática pedagógica do técnico?

Vocês utilizam recursos de multimídia, de biomecânica para melhorar o rendimento técnico dos atletas?

As alterações ocorridas no regulamento do voleibol modificaram de alguma forma o nível das lesões e por consequência o trabalho do fisioterapeuta?

E essa alteração das regras influenciou de alguma maneira na prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira? O que mudou nessa prática de três anos para cá?

Diminuiu em volume e aumentou em intensidade do treinamento?

E diminuiu o número de repetições também?

E como é a avaliação para se verificar se o objetivo técnico foi atingido?

O que você poderia sugerir aos treinadores das categorias menores com relação ao ensino-aprendizagem do voleibol com a saúde e o bem estar do aluno? Que tipo de treino? Que tipo de iniciação para se diminuir a quantidade de lesões e aumentar a vida útil?

Existe alguma relação entre as lesões adquiridas na categoria infanto-juvenil com as lesões adquiridas a partir da categoria juvenil?

Quais foram os testes realizados nesta fase preparatória?

Fora isso o CENESP da UFMG realizou quais testes?

Anexo 11: entrevista com Sérgio Augusto Camporani de Azevedo (médico)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira?

O processo de evolução técnica que ocorreu na categoria infanto-juvenil ocasionou algum aumento de lesões nos atletas?

Como deve ser desenvolvida a prática pedagógica do treinador da categoria infanto-juvenil com relação à prevenção de lesões?

Com as alterações promovidas nas regras do voleibol, o que ocorreu com as lesões na modalidade?

É normal o trabalho de fortalecimento muscular por sobre carga na categoria infanto-juvenil?

Como os treinadores da categoria infanto-juvenil podem desenvolver uma prática educativa que venha de encontro às necessidades motoras dos atletas, bem como auxiliar na prevenção de lesões crônicas?

Existe alguma estratégia de utilização do efeito “placebo” por parte da comissão médica das seleções infanto-juvenil e juvenil?

Qual a relação existente entre o aparecimento de lesões e a alimentação do atleta?

Anexo 12: entrevista com Percy Oncken (técnico)

1ª parte: Belo Horizonte

Principais meios de informação sobre as alterações ocorridas no regulamento do voleibol?

Qual a sua experiência na função de treinador de voleibol?

Você exerce outra profissão?

Quais os Principais resultados alcançados no comando da Seleção Brasileira de voleibol?

Qual é a contribuição da experiência como atleta de voleibol em sua profissão de treinador?

Qual é o sistema de jogo que a Seleção Brasileira de voleibol mais utiliza?

A Seleção Brasileira utiliza trocas entre os jogadores de ataque para adequá-los às posições e funções em que são especialistas?

A seleção utiliza atacantes especialistas das posições do fundo da quadra?

A seleção utiliza fintas e jogadas combinadas de ataques com vários atacantes ao mesmo tempo?

Quantos levantadores especialistas foram convocados?

Quantos atacantes de meio foram convocados?

Quantos atacantes de entrada foram convocados/

Na convocação dos atacantes de entrada, é levado em consideração a função de passador?

Quantos atacantes opostos foram convocados?

A seleção Brasileira utiliza atacantes especialistas em mais de uma posição específica de ataque?

Algum levantador convocado exerce a função de atacante?

Qual é o sistema de recepção de saque que a Seleção Brasileira mais utiliza?

Existe alguma variação do sistema de recepção durante os jogos?

A Seleção Brasileira utiliza o jogador líbero no sistema de recepção de saque?

A Seleção Brasileira utiliza jogadores específicos (especialistas) para executar a recepção do saque, excetuando o líbero?

Você realiza treinamentos específicos para recepção de saque somente com os jogadores responsáveis por essa função ou também com os outros atletas?

O líbero da seleção atua exclusivamente nesta função?

Você realiza treinamentos exclusivos para o líbero?

Qual a sua opinião pessoal sobre os efeitos das alterações nas regras para o voleibol?

Qual é o sistema de defesa que a Seleção Brasileira utiliza?

A Seleção Brasileira utiliza bloqueadores especialistas de acordo com as posições específicas de ataque (entrada, meio e saída)?

A seleção utiliza trocas entre os jogadores para adequá-los às posições e funções de defesa onde são especialistas

Quais os tipos de bloqueio mais utilizados pela seleção, de acordo com a posição na quadra?

A Seleção Brasileira utiliza jogadores especialistas em defesa, de acordo com cada posição da quadra e o sistema de defesa adotado?

Continuação do Anexo 12: entrevista com Percy Oncken (técnico)

Você realiza treinamentos específicos para fixação e aperfeiçoamento dos sistemas de defesa da equipe?

Você acompanha jogos de voleibol transmitidos pela televisão?

Em qual veículo de comunicação você recebe maiores informações a respeito do voleibol?

Como você classifica a contribuição da mídia esportiva para a massificação do voleibol no Brasil?

Você utiliza as novidades técnicas e táticas apresentadas pelas equipes nos jogos transmitidos pela televisão na seleção?

Você se espelha nas atitudes dos técnicos que você acompanha pela televisão?

Você utiliza imagens televisivas para uma maior fixação dos sistemas táticos e dos gestos técnicos por parte de seus jogadores?

Quantos treinamentos técnico/táticos serão realizados na preparação da Seleção Brasileira?

A Seleção Brasileira realizará mais de um treinamento técnico/tático no dia?

Qual é a duração média de uma sessão de treinamento técnico/tático da seleção?

Qual é o método mais utilizado no processo de ensino-aprendizagem e aperfeiçoamento dos gestos técnicos do voleibol na Seleção Brasileira?

Dê sua opinião sobre a importância dos dois métodos no processo de ensino-aprendizagem do voleibol?

De que forma são programados os exercícios técnico-táticos que envolvem mais de um fundamento combinado?

Você realiza treinamentos específicos para algumas funções técnicas e táticas em horários separados?

No processo de ensino-aprendizagem do voleibol, você é favorável a simplificações do meio do jogo? Aos materiais auxiliares? Jogos combinados com regras especiais? Jogos coletivos? Amistosos?

Em qual etapa do processo de treinamento você divide a responsabilidade com sua comissão técnica?

Você utiliza comportamentos afetivos negativos (xingar, punir, gritar) nos treinos?

Você utiliza comportamentos afetivos positivos (elogiar, incentivar) nos treinos?

Você acha importante uma reciclagem permanente do treinador de voleibol?

Você utiliza estratégias metodológicas explicativas e demonstrativas para o aperfeiçoamento dos fundamentos e fixação dos sistemas táticos?

A Seleção Brasileira de voleibol utiliza sistemas de análise de desempenho técnico/tático para avaliar seus jogadores? De que forma?

A Seleção Brasileira de voleibol utiliza sistemas de análise de desempenho técnico/tático para avaliar seus adversários? De que forma?

A Seleção Brasileira de voleibol utiliza análise biomecânica para melhorar a eficiência técnica dos seus jogadores?

A Seleção Brasileira de voleibol utiliza filmagens em vídeo de treinos e jogos para analisar o desempenho dos atletas e a eficiência tática da equipe? De que forma?

A Seleção Brasileira de voleibol utiliza filmagem em vídeo dos jogos dos adversários para analisar as qualidades e deficiências dos mesmos? De que forma?

Em sua opinião, qual é a idade ideal para se iniciar a aprendizagem no voleibol?

Continuação do Anexo 12: entrevista com Percy Oncken (técnico)

Em sua opinião, qual é a idade ideal para se iniciar o aperfeiçoamento dos fundamentos básicos do voleibol?

Quais são os principais objetivos técnico-táticos a serem atingidos pela comissão técnica na fase preparatória de Belo Horizonte?

Quais são os principais objetivos técnico-táticos a serem atingidos pela comissão técnica na fase específica (período especial) de Poços de Caldas?

Em que momento da preparação haverá a definição dos atletas que participaram do mundial?

Em que momento da preparação haverá a definição dos sistemas de jogo, defesa e recepção?

Em que momento da preparação haverá a definição da equipe titular?

Qual sua posição pessoal sobre a melhor maneira de se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem-aperfeiçoamento do voleibol, na categoria infanto-juvenil masculino?

2ª parte – Poços de Caldas

Qual é o critério utilizado para a definição dos fundamentos a serem trabalhados nas escolinhas, bem como a duração e a relação de tempo e repetição dos educativos?

Quais os fundamentos técnicos que tem sido mais trabalhado nas escolinhas nesta Seleção Brasileira?

Esse processo de reforço técnico através das escolinhas vai até a competição?

Como você trabalha as passadas para os bloqueios de meio e laterais?

Como deve se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem do fundamento bloqueio?

Como você sugere a formação tática de bloqueio para a categoria infanto-juvenil?

Taticamente, como deve ficar a marcação do bloqueio de acordo com as posições da quadra? (comentário do entrevistador: o mais usado na categoria é duplo nas extremidades, simples ou duplo no meio?)

Você acredita na possibilidade de se tentar o maior número de bloqueios triplos possíveis, tendo em vista a média de altura da equipe?

A média de altura do jogador vai ser levada em consideração na definição da equipe?

Como deve ser o momento do salto de bloqueio com relação ao tipo de bola atacada?

Na Seleção Brasileira o atleta tem liberdade para escolher o tipo e a direção do saque?

Como está sendo realizado o treinamento específico de saque na Seleção Brasileira?

Você utiliza “falsa infiltração” e “falso ataque” na Seleção Brasileira?

Nos amistosos realizados contra Uberlândia e o Banespa, a Seleção Brasileira utilizou poucas jogadas combinadas de ataque?

Quem faz a variação das jogadas combinadas é o levantador ou existe uma pré-definição de que “meio puxa meio”, “ponta bate na ponta”?

Existem variações com relação a mudanças de posições dos jogadores? Eu observei que você está utilizando um jogador de meio como oposto, é isso?

Continuação do Anexo 12: entrevista com Percy Oncken (técnico)

Como é realizada a proteção do ataque na Seleção Brasileira Infanto-Juvenil?
Como ficou distribuído o planejamento de treinamentos da Seleção Brasileira Infanto-Juvenil até o Campeonato Mundial?
Como será definido o capitão da Seleção Brasileira?
Considerando os amistosos já realizados pela Seleção Brasileira, reparei que existiram poucas variações nos levantados, com relação à inversões e jogadas combinadas. Isso ocorreu porque?
Verifiquei também que ocorreu um excesso de saques forçados e errados nos amistosos. Em sua ótica isso ocorreu?
Nos amistosos realizados, verifiquei também que nas jogadas de contra-ataque, houveram muitas jogadas meio. Isso é uma recomendação sua?
Você treina barreira no momento do saque de sua equipe?
Como são suas orientações para a equipe antes e após os jogos? Existe alguma diferença entre vitória e derrota?
Nos amistosos realizados até agora, você sempre chamou a atenção daqueles atletas que ficaram devendo uma boa apresentação. Isso é uma estratégia de ensino?
Vai existir um critério sobre a quantidade de jogadores que serão escolhidos em cada função técnica?
Na definição da posição dos jogadores da equipe titular, como é o posicionamento dos jogadores em relação ao levantador?
Com relação aos sistemas táticos (jogo, defesa e recepção), existe uma diferença muito grande da categoria infanto-juvenil, se comparadas às categorias juvenil e adulta?
Quais as principais deficiências táticas desta Seleção Brasileira?
Qual a evolução verificada da primeira para a segunda fase?
Defina a importância do trabalho integrado de sua comissão técnica para o sucesso da Seleção Brasileira ?
Qual a principal função do médico dentro da comissão técnica? Essas atribuições interferem diretamente em sua prática pedagógica?
Qual a principal função dos fisioterapeutas dentro da comissão técnica? Essas atribuições interferem diretamente em sua prática pedagógica?
Qual a principal função do assistente e do auxiliar técnico?
Qual a principal função do preparador físico dentro da comissão técnica?
Segundo o preparador físico, existe uma interferência do trabalho dele em sua prática pedagógica, pois existe uma definição conjunta entre ele e o técnico sobre a quantidade e a qualidade do trabalho técnico. Você concorda com ele?
Qual é o papel dos supervisores técnicos Bernardinho e Marcos, respectivamente técnicos das Seleções Brasileiras Adulta e Juvenil?
A definição de suas estratégias metodológicas na Seleção Brasileira infanto-juvenil é prerrogativa sua, ou deve seguir um cronograma pré-estabelecido pelas comissões das três seleções (infanto, juvenil e adulta)?
Com a evolução do voleibol, o que se modificou em sua prática pedagógica (em relação as metodologias e estratégias utilizadas) neste período em que você está à frente da Seleção Brasileira Infanto-juvenil?
Eu particularmente reparei que você dá muita ênfase as correções dos gestos técnicos. Você sempre se preocupou com essa qualidade técnica dos atletas?

Continuação do Anexo 12: entrevista com Percy Oncken (técnico)

Os sistemas táticos utilizados pela Seleção Brasileira infanto-juvenil podem ser assimilados pelos demais jogadores da categoria?

Como é definido o trabalho técnico a ser realizado em cada período de treinamento?

Tenho observado que você prefere treinamentos de automatização de gestos técnicos ao invés de treinamentos globais, onde existe o confronto direto. Você é um defensor desse tipo de treinamento?

Mesmo que o gesto técnico específico fuja da realidade do jogo (por exemplo: o atleta fazer o passe de um saque com a bola jogada pelo técnico, fraco)?

Tenho observado que você prefere que o atleta assimile determinado fundamento ao invés de ficar passando por todos ao mesmo tempo. Isso é uma estratégia de ensino, um objetivo definido?

O que você acha dos treinamentos sem bola, como metodologia de ensino (correção de passadas, posicionamentos)?

Você acha que essa categoria é a categoria da correção, nem que seja um atleta da Seleção Brasileira?

Você reparou que no momento de suas correções técnicas, alguns atletas fazem cara de contrariado, porque acreditam estarem executando o gesto técnico de maneira correta, tendo em vista estarem na Seleção Brasileira?

Tenho verificado que de maneira geral, seus educativos envolvem no máximo três fundamentos ao mesmo tempo. Isto é uma estratégia de ensino (o complexo maior você deixa para uma fase mais específica)?

Qual é a principal função do psicólogo dentro da comissão técnica da Seleção Brasileira?

Existem algumas estratégias de ensino, combinadas com o psicólogo, para fortalecer o auto-controle e as características emocionais dos jogadores?

Como é realizado o corte de cada atleta?

Anexo 13: entrevista com Sérgio Maçan (preparador físico)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira?

Seu trabalho é amparado pelos testes que foram feitos aqui na primeira semana. Você pode falar mais ou menos em relação aos testes físicos, quais são os principais objetivos destes testes?

Como é definido o primeiro período de treinamento da Seleção Brasileira?

O que alterou no ponto de vista das exigências físicas dos atletas nesta categoria, as alterações promovidas nas regras da modalidade nos últimos anos no voleibol?

Então a duração do tempo de treinamento foi reduzida em função do novo modelo de jogo?

E você acredita que tenha aumentado a exigência física sobre esses atletas da categoria infanto-juvenil masculino, pois os mesmos já estão especializados técnica e taticamente, exercendo múltiplas e complexas funções ?

Em sua opinião, considerando os três anos em que você faz parte da comissão técnica da Seleção Brasileira na categoria infanto-juvenil masculino, como evoluiu a prática pedagógica do Prof. Percy e de sua equipe neste período?

Você participou da formulação dos critérios de seleção destes atletas, com relação à parte física?

Qual o referencial teórico que você mais utiliza no planejamento de suas atividades na seleção?

Como você entende que deve ser realizado o processo de ensino-aprendizagem do voleibol nesta categoria?

Como você realiza o aquecimento para as sessões de treinamento técnico-tático da Seleção Brasileira?

Anexo 14: entrevista com Antônio Luiz Prado Serenine (psicólogo)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira infanto-juvenil?

O acompanhamento psicológico do grupo começa quando?

Quais são os principais objetivos das reuniões de grupo realizadas periodicamente?

Qual o significado de couth psicológico?

Você observa algum problema psicológico que ocorra mais especificamente nessa faixa etária?

Considerando que você está junto com o Percy há doze anos, quais as principais mudanças que ocorreram na prática pedagógica dele, tendo em vista a evolução ocorrida no voleibol?

Ocorreu alguma mudança que tenha relação com a parte psicológica?

Com as alterações nas regras do voleibol, que tornou o esporte mais competitivo e exigente, existiu alguma mudança específica na prática pedagógica do Percy com relação a essas novas exigências das regras, como exercícios específicos para evitar o erro, pois todo erro passou a ser ponto?

O que você pode sugerir em relação à metodologia de ensino para os treinadores que trabalham na categoria infanto-juvenil?

Você disse que a especialização de funções na categoria infanto-juvenil é completa nesse momento. Em sua opinião, os atletas dessa categoria já estão amadurecidos psicologicamente para assumir essas responsabilidades?

Baseado em sua visão de formação técnica dos atletas de voleibol, que tipo de metodologia você sugere para o processo de ensino-aprendizagem do voleibol nas categorias menores?

Com relação ao método global nas categorias menores, como você sugere que seja a confrontação? Muita competição, jogos adaptados, pequenos jogos?

Qual sua opinião sobre os comportamentos afetivos negativos e positivos por parte do técnico, com relação a seus atletas, na categoria infanto-juvenil?

Qual é a sua sugestão de uma prática pedagógica que seja eficiente para a categoria infanto-juvenil e que promova as questões que você tanto valoriza como: segurança, equilíbrio, confiança nos atletas?

Anexo 15: entrevista com Hécio Nunam Macedo (supervisor)

Quais os critérios da Confederação Brasileira de Voleibol para a escolha da comissão técnica das seleções de base?

Quais os critérios da Confederação Brasileira de Voleibol para a seleção dos atletas?

Como são cobertos os custos financeiros dos treinamentos das seleções?

Existe um trabalho integrado nas seleções infanto-juvenil, juvenil e adulto, com relação às metodologias de treinamento e os sistemas táticos?

Qual é a contribuição da categoria infanto-juvenil com relação à formação de valores para a seleção principal e também para os clubes?

Qual é a performance da categoria infanto-juvenil masculina nas competições internacionais em que o Brasil participou?

Qual é a sua posição pessoal sobre a evolução técnica e tática do voleibol?

Qual é a sua posição pessoal sobre as principais alterações ocorridas no regulamento do voleibol nos últimos anos (ponto corrido, libero, defesas livres)?

Anexo 16: entrevista com Antônio Cláudio de Resende (assistente técnico)

Qual é a sua atribuição na comissão técnica da Seleção Brasileira?

Qual é esta fase que está sendo desenvolvida em Minas Gerais?

Existe especialização de funções por parte dos atletas nesta fase?

Os atletas já foram convocados de acordo com a posição em que ocupam?

Em que momento vocês entram na definição de sistemas táticos?

Quais são os sistemas de jogo, defesa e recepção mais utilizados pela Seleção Brasileira infanto-juvenil masculina?

Nesta categoria todos os atletas participam dos treinos específicos para ataque do fundo da quadra?

Quais foram as principais alterações técnico-táticas ocorridas no voleibol com as últimas mudanças nas regras da modalidade?

O que se modificou na formação técnica dos atletas e táticas das equipes, com as novas regras implantadas no voleibol?

Você considera que a categoria infanto-juvenil, tendo em vista tratar-se de uma idade de transição, já pode especializar os atletas?

O que se alterou na prática pedagógica do Prof. Percy desde o ano de 1993, quando vocês começaram a trabalhar juntos na Seleção Brasileira?

Existe um trabalho técnico-tático integrado entre as seleção infanto-juvenil, juvenil e adulta?

Em sua opinião pessoal, qual é a melhor metodologia no processo de ensino-aprendizagem do voleibol?

Vocês utilizam recursos de multimídia para a correção e aperfeiçoamento dos gestos técnicos dos atletas?

Vocês utilizam recursos de biomecânica para a correção e aperfeiçoamento dos gestos técnicos dos atletas?

Existe um trabalho específico de correção técnica para aqueles atletas que apresentem maiores dificuldades em determinado fundamento?

Como você percebe o trabalho específico de defesa na categoria infanto-juvenil masculina?

Existe algum momento onde os treinamentos técnico-táticos sejam somente para os jogadores especialistas?

Vocês realizam trabalho de jogo coletivo entre titulares e reservas?

Anexo 17: termo consentimento atletas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física



Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor.

Considerando a resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta pesquisa tem por objetivo verificar de que forma o técnico do selecionado brasileiro de voleibol está desenvolvendo sua prática pedagógica, tendo em vista a rápida evolução tática e técnica deste esporte. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações que permitam tomar decisões mais acertadas na operacionalização de processos de treinamento desta modalidade.

A metodologia da coleta de dados prevê a observação dos treinamentos técnicos táticos da equipe, através de filmagem em vídeo e a realização de entrevistas semi-estruturadas com o técnico, a comissão técnica e os atletas da Seleção Brasileira.

Deixamos claro, que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades da seleção e que todas as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa e mantidas em sigilo e anonimato. Torna-se relevante ressaltar que os todos os convidados a participar desta pesquisa poderão se retirar ou se negar a continuar neste processo a qualquer momento.

De acordo com o esclarecido, aceito participar da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos e metodologia utilizada.

_____, ____ de _____ de 2003

Nome: _____

assinatura

Anexo 18: termo de consentimento pais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física



Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Prezado Senhor.**

Considerando a resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta pesquisa tem por objetivo verificar de que forma o técnico do selecionado brasileiro de voleibol está desenvolvendo sua prática pedagógica, tendo em vista a rápida evolução tática e técnica deste esporte. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações que permitam tomar decisões mais acertadas na operacionalização de processos de treinamento desta modalidade.

A metodologia da coleta de dados prevê a observação dos treinamentos técnicos táticos da equipe, através de filmagem em vídeo e a realização de entrevistas semi-estruturadas com o técnico, a comissão técnica e os atletas da Seleção Brasileira.

Deixamos claro, que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades da seleção e que todas as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa e mantidas em sigilo e anonimato. Torna-se relevante ressaltar que os todos os convidados a participar desta pesquisa poderão se retirar ou se negar a continuar neste processo a qualquer momento.

De acordo com o esclarecido, aceito que meu filho _____ participe da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos e metodologia utilizada.

_____, ____ de _____ de 2003

assinatura

Anexo 19: termo consentimento Percy Oncken

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br



Considerando a resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta pesquisa tem por objetivo verificar de que forma o técnico do selecionado brasileiro de voleibol está desenvolvendo sua prática pedagógica, tendo em vista a rápida evolução tática e técnica deste esporte. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações que permitam tomar decisões mais acertadas na operacionalização de processos de treinamento desta modalidade.

A metodologia da coleta de dados prevê a observação dos treinamentos técnicos táticos da equipe, através de filmagem em vídeo e a realização de entrevistas semi-estruturadas com o técnico, a comissão técnica e os atletas da Seleção Brasileira.

Deixamos claro, que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades da seleção e que todas as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa e mantidas em sigilo e anonimato. Torna-se relevante ressaltar que os todos os convidados a participar desta pesquisa poderão se retirar ou se negar a continuar neste processo a qualquer momento.

De acordo com o esclarecido, aceito participar da pesquisa intitulada “A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infante-Juvenil”, estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos e metodologia utilizada.

Poços de Caldas, ____ de _____ de 2003

Prof. Percy Oncken
Técnico da Seleção Brasileira de voleibol Infante-Juvenil

Anexo 20: termo de autorização do supervisor

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER DO SUPERVISOR DE SELEÇÕES DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL**

Na qualidade de Supervisor de Seleções da Confederação Brasileira de voleibol (CBV), declaro para os devidos fins estar ciente da participação do técnico da Seleção Brasileira de Voleibol Infanto-juvenil masculino, Prof. Percy Oncken, bem como dos atletas selecionados, na pesquisa do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada: “A Prática Pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infanto-Juvenil”, contribuindo assim, com a coleta de dados desta investigação. Após a análise do estudo e tendo a clara compreensão de seus objetivos, sou de parecer favorável a sua realização.

Poços de Caldas, ____ de _____ 2003

Hélcio Nunam Macedo
Supervisor de Seleções CBV

Anexo 21: autorização superintendente CBV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado



Campus Universitário – Trindade – Florianópolis (SC) – CEP 88040-900
 Fone/Fax – (0XX) 48-331-9792
mestrado@cds.ufsc.br / milton.anfilo@uol.com.br

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER DO SUPERINTENDENTE DE SELEÇÕES
 DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL**

Declaro para os devidos fins, que como superintendente de seleções da Confederação Brasileira de voleibol (CBV), estou ciente de que o Técnico de voleibol e os atletas selecionados para a categoria Infanto-Juvenil, poderão vir a fazer parte do estudo “A Prática Pedagógica do treinador da Seleção Brasileira de voleibol na Categoria Infanto-Juvenil e o processo de Evolução Tática e Técnica do Voleibol”, contribuindo assim, com a coleta de dados desta investigação. Após a análise do estudo e tendo a clara compreensão de seus objetivos, sou de parecer favorável a sua realização.

_____, ____ de _____ 2003

Paulo Marcio Nunes da Costa
Superintendente de Seleções
Confederação Brasileira de Voleibol

Anexo 22: parecer do comitê de ética da UFSC